

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL DA
CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA $UM(a) N1$ de $N2$

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL DA
CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA UM(a) N1 de N2

POR

NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO FUMAUX

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

**Orientador(a): Karen Sampaio Braga
Alonso**

Rio de Janeiro

Outubro, 2022

CIP - Catalogação na Publicação

F976m Fumaux, Nuciene Caroline Amphilóphio
UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE
COLOSTRUCIONAL DA CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA UM(a)
N1 de N2 / Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux. --
Rio de Janeiro, 2022.
196 f.

Orientadora: Karen Sampaio Braga Alonso.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2022.

1. Linguística. 2. Linguística Funcional Centrada
no Uso. 3. Gramática de Construções. 4. Construções
Binominais quantificadoras. 5. Monte, montanha,
enxurrada e chuva. I. Sampaio Braga Alonso, Karen,
orient. II. Título.

UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL DA
CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA UM(a) N1 de N2

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karen Sampaio de Braga Alonso

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

Professora Doutora Karen Sampaio Braga Alonso – UFRJ – Orientadora

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ

Professor Doutor Diego Leite de Oliveira – UFRJ

Professora Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira – UFRJ

Professora Doutora Carolina Piechotta Martins Santos – UFRJ

Professor Doutor Roberto de Freitas Junior – UFRJ – Suplente

Professora Doutora Júlia Langer de Campos – UFRJ - Suplente

Rio de Janeiro

Outubro de 2022

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que
tudo fizeram em prol
da educação de seus
filhos.

AGRADECIMENTOS

Chegar a este momento não foi fácil, penso em uma música que diz: “você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui...”. De fato, esta é a minha sensação, de caminho percorrido e de obstáculos vencidos, contudo cheguei até aqui e não poderia ter conseguido sozinha obviamente. Em primeiro lugar, como no mestrado, gostaria de agradecer a Deus e as intercessões de Nossa Senhora por ter conseguido passar por todas as etapas necessárias até este momento. Em segundo lugar, não posso não lembrar de todo esforço dos meus pais para que eu e meu irmão tivéssemos a melhor educação possível. Hoje, com muita saudade penso que meu pai Celso não está mais aqui para viver este momento comigo. Contudo, os seus ensinamentos e as memórias de nossa convivência irão comigo para onde eu for e estão muito vivas em meu coração. Não há palavras para agradecer a importância e o privilégio de tê-lo em minha vida. A minha mãe, gostaria de dizer que você é inspiradora para mim, a sua força e fé são as maiores referências que eu poderia ter, sem você como pilar eu jamais teria ido tão longe. Você é meu exemplo de mãe, mulher e profissional. Obrigada por estar incondicionalmente ao meu lado em todos os momentos e ser a minha melhor amiga.

Como não agradecer ao meu irmão William? Seria uma vida sem graça se eu não tivesse tido você ao meu lado, que é alegria da casa e de nossas vidas. Ter um irmão é nunca estar sozinho e ter o meu irmão é exatamente assim, você é companheiro de todos os momentos, do futebol ao filme, das dúvidas sobre tecnologia ao vídeo engraçado. Sortuda que sou, ainda tirei o bilhete premiado ao conhecer meu marido Vinícius, que é tão parceiro e que sonha todos os meus sonhos, apoia todos os meus projetos sem egoísmo e é o maior incentivador. Obrigada por 11 anos de uma vida feliz e por em todos os momentos ser meu ponto de equilíbrio. Eu amo muito vocês.

Agradeço, também, aos meus familiares que me apoiam em todas as fases, padrinhos, tios, sogros, compadres e afilhados e a todos os amigos que torcem, rezam e emanam as melhores energias para mim. Gostaria de agradecer especialmente ao meu amigo Dennis, grande companheiro da vida acadêmica que invadiu minha vida. Obrigada por caminhar de braços dados comigo em todos os momentos e por todo apoio e incentivo nos momentos felizes e também nos mais difíceis.

Como não agradecer à Karen por uma parceria tão linda e produtiva, obrigada por todo carinho, atenção e ensinamentos nos últimos anos, definitivamente será eternamente a minha orientadora. É essencial destacar o meu grupo de pesquisa, formado por pessoas

maravilhosas, sem exceção, e liderado pela professora Maura, que é a grande responsável por eu seguir o caminho da Linguística, suas aulas no primeiro período me cativaram para sempre. Agradeço a Carol, Juliana e Gabrielle pela revisão do texto desta pesquisa. Agradeço, ainda, ao Diego Oliveira por todas as discussões que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Gostaria de agradecer ao CNPq, à CAPES que proporcionaram a mim viver de pesquisa durante a graduação, mestrado e parte do doutorado. Destaco, ainda, os dois últimos anos, em que pude ser bolsista nota 10 da FAPERJ, o que me deixa orgulhosa de minha trajetória. Por mim, agradeço à banca de minha defesa e qualificação por valorosas contribuições a esta pesquisa.

SINOPSE

Análise dos usos das construções binominais quantificadoras do tipo N1 de N2 no português brasileiro, que tem como objetivo entender se os diferentes nomes quantificadores influenciam em diferentes sentidos por elas expressos.

RESUMO

UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL DA CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA UM(a) N1 de N2

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karen Sampaio Braga Alonso

Resumo da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os usos das microconstruções binominais quantificadoras *um monte de N2*, *uma montanha de N2*, *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2*, que estão inseridas em um nível mais esquemático UM(a) N1 de N2. Realizamos o trabalho com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BARLOW & KEMMER, 2000; GOLDBERG, 1995; 2006; 2019; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2010; 2013; DIESSEL, 2019). A tese tem como hipótese geral a ideia de que as microconstruções binominais quantificadoras demonstram diferentes usos. Desta forma, o trabalho possui como objetivo geral compreender quais são as propriedades semânticas e pragmáticas de cada microconstrução a partir de análise de seus N2, isto é, os nomes que instanciam o seu *slot*; bem como entender de que forma os nomes quantificadores (NQ) *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva* podem influenciar nos sentidos de seus construtos. Para tanto, em uma primeira etapa, realizamos uma análise qualitativa acerca dos itens mais frequentes e, posteriormente, desenvolvemos uma análise colostrucional que confirmou os itens mais atraídos para a construção. Desta forma, como desconfiávamos, comprovamos que as microconstruções binominais quantificadoras recrutam diferentes exemplares, que estabelecem em menor ou em maior grau coerência de sentido com os nomes quantificadores.

Rio de Janeiro
Outubro de 2022

ABSTRACT

UM MONTE DE QUANTIFICADORES: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL DA CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA UM(a) N1 de N2

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karen Sampaio Braga Alonso

Abstract da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.

The aim of this study is to investigate the use of the quantifying binominal micro constructions “*um monte de N2, uma montanha de N2, uma enxurrada de N2* and *uma chuva de N2*”, which represent a more schematic level “*UM(a) N1 de N2*”. This approach is based on Usage-Based Linguistics (cf. BARLOW & KEMMER, 2000; GOLDBERG, 1995; 2006; 2019; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2010; 2013; DIESSEL, 2019). The general hypothesis is that the quantifying binominal micro constructions have different uses. Therefore, the main objective of this study is to understand the semantic and pragmatic properties of each micro construction based on their N2, i.e, the names that instantiate slot 2, as well as how the “quantifier” names (NQ) *monte, montanha, enxurrada, and chuva* affect the meanings of their constructs. For this we can use a number of strategies. As a first step, this study was conducted through a qualitative analysis of the most frequent items. In the second step, we developed a colostrucional analysis to confirm which items are most attracted to the construction. In this way, we were able to demonstrate, as we had suspected, that the quantifying binominal microconstructions recruit different examples that establish coherence with quantifier names to a greater or lesser degree.

Rio de Janeiro
Outubro de 2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
1.1. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)	21
1.2. A Gramática de Construções e a LFCU	29
1.3. O conhecimento linguístico e a LFCU	34
2. REVISÃO DA LITERATURA	40
2.1. Construções binominais na literatura do PB	40
2.2. Construções binominais na literatura estrangeira	48
2.3. Análise colostrucional em Construções binominais quantificadoras	52
2.4. Falando sobre quantificadores	57
3. METODOLOGIA	61
3.1. Coleta de dados	62
3.2. A análise qualitativa dos dados	65
3.3. A análise quantitativa dos dados	66
4. ANÁLISE DE DADOS	73
4.1. A microconstrução um monte de N2	73
4.1.1. A frequência dos itens no <i>slot</i> de um monte de N2	73
4.1.2. A análise colostrucional de um monte de N2	90
4.2. A microconstrução uma montanha de N2	105
4.2.1. A frequência dos itens no <i>slot</i> de um montanha de N2	105
4.2.2. A análise colostrucional de um montanha de N2	119
4.3. A microconstrução uma enxurrada de N2	131
4.3.1. A frequência dos itens no <i>slot</i> de uma enxurrada de N2	132
4.3.2. A análise colostrucional de um enxurrada de N2	146
4.4. A microconstrução uma chuva de N2	156
4.4.1. A frequência dos itens no <i>slot</i> de uma chuva de N2	157
4.4.2. A análise colostrucional de uma chuva de N2	171
4.5. Os sentidos das perfilados pelas microconstruções	179

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1: Forma e significado (Pinheiro, 2016)	31
Figura 2: Rede de conhecimento conceptual (Diessel, 2020)	36
Figura 3: Papéis semânticos (Diessel, 2020)	37
Figura 4: Encadeamento linguístico (Diessel, 2020)	38
Figura 5: Rede de construções gramaticais (Diessel, 2020)	38
Figura 6: Qualia original dos nomes monte e chuva (Brodbeck, 2010)	41
Figura 7: Qualia de monte e chuva como quantificadores (Brodbeck, 2010)	42
Gráfico 1: Frames evocados (Tavares, 2018)	45
Figura 8: Imagens de <i>alud</i> e <i>aluvión</i> (Verveckken & Delbecq, 2018)	51
Quadro 1: Gêneros e fontes encontrados no corpus (WWW.Linguatca.pt)	63
Figura 9: Busca por palavras no corpus (WWW.Linguatca.pt)	64
Figura 10: Resultado da procura no corpus (WWW.Linguatca.pt)	64
Quadro 2: Nível de significância (Stefanowitsch, 2020)	69
Figura 11: Tabela do Excel para análise colexêmica	71
Tabela 1: A frequência dos itens no slot de um monte de N2.....	74
Figura 12: Rede semântica de um monte de N2	78
Tabela 2: A análise colostrucional de um monte de N2	91
Tabela 3: A frequência dos itens no slot de uma montanha de N2	106
Figura 13: Rede semântica de uma montanha de N2	108
Tabela 4: A análise colostrucional de uma montanha de N2	120
Tabela 5: A frequência dos itens no slot de uma enxurrada de N2	133
Figura 14: Rede semântica de uma enxurrada de N2	135
Tabela 6: A análise colostrucional de uma enxurrada de N2	147
Tabela 7: A frequência dos itens no slot de uma chuva de N2	158
Figura 15: Rede semântica de uma chuva de N2	160
Tabela 8: A análise colostrucional de uma chuva de N2	172
Tabela 9: Exemplaes em comum entre as microconstruções	180

INTRODUÇÃO

Este trabalho consistirá em uma análise do uso das microconstruções (TRAUGOTT, 2008) binominais quantificadoras: *um monte de N2*, *uma montanha de N2*, *uma enxurrada N2* e *uma chuva de N2* no português do Brasil, sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BARLOW & KEMMER, 2000; GOLDBERG, 1995; 2006; 2019; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2010; 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE 2013; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019).

A presente pesquisa tem como desafio responder às perguntas que surgiram durante a escrita da dissertação de Fumaux (2018). No referido trabalho, foi estudada a construcionalização de *um monte de SN* e a influência que os itens e sintagmas nominais tiveram para que ocorresse uma mudança de significado e de forma na construção qualitativa e surgisse na língua um novo modo de quantificar, que tem o padrão [artigo indefinido N1 de N2]. Durante o processo de escrita, foi interessante perceber como itens como *gente* e *coisas* pareciam ser frequentemente quantificados pela construção com *monte*. Essa constatação despertou o questionamento de quais referentes apareceriam com frequência no *slot* da construção e se outras construções com o mesmo padrão teriam as mesmas ou outras preferências. Desta forma, selecionamos microconstruções apresentadas para a realização da investigação.

Ao pensarmos quais poderiam ser as microconstruções a ser pesquisadas, entendemos que muitos nomes no PB poderiam ser selecionados como um nome quantificador, isto é, um nome que pode ser um quantificador em potencial. Desta forma, decidimos que a construção com o nome *montanha* (*uma montanha de N2*) deveria ser investigada, a fim de identificarmos se os nomes *monte* e *montanha*, tão próximos em seus significados literais, recrutariam itens parecidos e se comportariam de modo semelhante. Posteriormente, decidimos que seria interessante pesquisar sobre as microconstruções quantificadoras *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2*, já que acreditávamos que os itens lexicais *enxurrada* e *chuva* teriam em comum a ideia de movimento na construção.

As microconstruções em foco são chamadas binominais por apresentarem uma relação entre dois nomes (N1 de N2) e apresentam a forma ART INDEF N1 de N2 e o sentido de quantificar um referente. Vejamos alguns exemplos: *um monte de gente*, *uma montanha de dinheiro*, *uma enxurrada de ações* e *uma chuva de balas*. O N1 é um *slot* aberto em construções binominais quantificadoras; neste trabalho, entendemos que os itens que instanciam esse espaço podem ser chamados de nomes quantificadores (NQ). Esses nomes

são recrutados como quantificadores em potencial nas microconstruções e a sua semântica parece ser fundamental para a construção de sentido de uma microconstrução quantificadora, ao menos inicialmente.¹

Observamos que, em construções desse tipo, há uma avaliação do falante de grande quantidade de um referente expresso por N2, por conta disso, procuramos investigar se há relação entre os sentidos de N1 e N2 na construção, já que acreditamos que o sentido mais transparente do nome quantificador que instancia o *slot* N1 pode combinar, semanticamente, com o tipo de referente a ser quantificado. Objetivamos, assim, nesta pesquisa, entender se – embora aparentemente sinônimas – essas microconstruções apresentam diferentes distribuições colocacionais na língua, privilegiando o recrutamento de diferentes nomes, já que os nomes quantificadores apresentam diferenças semânticas. Vejamos alguns exemplos que ilustram esses usos:

- (1).<p>: Há **um monte de coisas** nele para admirarmos, mas, antes, um **monte de perguntas** a fazer (*CORPUS BRASILEIRO*).
- (2).<p>: Não se deve ficar fazendo todo mundo de trouxa, exigindo **uma montanha de papéis**, até que a maioria dos interessados, exausta da labuta de uma vida inteira no roçado, venha a sucumbir, devido ao estresse e à raiva, na hora da aposentadoria. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (3).<p>: Ao correr o risco de sofrer **uma enxurrada de ações**, a empresa acabou voltando atrás. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (4).<p>: Descontadas as falhas de organização e mesmo museológicas -- algumas primárias --, a exposição logrou reunir, em meio a **uma chuva de críticas**, a mais completa coleção de arte produzida neste século no Brasil e expô-la ao público a preços acessíveis. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Analisaremos, assim, o uso das chamadas microconstruções binominais quantificadoras na língua portuguesa. De acordo com Verveckken & Delbecque (2018), nomes quantificadores são nomes que possuem potencial para a quantificação além dos seus

¹ Observamos que em exemplos muito idiomáticos pode não ser possível recuperar o sentido literal do nome quantificador, o grau de composicionalidade nos construtos estudados é diferente.

significados lexicais. Para as autoras, as construções binominais são uma forma específica de construir uma interpretação acerca da quantidade expressa por N2, além daquelas expressas pelos quantificadores tradicionais, como, por exemplo, “muito”; possivelmente, para as microconstruções em foco, nesta pesquisa, haja uma conceptualização diferente da evocada pelos quantificadores canônicos.

O paradigma de nomes quantificadores possui aqueles que são mais frequentes:

(5) Havia **um bocado² de gente** na festa ontem.

(6) Havia **um monte de gente** na festa ontem.

Mas também, é aberto para todos aqueles nomes com potencial para a quantificação:

(7) **Um exército de formigas** apareceu na minha casa ontem.

(8) **Uma galáxia de oportunidades** surgiu.

Desta forma, entendemos que as construções binominais quantificadoras são uma ferramenta útil para quantificação expressiva/hiperbólica. A manutenção da semântica do nome quantificador pode influenciar para que a construção não seja um novo nó na rede de construções binominais quantificadoras, isto é, se ela passará pelo processo de construcionalização. Se tal construção recrutar muitos itens que possuam coerência semântica com o sentido literal do NQ, ela será mais composicional e menos esquemática (cf. VERVECKKEN & DELBECQUE, 2018). Acreditamos que as construções mais antigas e convencionalizadas na língua permitem a criação online durante o uso de novos construtos e o recrutamento de novos nomes quantificadores com potencial para a quantificação via pensamento analógico (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Entendemos que as construções são pareamentos de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; 2006) e que seus significados são compreendidos a partir do todo, e não da soma dos significados individuais de cada palavra que as compõem. Logo, o sentido quantificador que é expresso pelas construções estudadas é fruto da soma do *chunk um³ monte de/ uma montanha de/ uma enxurrada de/ uma chuva de* mais o N2 que aparecerá em no *slot* de N2, formando assim um *chunk* ainda mais complexo.

² A construção com *bocado* também pode significar pouca quantidade em alguns contextos.

³ Nesta pesquisa, consideramos que a presença do artigo indefinido é mais recorrente na construção, e, possivelmente, um *chunk* mais sólido. Trabalhamos com este *slot* preenchido pelo artigo indefinido.

A Linguística Funcional Centrada no Uso é assim denominada em correspondência com a *Usage-Based Linguistics*⁴ na literatura estrangeira, uma tendência mais atual de estudos funcionalistas. Esta corrente teórica une conceitos do Funcionalismo norte-americano e os da Linguística Cognitiva. Segundo esse modelo teórico, o conhecimento linguístico é desenvolvido a partir da experiência do falante com a língua, ou seja, com o uso. A partir de usos mais específicos, padrões mais gerais são adquiridos cognitivamente. Entendemos, assim, a língua como um grande inventário de construções, que é adquirido e atualizado a partir das nossas experiências linguísticas, desde o nível fonético até a pragmática.

As chamadas “construções” são objeto de interesse de linguistas há bastante tempo. Inicialmente, em uma perspectiva formalista, as construções foram consideradas epifenômenos e, por isso, não foram o objeto central das pesquisas. As construções e seus sentidos idiomáticos eram, afinal, difíceis de serem explicadas pelo sistema de regras gerativistas. Contudo, com o surgimento da Gramática de Construções – assim chamada pelo foco atribuído a elas – nos anos de 1980, com os trabalhos de Fillmore (1985; 1988), Lakoff (1987) e Fillmore, Kay e O’Connor (1988), entre outros, as construções se tornaram o foco dos estudos linguísticos.

Desde então, a Gramática de Construções se desenvolveu e obteve diversos trabalhos desenvolvidos a partir da ótica de seu modelo teórico-metodológico. O modelo é considerado um guarda-chuva, pois abarca mais de uma linha teórica. Uma delas é considerada mais formal, e a outra é considerada menos conservadora, esta é formada pela Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006), Radical Construction Grammar (CROFT, 2001) e Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987; 2000). Essa linha teórica menos conservadora é chamada atualmente de Gramática de Construções baseada no uso. O seu aporte teórico é fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

Entendemos, nesta pesquisa, que a linguagem é fruto de habilidades cognitivas gerais, ela é parte da cognição humana assim como outros tipos de habilidades cognitivas. O conhecimento linguístico é armazenado em nossa memória em feixes de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001), que são estocados a partir de nossa experiência com a língua e dispostos em categoria por similaridade. No caso das construções estudadas, buscamos entender quais nomes são armazenados como exemplares dos *slots* das construções, assim como as categorias em que estão distribuídos esses exemplares.

⁴ Linguística baseada no uso. O termo usage-based models foi proposto inicialmente por Langacker (1987).

Nesta pesquisa, consideramos as construções como emparelhamentos de forma e função, compreendidas desde morfemas, palavras, esquemas semipreenchidos a expressões idiomáticas etc. Acreditamos que as construções estão dispostas em uma rede. Essa rede de construções é composta por níveis esquemáticos, o nível mais baixo é o do uso da língua, de onde absorvemos os padrões mais específicos. A partir desses padrões de uso específicos são abstraídas as regras mais gerais da língua, portanto, o geral emerge do específico, e o específico é mais diretamente tomado da experiência do falante. Na rede, postulam-se, assim, os seguintes níveis esquemáticos: esquemas, que cobrem o nível esquemático mais geral, por exemplo, *Um N1 de N2*; subesquemas, que correspondem ao conjunto de construções que apresentam comportamento semelhante, por exemplo, *construções binominais quantificadoras*; microconstruções, os tipos individuais de construções, por exemplo, *um monte de N2, uma montanha de N2 etc.*; e Construtos, os dados empiricamente testados, que são o lugar da mudança, por exemplo, *um monte de crianças, uma montanha de dinheiro* (cf. GOLDBERG; 1995; 2006; TRAUGOTT; 2008).

Adotamos a visão de Diessel (2019), que entende que pensar em construções como rede envolve tipos diferentes de relações associativas, como explicaremos no capítulo a seguir. Além disso, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, analisamos, ainda, as microconstruções a partir do entendimento de que a gramática da língua é *bottom-up*, por isso, é importante investigar as instâncias de uso primeiro e depois os subesquemas e esquemas.

Neste estudo, todas as microconstruções desempenham um papel de quantificar um nome ou SN na língua – neste trabalho nos dedicaremos a estudar nomes ou o núcleo de um sintagma nominal. Esperamos, assim, fazer um estudo sobre as microconstruções quantificadoras, para, então, descrever o modo como se distribuem na língua portuguesa, em termos dos contextos colocacionais em que cada uma aparece preferencialmente, das suas especificidades como pareamento forma-sentido, além do modo como as construções interagem na rede linguística. Para tanto, pretendemos analisar os tipos de nomes que instanciam o *slot* aberto de cada uma das microconstruções. De acordo com Hilpert (2014), as construções podem apresentar restrições ou preferências em seus *slots*, desta forma pretendemos entender se essas construções são plenamente intercambiáveis, ou se os contextos em que as construções aparecem são diferentes.

Goldberg (2019) observa que as restrições e generalizações das construções são apreendidas pelos mesmos mecanismos. E aborda o conceito de cobertura, isto é, a abrangência das construções irá variar de acordo com as instâncias atestadas. Sendo assim,

compreendemos que certos nomes não instanciarão todas as construções e certos contextos poderão favorecer uma ou outra construção.

Além disso, pretendemos observar qualitativamente a transparência das microconstruções, isto é, o quanto que o falante ainda é capaz de recuperar o sentido do nome quantificador (*monte, montanha, enxurrada e chuva*) na construção. A recuperação ou não do sentido irá influenciar em uma coerência semântica maior ou menor com os nomes recrutados. A possível opacidade da semântica do nome quantificador está diretamente relacionada ao grau de construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) de cada uma das construções quantificadoras.

Para entender a relação entre as microconstruções estudadas e os itens que aparecem em seu *slots*, realizamos uma análise quantitativa que se divide em duas partes. Primeiro observaremos a frequência dos *types*, os alcances das microconstruções e suas relações semânticas, depois realizaremos a análise colostrucional (STEFANOWITSCH & GRIES, 2003). Esse tipo de análise tem como objetivo medir a força de atração, a chamada força colostrucional, entre os lexemas e as construções. Assim, iremos comentar qual delas foi mais importante para esta pesquisa e será possível contribuir um pouco com o debate fomentado na literatura. Faremos, ainda, uma análise qualitativa que contribuirá para a interpretação dos resultados quantitativos. Para isso, realizamos uma busca pelas construções no *Corpus Brasileiro* no portal Linguatca.

Pretendemos, assim, entender se *um monte de N, uma montanha de N, uma enxurrada N e uma chuva de N*, que aparentemente são semanticamente semelhantes, podem demonstrar diferentes usos. Desta forma, a pesquisa possui como objetivo geral compreender quais são as propriedades semânticas e pragmáticas de cada construção binominal quantificadora a partir de análise de seus N2, isto é, os nomes que instanciam o seu *slot*. Desta forma, esse objetivo mais amplo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- (1) Postular quais são os itens mais atraídos para cada uma das microconstruções binomiais quantificadoras a partir de uma análise colostrucional que apresentará a força de atração entre os N2 e a microconstrução;
- (2) Verificar as diferenças e semelhanças distribucionais entre as microconstruções e entender como se comporta cada uma no *corpus*;
- (3) Investigar os possíveis agrupamentos semânticos que podem ocorrer entre os N2s;
- (4) Encontrar os fatores semântico-pragmáticos que permeiam cada microconstrução binominal quantificadora estudada em seus contextos de uso.

Apresentaremos, a seguir, as hipóteses, que foram formuladas a partir da observação dos dados. Formulamos a hipótese geral de que as microconstruções estudadas possuem diferentes distribuições colocacionais na língua, privilegiando o recrutamento de diferentes nomes. As seguintes hipóteses específicas, as quais podem ser relacionadas aos objetivos supracitados, foram tomadas como norteadoras para a presente pesquisa:

(a) As microconstruções quantificadoras atrairão diferentes tipos de exemplares, e as forças de atração irão variar, de acordo com cada microconstrução, isto é, elas apresentarão forças colocacionais variadas por diferentes referentes;

(b) O nome quantificador (*monte*, *montanha*, *enxurrada* ou *chuva*) influenciará na combinação com um N2, pois o grau de coerência entre nome quantificador e nome quantificado parece afetar, como consequência, a escolha do falante por uma ou outra microconstrução;

(c) As construções binominais quantificadoras possuem preferências colocacionais, tendo o seu sentido construído a partir da sua relação com os grupos semânticos dos itens recrutados por elas em seu contexto de uso;

(d) Cada microconstrução apresentará particularidades e sentidos próprios construídos por influência do NQ além da quantificação, permeando, assim, diferentes nichos na rede de construções binominais quantificadoras. O grau de composicionalidade é diferente nas construções, visto que a transparência nome quantificador parece ser maior em algumas microconstruções, o que estabelece diferentes relações de sentido entre as construções e os referentes que aparecem em seus *slots*.

A seguir, apresentaremos quatro capítulos. O primeiro capítulo é sobre os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que serviram como fonte para esta pesquisa. Nele, destacamos os principais entendimentos teóricos que embasam nossas ideias. No segundo capítulo, revisitamos trabalhos sobre construções binominais quantificadoras na literatura estrangeira e nacional. Posteriormente, apresentaremos a metodologia da análise realizada e descreveremos os resultados encontrados no último capítulo. Por fim, elucidaremos as nossas conclusões sobre esta pesquisa em Considerações finais.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta parte do trabalho, apresentaremos os pressupostos teóricos que orientam a nossa reflexão em relação aos pontos principais desta pesquisa. Esta seção está dividida em subseções importantes para o entendimento da teoria. A primeira subseção é uma explicação acerca da teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso. A segunda subseção traz explicações sobre a gramática de construções. Adiante, falaremos sobre o entendimento da teoria acerca do conhecimento linguístico.

1.1. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Esta pesquisa é desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. De acordo com essa teoria, o conhecimento linguístico emerge e é moldado pelo uso, isto é, nossas experiências com a língua impactam diretamente nosso conhecimento linguístico, que é diretamente e totalmente absorvido do uso da língua. O termo Linguística Funcional Centrada no Uso está em consonância com o termo *Usage-Based Linguistics*, inicialmente proposto por Langacker (1987) e desenvolvido na literatura estrangeira.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) une os conceitos do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva. A primeira desenvolveu uma tendência de estudar as línguas de um ponto de vista funcional, como vimos nos trabalhos de Halliday, entendendo que a língua deve ser explicada a partir da observação dos contextos linguísticos e da situação extralinguística, considerando assim, a gramática como um organismo maleável, que se adapta. A Linguística Cognitiva, termo inicialmente proposto por autores como Lakoff, Langacker e Talmy, entende que a linguagem é uma habilidade cognitiva, fruto de princípios gerais compartilhados pela linguagem e por outras capacidades da cognição. A Linguística Funcional Centrada no Uso atrela, assim, os dois entendimentos, a de língua como fruto da experiência e a de que a linguagem é regida por habilidades mentais.

A LFCU entende que a gramática é moldada pelo uso, de modo que os falantes absorvam, desde a aquisição da linguagem, padrões mais gerais a partir de padrões mais específicos na experiência com a língua. Dessa forma, a partir de habilidades cognitivas de domínio geral, ou seja, não especificamente relacionadas à linguagem, desenvolveremos a capacidade de adquirir uma gramática a partir do meio em que estamos inseridos. A teoria prioriza, assim, a investigação de situações reais de uso e estudos dos contextos linguísticos.

De acordo com Barlow e Kemmer (2000), um modelo baseado no uso entende que o sistema linguístico do falante é, fundamentalmente, baseado em eventos de uso, isto é, em instâncias de produção e compreensão da língua de um falante. Os autores postulam, então, três entendimentos necessários: o primeiro deles é que as instâncias de uso são a base para a formação do sistema linguístico de um falante, pois são das experiências com a língua que o próprio falante abstrai o sistema.

O segundo é que há uma relação direta entre as representações mais abstratas na gramática do falante e os eventos de uso experienciados. Os eventos de uso são necessariamente de natureza específica, pois qualquer enunciado linguístico tem conteúdo lexical. Sendo assim, o sistema linguístico é construído a partir de tais instâncias lexicalmente específicas, ou seja, a partir da abstração gradual de representações mais gerais, de fonemas a padrões sintáticos, repetidos em instâncias semelhantes de uso. Isso significa, necessariamente, dizer que quaisquer representações gerais que emergem da operação do sistema estão necessariamente ligadas a instâncias específicas dessas representações.

O terceiro entendimento é que os eventos de uso são decisivos para a estruturação e operação do sistema linguístico de forma contínua. Os autores entendem que as produções linguísticas não são apenas frutos do sistema linguístico do falante, elas também irão fornecer dados para os sistemas de outros falantes, tanto na aquisição inicial, como no uso da linguagem ao longo da vida. Desta forma, os eventos de uso desempenham um papel duplo no sistema, já que ao mesmo tempo em que impactam, também moldam o próprio sistema linguístico em uma espécie de ciclo de *feedback*.

Segundo Barlow e Kemmer (2000), a estrutura do sistema linguístico não é separada dos atos (cumulativos) de processamento mental que ocorrem no uso da língua, os eventos de uso são responsáveis pela formação e operação do sistema linguístico internamente. A habilidade linguística do falante, de fato, é constituída por regularidades no processamento mental da língua, assim, para a LFCU não faz sentido fazer uma distinção nítida entre o que é, na teoria formal, chamado de "competência" e "desempenho", uma vez que o desempenho em si é parte da competência de um falante, já que o processamento da língua é intrínseco ao sistema de conhecimento linguístico.

Boyland (2009) tece os seguintes comentários acerca da contribuição dos modelos baseados no uso:

A contribuição abrangente dos modelos baseados no uso é ter aberto espaço para a discussão de uma estrutura alternativa para construir uma ciência da linguagem, cujo objetivo não é especificar ou inferir a participação em um conjunto de frases

gramaticais, mas entender como a cognição torna possível à extração, criação e modificação da estrutura das confusas matérias-primas, realmente encontradas no processo de uso da linguagem. Descobrir que níveis de análise tão profundamente diferentes como fonologia e sintaxe podem ser entendidos baseados no uso é um afastamento marcante das concepções anteriores, mas é empolgante. Começamos a ver os insights que a estrutura baseada no uso pode fornecer, desde explicar a direção e o momento da mudança histórica da linguagem até explicar os padrões de regularidade e irregularidade na aquisição e na produção da linguagem adulta. (BOYLAND: 2009, tradução nossa, p. 61)

De acordo com Boyland (2009), há uma grande evidência de que a estrutura linguística é em grande parte fruto da experiência acumulada e coletiva dos seres humanos. Comumente os trabalhos na área atribuem fenômenos linguísticos ao desempenho, porém a teoria entende que esses casos devem ser incluídos na descrição da língua, pois os falantes ao ouvirem e produzirem instâncias de uso criam representações mentais novas ou modificadas que fazem parte de sua competência linguística.

Ainda, segundo a autora, a Linguística centrada no uso propõe que o conhecimento linguístico está associado ao processamento mental e representações mentais, feitos a partir de análises estatísticas e probabilísticas do uso real da linguagem. O processamento mental da linguagem é sensível aos contextos de uso, de modo que as representações mentais dos falantes, da fonética e fonologia à pragmática, são formadas a partir da distribuição da linguagem real. Os falantes possuem habilidades extraordinárias para discernir padrões nos dados de *input*, como as frequências de tipo e de ocorrência, que são aspectos do *input* envolvidos na extração de padrões e na criação das suas representações.

Os falantes armazenam as instâncias de uso da língua em contexto particulares, desenvolvendo, assim, uma base de conhecimento implícito cada vez mais rico, a partir do qual, podem gerar cada vez mais sofisticadas generalizações, sem que sejam necessárias regras gramaticais prévias. Esse entendimento impacta a compreensão dos fenômenos sincrônicos, o modo como a mudança ocorre diacronicamente, bem como os casos em que a estabilidade é mantida, além da compreensão dos padrões de variabilidade no uso da língua. Logo, para a autora, um modelo de linguagem baseado no uso é aquele que explica desde a aquisição ao processamento da linguagem, assim como fenômenos sincrônicos e diacrônicos, estruturas mais e menos esquemáticas, todos com base nas experiências com a língua dos falantes (cf. BOYLAND, 2009).

Segundo Tomasello (2003a), se entendermos que não há separação entre itens baseados em regras, itens idiossincráticos e estruturas da língua, podemos postular que todas as construções podem ser adquiridas com o mesmo conjunto básico de processos de aquisição. Logo, a aquisição dar-se-á com o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas

como analogia, memorização etc. A aquisição de uma língua acontecerá à medida que o falante aprenda a usá-la. A linguagem é parte de esquemas de atividades cognitivas complexas e de atividades sócio-comunicativas que estão diretamente relacionadas a outras áreas da cognição humana. Entendemos, assim, o conhecimento linguístico como um conjunto de construções, não como uma gramática de regras, embora, os falantes façam generalizações. Os mecanismos cognitivos baseados no uso são o caminho para a aprendizagem de construções, entendidas como todo o conhecimento gramatical.

É consenso na literatura dos modelos baseados no uso que a língua é moldada por processos de domínio geral, ou seja, não exclusivos da linguagem, contudo conceituar do que se tratam esses processos, especificamente, tem sido o desafio para a teoria. Diessel propõe, em seu trabalho de 2019, que o uso da linguagem envolve um processo de tomada de decisão que é determinado por fatores cognitivos de três domínios gerais: cognição social, conceptualização e memória. Segundo o autor, os três afetam o processo de tomada de decisão linguística online, mas como as decisões que ocorrem de modo recorrente tendem a se tornar automatizadas, eles têm efeitos de longo prazo no desenvolvimento da linguagem, tanto na história quanto na aquisição. Sendo assim, para entendermos como a gramática é moldada pelo uso, temos que estudar os processos cognitivos do uso da linguagem e seus efeitos.

No que diz respeito à cognição social, o autor diz que o uso da língua e seu desenvolvimento são influenciados por processos cognitivos, mas, também, por fatores sociais. Certas características linguísticas estão associadas a grupos sociais e contextos sociais específicos. Os linguistas históricos mostraram que valores sociolinguísticos têm um impacto significativo na escolha dos falantes dos meios linguísticos, além disso, os fatores sociais são importantes para compreender as convenções linguísticas. Em comunidades de fala, desenvolvem-se padrões de uso da língua específicos de um grupo, que podem ser vistos como convenções linguísticas. Sendo assim, sobre cognição social, Diessel (2019) diz que o uso da língua é uma forma particular de interação social, em que os falantes consideram o conhecimento, as intenções e as crenças de outra pessoa. Essa habilidade foi caracterizada por Tomasello (2003) como uma capacidade particular da mente humana que distingue a nossa comunicação da de outras espécies.

Conforme o autor, uma forma básica de cognição social é a “atenção conjunta”, pois durante a comunicação, falante e ouvinte focam sua atenção na mesma experiência. Na conversa cara a cara, a atenção conjunta costuma ser estabelecida por meios não-verbais de comunicação, como olhar fixo, movimento da cabeça e gestos. Sendo assim, o *common ground* – quando se constrói uma cena de atenção de conjunta – é um fenômeno cognitivo de

domínio geral que possui importância na linguagem e também para outras formas de interação social não-verbais. À medida que o discurso se desenvolve, falante e ouvinte constroem um corpo de representações compartilhadas, fornecendo orientação para a interpretação dos elementos na comunicação.

Segundo Diessel (2019), linguistas funcionais salientam a importância da observação do discurso para a análise de vários aspectos da estrutura linguística. O *common ground* é a base para o entendimento de alguns psicólogos e sociolinguistas para o que eles chamam de "*audience design*", processo pelo qual os falantes constroem uma frase em consonância com o que pensam que um ouvinte necessita para compreender sua intenção comunicativa em uma situação particular. De uma perspectiva cognitiva, pode-se dizer que os falantes costumam escolher um termo particular com base no que eles acham que os ouvintes sabem e veem, assim como, os ouvintes interpretam as expressões escolhidas com base na suposição de que os falantes constroem frases de acordo com essa estratégia. Para o autor, a escolha e a interpretação das expressões linguísticas são influenciadas de maneira crucial pela avaliação de *common ground* dos interlocutores e pela tentativa de adaptar a comunicação ao julgamento do que seria necessário aos ouvintes.

O *common ground e audience design* afetam a gramática das línguas, pois se costuma identificar nelas construções com estrutura de informação, como deslocamento para a esquerda, por exemplo, "aquele cara ali, ele..." (cf. DIESSEL, 2019, p.27) e clivagens, por exemplo, "é John quem..." (cf. DIESSEL, 2019, p.27), que podem ser entendidas como estratégias gramaticais que evoluíram de padrões de discurso para estabelecer uma base temática ou um *common ground* para a interpretação de informações de acordo com a intenção do falante durante a comunicação.

Para Diessel (2019), o domínio geral da conceptualização se preocupa com a construção do significado, que seria, então, moldado por esse domínio, a partir da estruturação cognitiva da experiência ou do conteúdo semântico. Segundo Langaker (1987), *construal* é uma imagem mental criada pelo falante, isto é, a relação entre o falante e a situação que ele conceitua e descreve. Este é um dos termos para denotar a capacidade geral de uma pessoa de escolher entre meios alternativos linguísticos e não linguísticos para descrever um determinado estado de coisas.

A conceptualização também não é específica da linguagem, ela é inspirada em pesquisas sobre a visão. A pesquisa pioneira em conceptualização vem da psicologia gestalt (apud Koffka 1935), que mostra que a visão envolve mais do que o registro passivo de pistas sensoriais, pois a percepção visual é guiada por princípios cognitivos gerais, como a distinção

figura-fundo e o enriquecimento da informação perceptual por meio da inferência. Inspirados por esta pesquisa, os linguistas baseados no uso desenvolveram uma teoria conceitual de que o significado das expressões linguísticas é estruturado por processos gerais de conceptualização, incluindo metáfora, metonímia, movimento fictício, dinâmica de força etc.

Para a Linguística centrada no uso, os falantes decidem como descrever e conceptualizar um determinado objeto ou cena. Segundo o autor, uma frase ativa ira construir uma cena a partir da perspectiva do agente, nesse caso, o agente é o foco da atenção e o paciente é o segundo plano. Já na frase passiva é o contrário, o paciente é figura e o agente é um ponto focal secundário. A abordagem entende que as convenções semânticas emergem de conceptualizações recorrentes das mesmas experiências ou experiências semelhantes que se tornam associadas a lexemas e construções particulares. De acordo com o autor, a conceptualização não é apenas a força motriz por trás da construção do significado, ela também é um mecanismo que atua no desenvolvimento diacrônico da gramática. Os estágios iniciais da gramaticalização, por exemplo, são muitas vezes motivados por processos conceptuais gerais, como metáfora, metonímia e projeção dêitica, que levam ao desenvolvimento de palavras de função gramatical a partir de substantivos, verbos e dêiticos espaciais.

Por fim, Diessel (2019) fala sobre o terceiro domínio geral: a memória; e, também, sobre os processos relacionados a ela. Segundo ele, a frequência e o processamento dizem respeito ao armazenamento, representação e ativação da informação linguística na memória. Na psicologia cognitiva recente, memória é entendida como um conjunto de processos cognitivos que dizem respeito ao processamento e organização do conhecimento. Atualmente, os estudos sobre memória a entendem como um “sistema unitário”, no qual a memória de trabalho serve como um mecanismo de atenção, que ativa informações específicas em um determinado ponto no tempo. Esta visão se opõe à visão tradicional de que a memória é dividida entre memória de longo prazo e memória de trabalho. O mecanismo de atenção do sistema de memória é influenciado pela interação social e pela percepção sensorial, o que pode interferir na tentativa dos interlocutores de coordenar sua atenção.

Segundo Diessel (2019), o foco da atenção concentra-se em apenas um item, porém esse item está conectada a itens semiativados, que por sua vez estão ligados a outros traços de memória que embora não estão ativados, podem ser facilmente acessados através do item ativado. Neste entendimento, a noção tradicional de memória de trabalho corresponde a um *cluster* de elementos, que são ligados conceitualmente e ativados de forma gradual na rede geral de conhecimento de uma pessoa. Sendo assim, o foco da atenção na fala e na escuta

constitui um conjunto aberto de itens ativados e semiativados; o conjunto de elementos ativados está constantemente em fluxo.

Outro processo ligado à memória é a categorização, que é o processo que classifica uma nova experiência com base em uma instância de uma categoria ou esquema existente, as categorias costumam ser definidas em termos de protótipos e exemplares. Diessel (2019) diz que a escolha da categoria por um ouvinte é determinada por uma série de fatores, como o contexto, frequência e a similaridade, que é um conceito-chave para a categorização de todos os elementos linguísticos, incluindo morfemas, palavras, frases e construções. Entendemos que a formação de categorias inclui o agrupamento de itens a partir da semelhança em seus sentidos, ainda que nem todos os seus membros possuam entre si essas semelhanças. De acordo com Wittgenstein (2003, p. 53),

O que uma palavra-conceito indica é, certamente, um parentesco entre objetos, mas esse parentesco não precisa ser o compartilhar uma propriedade ou um constituinte comum. Ela pode ligar os objetos como os elos de uma corrente, de modo que um pode estar ligado aos outros por meio de elos intermediários. Dois membros vizinhos podem ter características comuns e ser similares, ao passo que membros distantes pertencem à mesma família sem ter mais nada em comum. Na verdade, mesmo que uma característica seja comum a todos os membros da família, não precisa ser essa a característica que define o conceito. A relação entre os membros de um conceito pode ser estabelecida pelo compartilhar de características que se destacam na família do conceito, cruzando-se e sobrepondo-se de maneiras muito complicadas.

A abstração e a analogia são processos inerentes à categorização. A abstração pode ser entendida como a generalização de várias experiências com propriedades em comum, criando-se, assim, um novo conceito ou esquema. Já a analogia, para o Diessel (2019), é uma habilidade de domínio geral que explica como um novo item é inserido em um esquema existente. Dois fatores gerais influenciam uma extensão analógica que cria novas expressões em um esquema de construção: (i) a força de um esquema particular na memória, e (ii) a semelhança entre expressões lexicais que são licenciadas por um esquema (cf. DIESEL, 2019).

Por fim, Diessel (2019) aborda o papel da frequência. Para a teoria, a frequência de um elemento linguístico fortalece a sua representação na memória, portanto, a repetição ou frequência é determinante para o conhecimento linguístico. Os *tokens* com recursos semelhantes ou idênticos reforçam uns aos outros, criando grupos de traços de memória

sobrepostos, conhecidos como *exemplares*. Um conjunto de *tokens* é uma categoria emergente que seria atrativa, e atuaria como um ponto de referência cognitivo para a categorização de uma nova experiência.

Os exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) são conjuntos de elementos linguísticos armazenados na memória, e são diretamente tomados de nossa experiência com a língua. Nesse modelo, as categorias são representadas na memória por uma nuvem de dados, categorizados a partir da similaridade com outros membros dessa categoria, ocorrências altamente parecidas são armazenadas próximas umas das outras, enquanto ocorrências diferentes são armazenadas separadamente. A frequência está diretamente ligada à proposta dos modelos de exemplares, pois, categorias mais frequentes são mais robustas e exemplares altamente frequentes são fortemente armazenados na memória.

Barlow e Kemmer (2000) entendem que o sistema linguístico é amplamente orientado pela experiência, sendo assim, a frequência das instâncias é um fator primordial em sua estrutura e operação. Logo, se a frequência de um determinado padrão de uso é tanto um resultado quanto uma força modeladora do sistema, a frequência tem um papel indispensável. A alta frequência de uma unidade ou padrão resulta em um grau maior entrenchamento, ou seja, uma espécie de rotinização cognitiva, como propõe Langacker, que afeta o processamento da unidade. O entendimento da frequência como um fator importantíssimo é mais um fato que difere a teoria de modelos formalistas.

Conforme Diessel (2019), a teoria de exemplares fornece uma explicação plausível para certos aspectos de categorização, aprendizagem de categorias e armazenamento de informações linguísticas, contudo a maioria dos efeitos de frequência é explicada pela automatização, relacionada à visão de rede linguística. O uso da língua é um processo altamente automatizado, que envolve a produção rápida de gestos articulatórios, a escolha de lexemas e construções, além de procurar fornecer o entendimento ao ouvinte, o que ocorre em milissegundos, por isso não seria possível sem automatização (ou rotinização, mais um processo ligado à memória). Ao entendermos a gramática como uma rede abrangente, em que os vários aspectos do conhecimento linguístico de um falante estão interconectados por relações associativas, a automatização pode ser definida como o processo que fortalece as associações entre elementos linguísticos na memória por meio da repetição. Sendo assim, quando dois ou mais lexemas são frequentemente usados juntos ocorre uma associação entre eles, configurando-os como uma unidade lexical holística.

A rotinização de dois ou mais lexemas podem ocasionar a formação de um *chunk*, o qual é uma sequência de palavras com apenas um significado, nesse caso, as palavras

deixam de ser entendidas individualmente para que haja o entendimento do sentido do todo. Bybee (2010) chama o processo de formação de *chunks* de *chunking*; esse processo é um dos cinco processos de domínio geral que a autora propõe, a saber: *chunking*, categorização, associação transmodal, memória rica e analogia. Esses processos, assim como aqueles propostos por Diessel (2019), estão relacionados ao entendimento da LFCU de que a linguagem é fruto de habilidades cognitivas gerais. As duas propostas tem como objetivo entender quais seriam exatamente essas habilidades. É válido salientar que Bybee apesar de propor cinco processos de domínio geral, diz que estes não esgotam as habilidades que podem estar envolvidas na linguagem.

Barlow e Kemmer (2000) destacam, também, o papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico. Os processos de abstração e categorização linguística, como vimos, não são diferentes de outros processos em outros domínios cognitivos, logo é altamente provável que os padrões linguísticos e não-linguísticos sejam processados e apreendidos de forma integrada. Desta maneira, todos os aspectos da língua, da fonética à semântica, podem ser influenciados por contextos linguísticos e não-linguísticos. Há, também, potencial para que aspectos regulares do contexto se tornem convencionalizados e, assim, se tornem parte do próprio sistema linguístico.

1.2. A Gramática de Construções e a LFCU

A fim de entender convencionalizações nas línguas, como expressões idiomáticas, surge o modelo da Gramática de Construções. Ao final dos anos 1970, há a emergência da abordagem devido à insatisfação com o modelo bipartido de conhecimento linguístico, fortemente associado à tradição da linguística gerativa. Já na década de 1980, aumenta o interesse dos pesquisadores pelos padrões sintáticos simultaneamente idiossincráticos e produtivos, os linguistas passam, então, a argumentar que o modelo formalista tem dificuldade para dar conta de certas estruturas idiomáticas. Em linhas gerais, a Gramática de Construções (GC) é um modelo de representação do conhecimento linguístico que emergiu na Universidade da Califórnia em Berkeley, a partir do trabalho de autores como Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff. A GC posteriormente se fragmentou em diversas variantes, de uma linha mais conservadora a uma baseada no uso (cf. PINHEIRO, 2016; PINHEIRO; ALONSO, 2018).

De acordo com Kay (1997), a Gramática de construções é uma abordagem gramatical não modular, não derivacional e baseada em unificação, que visa à cobertura completa dos

fatos de qualquer língua a ser estudada, sem perda de generalizações linguísticas, dentro e entre línguas. A gramática de construções é projetada, assim, para dar conta de todas as estruturas possíveis de qualquer língua, porém sem exigir vários níveis independentes de representação. Portanto, frases complexas, embora difiram em detalhes de frases simples, compartilham o mesmo formato representacional.

A GC se configura como um grande guarda-chuva que abarca diversas modalidades. Contudo, podemos dividi-la de forma mais geral em dois grandes grupos: a Gramática de Construções Unificacionista – constituída pela GC de Berkeley e a GC Baseada em Signos, as quais possuem características mais formais – e a Gramática de construções baseada no uso – composta por modelos como a GC Cognitiva de Adele Goldberg, a GC Radical de William Croft, e a Gramática Cognitiva de Ronald Langacker, que estão alinhadas à tradição da linguística funcional-cognitiva. Esta, como próprio nome sugere, possui a premissa de que a experiência do falante com a língua, o uso, molda o conhecimento linguístico (cf. PINHEIRO, 2016). Esta vertente da gramática de construções é aplicada a esta pesquisa.

De acordo com Goldberg (2006, p. 4):

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes componentes ou de outras construções já estabelecidas. Adicionalmente, mesmo padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados, desde que ocorram com frequência suficiente.

O postulado de Goldberg (2006) é fundamental para este trabalho. Acreditamos, neste estudo, que o conhecimento linguístico é um grande inventário de construções gramaticais, isto é, um grande léxico; e entendemos como construção qualquer emparelhamento convencional de forma e função, como morfemas, palavras, expressões idiomáticas, esquemas sintáticos semipreenchidos ou abertos e padrão entoacional. Sendo assim, uma construção é uma entidade de duas faces: uma dotada de informações formais, e outra dotada de informações semânticas, como podemos ver nos quadros a seguir:

FORMA: /aRvorI/
SIGNIFICADO: ÁRVORE

Figura 3: construção “árvore”

FORMA: /boN dia/
SIGNIFICADO: Demonstração de polidez; ato de fala diretivo apropriado para ser usado durante a manhã e na primeira vez em que se vê o interlocutor.

Figura 4: construção “Bom dia”

FORMA: RE + BASE VERBAL
SIGNIFICADO: Repetição

Figura 5: construção RE + BASE VERBAL

FORMA: QUE MANÉ X
SIGNIFICADO: Rejeição enfática a uma sugestão ou posição expressas previamente por outro sujeito

Figura 6: construção QUE MANÉ X

Figura 1: Forma e significado retirada de Pinheiro (2016)

Hilpert (2014) postula três premissas necessárias para os falantes conhecerem uma língua: (i) as construções são pareamentos de forma e significado; (ii) os falantes devem saber construções; (iii) a totalidade do conhecimento de língua é entendido por uma rede de construções, o *construct-i-con*. Portanto, entendemos que esse inventário é um grande léxico que contém todos os tipos de construções gramaticais. Segundo o autor, o conhecimento de língua “consiste em uma grande rede de construções e nada mais além disso” (HILPERT: 2014, p.8). Nesse sentido, o autor discute quatro estratégias que permitem identificar construções. São elas:

- (1) olhar para os traços estruturais de uma expressão que se desvia de padrões mais canônicos;
- (2) compreender que as construções podem ser identificadas com base em significados não-composicionais;
- (3) entender que restrições idiossincráticas que envolvem significado ou forma servem como um ótimo diagnóstico;
- (4) caso as três primeiras estratégias não identifiquem uma expressão como uma construção, as preferências colocacionais podem revelar se a expressão em foco, realmente, tem o status de uma construção.

As estratégias 1 e 2 se relacionam ao postulado de Goldberg (1995; 2006) de que um padrão linguístico é reconhecido como construção desde que aspectos da sua forma ou função não sejam previsíveis a partir de seus constituintes, ou a partir de outras construções

existentes. O sentido, nesses casos, não é apreendido ao se analisar palavra por palavra, mas ao analisar construção como um todo.

As estratégias 3 e 4 são particularmente importantes nessa pesquisa, já que o autor propõe que as construções podem ter restrições de uso, que podem ser sintáticas ou pragmáticas, ou ao menos ter preferências colocacionais que permitam identificá-las como uma construção, isto é, se constatadas as estratégias 3 e 4, constatamos o status de construção. Assim, se uma construção não apresentar uma restrição, ela ainda pode ter certas preferências colocacionais, o que possivelmente a diferenciaria de outras construções semelhantes na língua, já que os exemplares que instanciam os *slots* das construções fornecem informações acerca do sentido que essas construções possuem.

Bybee (2010) adota o modelo de exemplares em seus trabalhos. A autora propõe que o modelo de armazenamento de conhecimento linguístico poderia ser associado à ideia de construção, já que as construções podem emergir a partir da categorização dos usos, na experiência com a língua. De acordo com a autora, os falantes mapeiam ocorrências semelhantes para estabelecer exemplares e agrupá-los em categorias que representam tanto as posições fixas quanto as esquemáticas nas construções. Sendo assim, os falantes podem usar a construção com novos itens lexicais e também de novas formas por analogia a outros exemplares já estocados na memória. Os falantes armazenam e categorizam todos os detalhes previsíveis e idiossincráticos das construções. O modelo de exemplares corrobora para o entendimento da importância do contexto, visto que as construções, assim como as palavras, são afetadas pelos contextos em que são utilizadas. Desta forma, entendemos que o contexto influenciará no desenvolvimento de significados de nossas microconstruções, assim como no desenvolvimento de implicações especiais (cf. BYBEE 2010).

Segundo Bybee (2013), no *slot* esquemático de uma construção, pode ser considerada a lista de todos os itens instanciados, ou pode ser considerado um conjunto com certas características semânticas que restringem o *slot*, o que é consoante à visão de Hilpert (2014), já que o autor considera que as construções possuem restrições e/ou preferência colocacionais. Para a autora, o falante pode fazer referência a uma característica semântica geral da construção, ou a um item lexical específico experienciado na construção e armazenado na memória. A lista das instâncias no *slot* de uma construção é organizada em grupos por similaridade de significado, e é a base para novas extensões da construção. Uma extensão também pode ser baseada na forma, pois os exemplares também contêm informações de forma das construções registradas na memória.

Sobre restrições e preferências das construções, Goldberg (2019) propõe que a semântica das palavras está relacionada aos contextos em que elas aparecem, sendo assim, os falantes armazenam o primeiro encontro de uma palavra com as outras no contexto. Segundo a autora, o cérebro humano tem uma vasta capacidade de memória implícita, de modo que sejam armazenados pormenores acerca da forma, significado e contexto das palavras, que serão atualizados de acordo com novas experiências, como encontros com novas palavras ou novos contextos, isto é, novos exemplares, dando origem ao que a autora chama de *cluster* emergente, que constitui uma palavra coerente ou lema.

Segundo Goldberg (2019), os significados são apreendidos à medida que as palavras são experienciadas em contextos adicionais, contudo, a autora acrescenta que eles são limitados pela competição com outras palavras, pois cada palavra está relacionada a uma rede de *frames* semânticos, o que faz com que determinadas palavras não possam ser combinadas. Desta forma, os falantes, atentos aos contextos particulares, evitariam supergeneralizações e subgeneralizações de palavras adicionadas ao seu vocabulário. Logo, a autora argumenta que no caso de construções, os mecanismos para restrições e aprendizagem seriam os mesmos que os envolvidos nas palavras.

Conforme a autora, fatores condicionantes restringem o uso das construções, esses fatores podem ter propriedades formais relacionados à fonologia, morfologia e sintaxe, assim, como propriedades semânticas, propriedades de função discursivas e propriedades contextuais, como sociais e dialetais. De acordo com Goldberg, a aprendizagem de fatores condicionantes tão específicos é explicada pelo fato de tanto generalizações como exceções serem aprendidas pelos mesmos mecanismos: o de *cobertura* e *competição*. O grau de cobertura é definido em que medida as instâncias cobrem ou preenchem uma categoria, a partir de uma triangulação que leva em conta similaridade, variabilidade e frequência dos itens previamente testemunhados de uma dada categoria. Dessa maneira, quanto mais variadas sejam as instâncias que uma construção possui, maior é o alcance dela. Em relação à competição, a autora diz que ela será responsável pela restrição da produtividade e generalização de uma construção, o que ocorre quando há, por exemplo, a existência de uma formulação alternativa mais acessível durante a comunicação. É o caso do sufixo *er* no inglês, que ao ser adicionado a verbos forma substantivos agentes, como *teacher*, ou, recentemente, *blogger*. Entretanto, os casos de *cooker* e *spier* não são bem aceitos, pois já existem os substantivos agentes *cook* e *spy*. Sendo assim, quando não existe na língua uma construção acessível, as inovações são aceitas, porém em casos em que já existem construções disponíveis, a nova construção será considerada relativamente mal formada. Portanto, a autora

entende que a competição evita supergeneralizações excessivas e atua na aprendizagem de construções, pois se consideramos uma construção como estranha é porque há a comparação com uma outra construção, mais frequente em nossa memória.

1.3. O conhecimento linguístico e a LFCU

Langacker (1988) propõe que o conhecimento linguístico é maximalista, não reduutivo e *bottom-up*, e entende que a representação da gramática é massiva e altamente redundante, ao invés de simplificada e econômica. A partir desse ponto de vista, a mente pode representar potencialmente a mesma estrutura de várias maneiras, já que o específico e o geral estão mutuamente ligados pelo uso: o geral surge do específico e o específico é mais diretamente tirado da experiência. As unidades da linguagem (de fonemas a construções) não são fixas; ao contrário, são dinâmicas, e estão sujeitas à extensão criativa e remodelação com o uso (cf. BARLOW e KEMMER, 2000). Sendo assim, uma gramática *bottom-up* é dar menos ênfase a princípios e regras gerais e procurar fazer uma investigação de baixo para cima, partindo, assim, das instâncias de uso, para depois investigar os esquemas, já que os padrões são abstraídos das instâncias mais específicas, ou seja, do uso real.

O modelo de Langacker ancorado na Gramática Cognitiva (proposta pelo autor em 1987) propõe uma estrutura para representar a estrutura hierárquica e fazer generalizações sobre os padrões linguísticos na cognição. Este modelo apresenta uma fundamentação teórica para a Linguística Funcional Centrada no Uso. De acordo com o autor, unidades perceptuais e conceituais são criadas quando um grupo de palavras costuma ocorrer juntas com frequência, tornando-se entrincheiradas. É o que ocorre no caso de *ing* no inglês, ou com um enunciado inteiro como “*How are you doing?*”, ambos existem como unidades na mente, desde que sejam sequências que ocorram com alguma regularidade (cf. LANGACKER, 1990).

Contudo, o autor questiona como devemos explicar o caso de enunciados que não são *chunks* pré-fabricados, esse e os casos anteriores parecem ser comportamentos governados por regras que participam de estruturas hierárquicas. A explicação do autor é baseada em um esquema representacional baseado em instâncias, a partir do qual regularidades são reconhecidas e representadas na memória, todas as quais existem com diferentes intensidades em diferentes momentos. Para isso, o autor se baseia na psicologia cognitiva de esquemas proposta por Schank & Abelson, 1977, que são estruturas hierárquicas flexíveis e que servem para tornar os estímulos complexos cognitivamente controláveis.

Conforme o autor, no *input*, as unidades linguísticas são extraídas. Com representações suficientes de objetos suficientes, um falante começa a ser capaz de perceber o padrão *ing*, por exemplo, com o qual muitas palavras terminam, e que existem semelhanças semânticas e estruturais entre algumas dessas palavras. Logo, a partir da tendência humana para abstração, os falantes constroem um esquema para aquelas palavras que terminam em *ing*, que compartilham certo significado, o participípio presente. Em um nível ainda mais alto, todas as frases verbais com várias formas de cópula seguidas pelo participípio presente são percebidas e abstraídas e assim por diante. Esta capacidade de abstração em várias camadas oferece vários níveis de granularidade no conhecimento dos falantes da sua língua

Sendo assim, no entendimento da Linguística Funcional Centrada no Uso, o *constructicon* tem formato de rede, isto é, o conhecimento linguístico é estruturado como uma rede conceptual de construções, que formam uma grande teia de relações entre as construções. Deste modo, em uma perspectiva *bottom-up* como a de Langacker, o nível mais baixo seria composto pelas instâncias de uso, a partir das quais os padrões mais gerais são abstratizados via analogia. Traugott (2008) classifica as construções em três níveis hierárquicos na rede, de cima para baixo, macro, meso e microconstrucional. Em consonância com a autora, Traugott e Trousdale (2013) explicitam os níveis esquemáticos das construções, a partir de níveis mais específicos até os mais abstratos. O nível mais alto na rede é o *esquema*, com um alto grau de abstração, por exemplo, *a construção binominal N1 de N2*; o *subesquema* é o nível intermediário, inserido no esquema maior, como por exemplo, *as construções binominais quantificadoras*; a *microconstrução* é o uso individual da construção, como por exemplo, *um monte de N, uma montanha de N, um enxurrada de N, uma chuva de N*; já o *construto* se refere aos usos reais das construções, como vemos em *um monte de gente, uma montanha de dinheiro, uma enxurrada de ações, uma chuva de comentários*.

Diessel (2019) entende que pensar em construções como rede envolve três tipos diferentes de relações associativas:

- (i) relações simbólicas, conectando forma e significado;
- (ii) relações sequenciais, conectando elementos linguísticos em sequência; e
- (iii) relações taxonômicas, conectando representações linguísticas em diferentes níveis de abstração.

As relações simbólicas são associações entre forma e significado. Desde Saussure (1916), o emparelhamento de forma e significado, ou significante e significado, é comumente interpretado como um signo linguístico. Diessel entende palavras e construções como signos

linguísticos. De acordo com o autor, as relações simbólicas emergem de interpretações semânticas, que se tornam entrincheiradas e convencionizadas por meio da repetição e da interação social.

Lexemas e construções são comumente definidos como signos ou símbolos; mas, embora se possa pensar nas construções como entidades simbólicas, é importante reconhecer que os processos conceituais envolvidos na interpretação semântica das construções são distintos daqueles dos lexemas. Cada lexema é ligado a toda uma rede de conhecimento conceptual. O lexema "céu", por exemplo, designa uma área acima da terra que está associada a uma ampla variedade de conceitos, incluindo "sol", "nuvem", "chuva" etc. Uma vez que um conceito está inserido no significado de "céu", ele é geralmente ativado como sua base conceitual. A ativação dos conceitos varia com o contexto. O entendimento sobre rede conceptual discutido pelo autor se faz importante nesta pesquisa, pois adiante apresentaremos o nosso entendimento sobre as relações semânticas que existem em cada microconstrução e como, possivelmente, se organizam os *links* de sentidos entre os lexemas que instanciam seus *slots*.

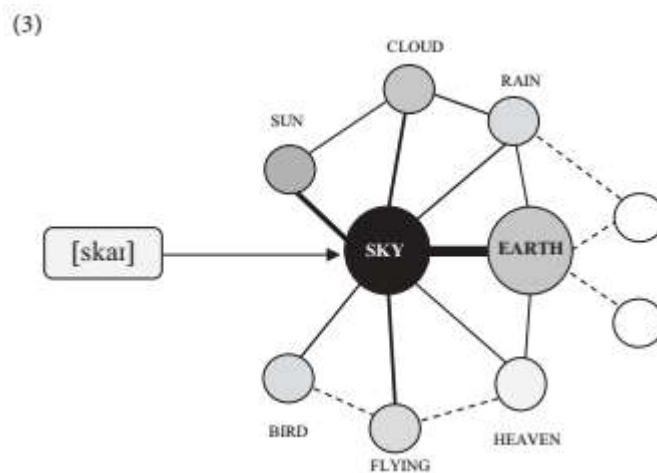


Figura 2: Rede de conhecimento conceptual. Retirado de Diessel (2020)⁵

Os psicólogos referem-se a isso como “spreading activation”. Por conta disso, os lexemas fornecem acesso a um nó, que é o foco, isto é, figura, de uma rede de associação que se espalha para os nós ou conceitos que não estão em foco (fundo) relacionados. Como os lexemas, as construções fornecem pistas para a criação de significado, contudo de forma

⁵ As imagens são retiradas do artigo publicado por Diessel em 2020, por ilustrarem melhor as relações de rede. Esse artigo faz um resumo do livro “How Linguistic Structure is Shaped by Language Use” publicado pelo mesmo em 2019.

distinta. Visto que as construções esquemáticas se abstraem de unidades lexicais particulares, elas não exploram diretamente o conhecimento do mundo (como itens lexicais). Em vez disso, as construções fornecem instruções de processamento sobre como os conceitos evocados por uma sequência de lexemas são integrados em uma interpretação semântica coerente. As construções de estrutura de argumento, por exemplo, instruem o ouvinte a atribuir papéis semânticos específicos (por exemplo, agente, destinatário, tema) para certas expressões lexicais. Sendo assim, Diessel (2019) propõe que apesar das construções serem significativas, os processos semânticos evocados por construções são crucialmente distintos daqueles evocados por lexemas.

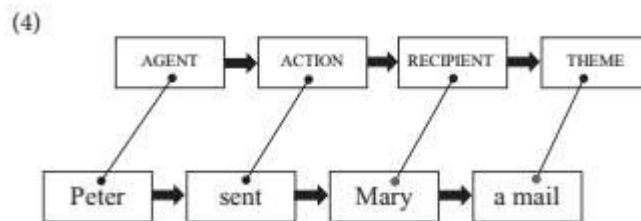


Figura 3: Papéis semânticos. Retirado de Diessel (2020)

Em relações sequenciais, o autor postula que a linguagem se desenvolve no tempo e todos os elementos linguísticos são organizados em ordem linear ou sequencial, este arranjo sequencial dos elementos linguísticos é motivado por fatores semânticos e pragmáticos. Porém, quando elementos linguísticos ocorrem frequentemente juntos, tornam-se associados, ou seja, uma automatização, independentemente de quaisquer considerações semânticas ou pragmáticas. Isso se reflete no surgimento de *chunks* lexicais, ou pré-fabs, que são unidos por ligações ou relações sequenciais.

Os *links* sequenciais têm uma orientação direta, evidenciada pelo fato de que os participantes do discurso geralmente estão à frente do fluxo da fala. Segundo o autor, existem muitas evidências de que em um diálogo os participantes predizem os próximos elementos que estão por vir em uma frase. Quanto mais frequentemente um encadeamento linguístico é processado, mais fortes são os vínculos sequenciais entre suas partes componentes, o que ocorre também em construções esquemáticas.



Figura 4: Encadeamento linguístico. Retirado de Diessel (2020)

Sobre relações taxonômicas, Diessel (2019) diz que a gramática de construções baseada no uso entende que a estrutura linguística é representada em diferentes níveis de esquematicidade, que são conectados por relações taxonômicas ou de herança. As representações esquemáticas da estrutura linguística emergem como generalizações de sequências lexicais com formas e significados semelhantes. Embora isso possa acontecer a qualquer momento, as construções básicas de uma língua são aprendidas durante a primeira infância. O surgimento de esquemas construtivos envolve uma ampla gama de processos cognitivos, mas, em particular, envolve categorização e analogia, que são crucialmente influenciadas pela similaridade e frequências de tipo e ocorrência.

Segundo o autor, cada uma dessas relações é formada por uma interação permeada de vários processos cognitivos, como conceptualização, analogia, categorização, inferência pragmática, automatização e cognição social. Juntas, as três relações definem as construções como conceitos emergentes e transitórios, o conhecimento linguístico do falante é um grande repositório de unidades simbólicas (construções gramaticais), que estão interligadas formando uma rede.

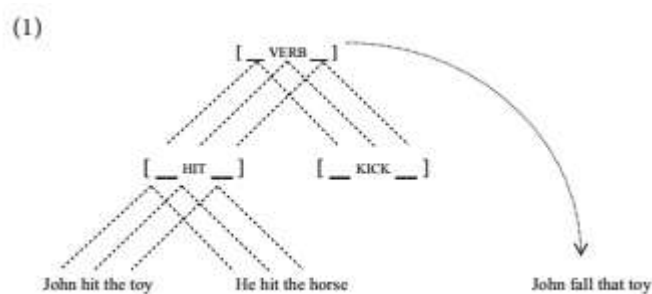


Figura 5: Rede de construções gramaticais. Retirado de Diessel (2020)

Neste trabalho adotamos a visão de Traugott e Trousdale (2013) como entendimento de mudanças linguísticas e formação de novas construções. Os autores sugerem dois tipos de mudança: Mudança Construcional e Construcionalização. A primeira é uma mudança que afeta uma dimensão interna da construção, que pode ocorrer no polo da forma, ou no polo do sentido. Os autores entendem como propriedades da forma os aspectos fonológicos,

morfológicos e sintáticos; e como propriedades do sentido os aspectos semânticos, pragmáticos e discurso-funcionais, como propõe Croft (2001).

A Mudança Construcional não envolve a criação de um novo nó na rede. Já a Construcionalização é a criação de um novo pareamento de forma e significado, e envolve a formação de um novo nó na rede linguística dos falantes. A Construcionalização é o surgimento de uma nova construção na língua, sendo entendida ao longo da obra, ora como processo e ora como produto pelos autores. O surgimento de um novo pareamento de forma e sentido ocorre por haver micro mudanças no âmbito da forma e no âmbito do sentido, além de alterações nos graus de esquematicidade, produtividade e produtividade. Desta forma, uma construção com o nome quantificador deixa de ser entendida a partir da soma de suas partes para ser entendida como um quantificador (*um monte de*, por exemplo) de um referente, por exemplo, *um monte de caixas*.

De acordo com os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso em consonância com aqueles estabelecidos pela gramática de construções baseada no uso realizaremos as etapas dessa pesquisa a fim de entender melhor as construções binominais quantificadoras. Para isso, levaremos em consideração o modelo de exemplares e o entendimento de Bybee (2010) sobre eles e o conhecimento linguístico, também são importantes as propostas de Hilpert (2014) acerca das preferências colocacionais das construções, bem como o entendimento das relações de sentido entre as construções e lexemas na rede proposto por Diessel (2019).

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, revisitaremos trabalhos que são importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Ele está dividido em quatro partes: na primeira, serão revisados trabalhos com construções binominais quantificadoras no português brasileiro. Posteriormente, serão discutidos trabalhos sobre construções binominais quantificadoras na literatura estrangeira, especificamente no trabalho de Verveckken & Delbecque (2018). Na terceira parte, discutiremos, ainda, sobre análise colostrucional em um trabalho sobre construções binominais quantificadoras. Por fim, falaremos de maneira mais ampla sobre a literatura acerca da quantificação e quantificadores.

2.1. Construções binominais na literatura do PB

A tese de Brodbeck (2010) tem como objetivo discutir o processo de gramaticalização dos sintagmas *Monte de N* e *Chuva de N*. A autora analisa a motivação metafórica que leva a modificação da estrutura de *qualia* das Unidades Lexicais *monte* e *chuva*, que ao se tornarem quantificadores também se tornam o núcleo dos sintagmas que fazem parte. Brodbeck (2010) entende que o quantificador *muito* aciona diretamente o *frame* de grande quantidade, enquanto *chuva* e *monte* evocam o *frame* de quantidade por meio da metáfora com os seus domínio-fonte e acionamento do esquema imagético correspondente.

- (9) “fazemos o quê?, questionavam, entre **uma chuva de críticas** contundentes , os que se sentiam lesados por (BRODBECK, 2010, p. 128)
- (10) “Por isso **um monte de boy** que não podia ter Nike tem Nike.” (BRODBECK, 2010, p. 123)

De acordo com a autora, os nomes quantificadores – como o chamamos nesta pesquisa – *chuva* e *monte* exercem uma pressão coercitiva no nome que está sendo quantificado; sendo assim, o sentido de quantificação é absorvido a partir da mescla dos domínios-fonte e alvo, o domínio 1 é o quantificador e o domínio 2 é o quantificável. O traço do domínio-fonte de *monte* (QUANTIDADE É VERTICALIDADE) e de *chuva* (MOVIMENTO MASSIVO PARA BAIXO) é incorporado na mescla, de modo que se possa confirmar o atributo, que é a quantificação, e recuperar o traço formal da estrutura de *Qualia* de *chuva* e *monte*, que possui

o esquema imagético de seu domínio-fonte. Contudo, também é evocado o domínio-alvo dessas Unidades Lexicais, a Quantidade, o que dá a construção outra função linguística: a de quantificar um N2. A construção recruta os atributos sintático-semânticos de seus constituintes, entretanto há o entendimento de a interpretação da CBQ ser a partir do todo em vez de a soma de suas partes. As imagens a seguir demonstram o entendimento da autora.

Qualia original dos nomes *monte* e *chuva*

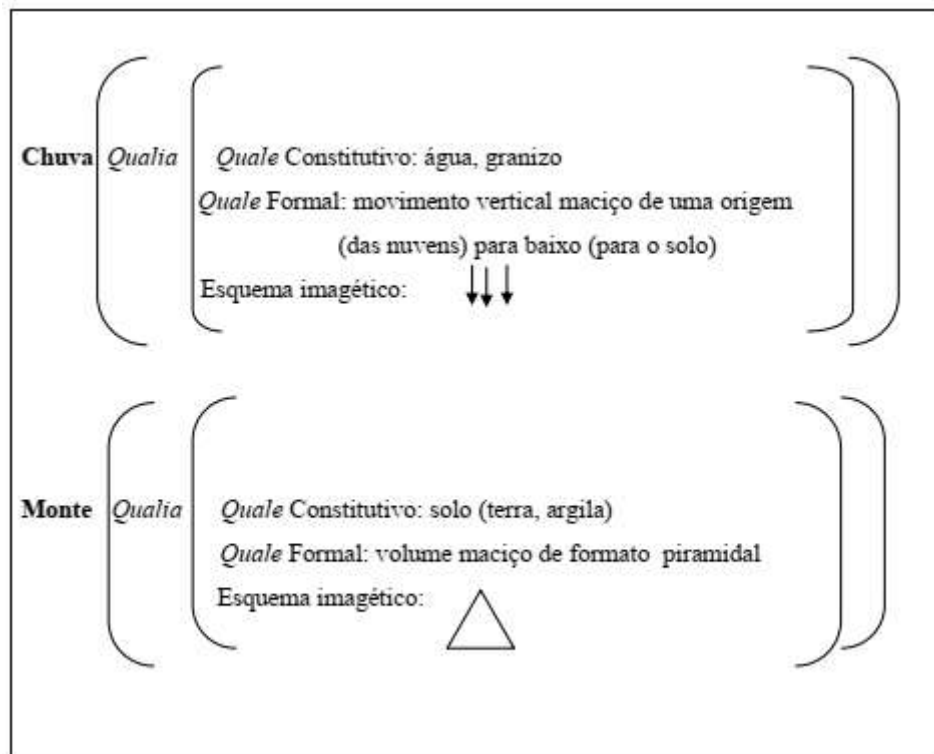


Figura 6: *Qualia* original dos nomes *monte* e *chuva*. Retirado de Brodbeck (2010, p. 118)

Qualia de *monte* e *chuva* como quantificadores

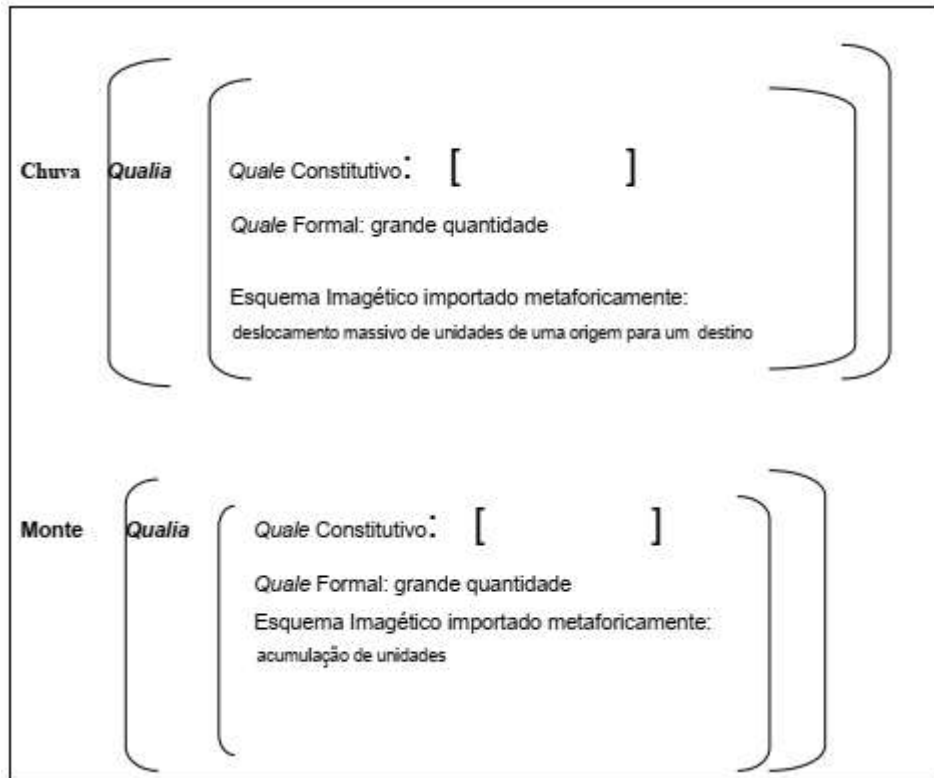


Figura 7: *Qualia* de *monte* e *chuva* como quantificadores. Retirado de Brodbeck (2010, p. 120)

Sobre os itens de N2, o trabalho entende que *monte* prefere quantificar itens amontoáveis, como Objetos e Elementos Humanos. Segundo Brodbeck (2010), em português, não há distinção morfológica entre complementos e adjuntos adnominais, pois ambos são introduzidos por preposição. Desta forma, a autora argumenta que os usos quantificadores de *monte de* emergiram metaforicamente de usos de *monte* com complemento, como *monte de terra* ou *monte de pedras*, a partir do ativamento da metáfora primária MAIS É PARA CIMA e em um esquema imagético piramidal (orientação vertical e base alargada, devido ao empilhamento de entidades físicas) evocado pela estrutura física do *monte*. Ainda, de acordo com a autora, *chuva* prefere referentes como Projéteis e Eventos Informativos. Ao recrutar itens da categoria Eventos Informativos, *chuva* tem como base a metáfora do conduto. Enquanto que ao quantificar Projéteis, como bombas, meteoros e bengaladas, é ativado o esquema imagético de deslocamento vertical massivo de objetos de cima para baixo.

A autora entende que a quantificação com *monte* foi a primeira convencionalizada no Português do Brasil e, com isso, serviu como base para a analogia de novos nomes usados em expressão quantificadoras. A construção com *monte* estabeleceu uma nova estrutura de quantificação no PB e assim surgiram novas possibilidades de quantificadores, como vemos em *montanha de*, *enxurrada de*, *tempestade de*, etc.

De acordo com Santos et al. (2018), a quantificação nominal indefinida ainda é pouco explorada nas gramáticas tradicionais, contudo se revela um campo de estudo bastante frutífero para a linguística. Segundo os autores, gramáticas prescritivas como Castilho (2010) e Perini (2010) abordam um conjunto de quantificadores indefinidos como (algum, nenhum, muitos, todo, pouco, bastante, etc.), porém a quantificação no português do Brasil vai além de quantificadores/ pronomes indefinidos e pode ser realizada por uma rede de Construções de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos, conforme os exemplos a seguir:

1. Aos 40, 45, a maioria dos homens tem duas ou três ex-mulheres, **um bando de filhos** e vários anos de divã.
2. Um protesto solitário já me teria satisfeito. Vi apenas **uma penca de sorrisos**.
3. Abriga em suas fileiras **um punhado de tendências** de posições francamente inconciliáveis.
4. Participam em Bringing it all Back Home **uma galáxia de músicos e grupos importantes**.
5. Desmoralizado por **uma enxurrada de denúncias de corrupção**.
6. Tinha **uma montanha de papéis para assinar**. (SANTOS ET AL., 2018)

Santos *et al.* (2018) em consonância à Brodbeck (2010) entende que as construções de quantificação indefinida podem quantificar diversos tipos de seres e entidades, pois aceitam complemento contável ou massivo, singular ou plural. Neste trabalho foram coletadas 969 ocorrências das construções citadas, nas quais foram evidenciados 13 *types*⁶ da construção, a saber: *um oceano de, uma galáxia de, uma floresta de, um mar de, uma enxurrada de, uma enchente de, uma avalanche de, um vendaval de, um montão de, uma porrada de, um caminhão de, uma pilha de, uma montanha de*. Segundo Santos *et al.* (2018), as construções possuem restrições semânticas em relação ao elemento que será quantificado. Por exemplo, seria possível encontrar dados como *uma floresta de informações* e *uma floresta de prédios*, bem como *uma chuva de informações*, contudo *uma chuva de prédios* (cf. SANTOS ET AL., 2018) parece não ocorrer. O trabalho não se aprofunda na discussão sobre as restrições, mas atribui aos esquemas imagéticos a explicação deste fato, pois haveria, então, a manutenção dos esquemas imagéticos das unidades lexicais que compõem as construções.

Sobre a Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos e suas restrições aos N2, Tavares (2019) também entende que as entidades quantificadas (N2) mantém uma

⁶ Além daqueles já propostos por Brodbeck (2010): *uma chuva de* e *um monte de*.

relação de compatibilidade com o N1, isto é, entre os seus esquemas imagéticos. Sendo assim, existiria na língua portuguesa a possibilidade de falarmos *um mar de luto* e *um mar de informações*, e, também, *uma porrada de informações* (cf. TAVARES, 2019); porém, não seria possível o uso de *uma porrada de luto* (cf. TAVARES, 2019).

De acordo com a autora, o esquema imagético de mar se caracteriza com um grande contêiner, sendo assim, tanto *informações* como *luto* podem ser seu conteúdo. O mesmo já não seria possível com o N1 *porrada*, que não acionaria o mesmo esquema, restringindo, desta forma, palavras como *luto*, já que há um entendimento entre os autores estudados (Brodbeck, 2010, Santos *et al.*, 2018 e Tavares, 2019) de que as construções de quantificação indefinida evocam o *Frame* de grande quantidade metaforicamente a partir do esquema imagético do domínio-fonte.

Para Tavares (2019), o esquema de VERTICALIDADE⁷ é o responsável, por exemplo, por construções quantificadoras com *pilha*, *monte*, *montanha* e *montão*. Baseado na Teoria Conceptual da Metáfora proposta por Lakoff e Jonhson (1980), a autora entende que VERTICALIDADE É QUANTIDADE, desta forma, quanto mais alta for uma *pilha* ou uma *montanha/monte* de uma referente, maior será a quantidade dele. Na visão de Tavares (2019), outros esquemas imagéticos também servem como domínio-fonte para a metáfora no processo de quantificação, a depender de qual lexema é usado como quantificador. Em relação a *uma enxurrada de gols*, *uma avalanche de protestos*, *um vendaval de influências* e *uma enchente de cartas* (cf. TAVARES, 2019) a metáfora ativada é QUANTIDADE É MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS.

Além dos *Frames*⁸ evocados pelos domínios fontes, Tavares, em sua Tese concluída em 2018, estabelece alguns outros *Frames* envolvidos neste tipo de quantificação. De acordo com ela, essas construções possuem preferências combinatórias, contudo, é uma tarefa árdua descrever a regularização dos itens que aparecem em seus *slots*. Dentre as 549 ocorrências coletadas da construção nos corpora⁹, Tavares (2018) propõe 8 *Frames* evocados, como podemos ver no gráfico a seguir:

⁷ Teoria Conceptual da Metáfora proposta por Lakoff e Jonhson (1980).

⁸ Fillmore (1977).

⁹ Tavares (2019) utilizou como *corpora* o *Centenfolha*, NURC-RJ, Corpus do Português, e um *corpus* do gênero ficcional a partir de buscas no Corpus do Português

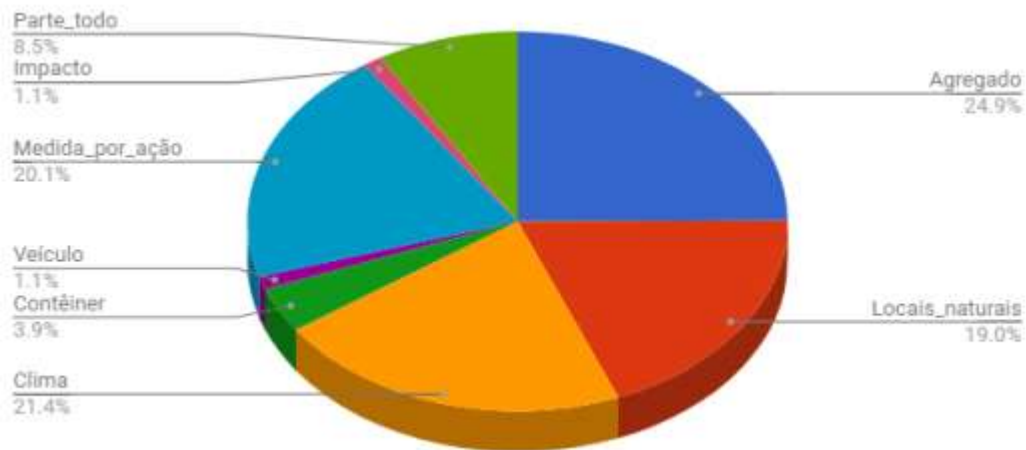


Gráfico 1: *Frames* evocados. Retirado de Tavares (2018)

O *Frame* Agregados, o mais frequente, é evocado por nomes como *corja*, *pelotão*, *batalhão* e *pilha*, etc. e costuma agrupar indivíduos ou coisas. Já *Locais naturais* é o *frame* ativado por elementos da natureza como *mar*, *montanha*, *oceano*, *galáxia*, *rio*, etc. *Clima* é acionado por fenômenos climáticos como *tempestade*, *dilúvio*, *inundação*, *avalanche*, *enxurrada*, etc. O *Frame* *Medida por ação* está relacionado à noção de delimitação (quantificação) de um referente, inicialmente, não delimitável, como *bocado*, *pitada* e *punhado*. O *Frame* *Contêiner* é algo que possui conteúdo e evoca *poço* e *pá*; *Impacto* pode ser explicado pelo nome que o ativa: *porrada*; bem como *Veículo*, evocado por *caminhão*. (cf. TAVARES, 2018, p.86)

Os *frames* *Locais naturais* e *Clima* são particularmente interessantes para essa pesquisa. Buscando entender a relação entre N1 e N2, a autora analisa, também, os *frames* acionados pelos N2. Nomes como *montanha* ou *mar*, que evocam o *frame* *Locais naturais*, se relacionaram na análise com mais de 40 *frames*, dentre os quais, *Dinheiro*, *Texto* e *Moralidade_ avaliação* se mostraram bastante ativados pelos N2:

- (11) Mais difícil tão difícil que nem se menciona mais é a idéia de que foi derrubado pelas ondas do **mar de corrupção**, que se demonstrou inexistir. (TAVARES, 2018, p.90)

Segundo a autora, um N1 como *pilha* ou *montanha* privilegia a quantificação de itens que possam ser amontoados uns por cima dos outros, configurando, assim, uma pequena montanha, como documentos, brinquedos, livros ou cartas. Em relação a esses nomes, Tavares (2018) entende que algumas combinações estão mais convencionalizadas na língua

do que outras, o que, segundo ela, se relaciona pela relação conceptual que as combinações estabelecem entre si.

Os N1 que evocam Clima foram combinados com N2 que acionaram mais de 50 *frames* diferentes, os mais frequentes são Ações_políticas, Dinheiro e Texto. A autora acredita que isto se deve ao fato de os dados serem mais frequentes em um *corpus* jornalístico dentre os *corpora* analisados, além disso, ela entende que este grupo possui menos restrições de N2 do que os outros, já que é o mais evocam frames variados de N2. Abaixo podemos ver um exemplo citado pela autora:

- (12) Ele acredita até que o governo precisará realizar controles para segurar essa **enxurrada de dinheiro externo** a partir do próximo ano. (TAVARES, 2018, p.90)

Por fim, achamos válido revisar para este trabalho a seção da Tese de Tavares em que a autora realiza um teste de aceitação das construções com falantes. O teste foi realizado com voluntários que responderam a um questionário de 30 questões. Em cada uma havia 3 sentenças: 1 sentença com o objeto de estudo (SC), 1 sentença com sentido equivalente (SE) – sem a presença da construção de quantificação investigada – e 1 sentença distratora (SD). Os voluntários precisam fazer um julgamento se tais sentenças eram: 1. inadequada, 2. pouco adequada, 3. razoavelmente adequada, 4. bastante adequada e 5. perfeitamente adequada. A autora dividiu a avaliação em 3 grupos, o grupo possuía sentenças contendo expressões de quantificação encontradas nos corpora (N2 bastante provável); O grupo 2 era composto de expressões de quantificação novas, criadas por analogia com aquelas que ocorrem no grupo 1; finalmente, o Grupo 3 possui expressões de quantificação novas com um N2 pouco provável.

Em relação às sentenças do grupo 1, na maior parte dos dados, os falantes julgaram bastante provável as suas ocorrências, nesse grupo, havia dados como onde de assaltos, dedo de prosa e punhado de gente. Nas sentenças do grupo 2 e 3, houve um maior estranhamento e na maior parte dos dados, os falantes julgaram a sentença equivalente mais provável. Nestes grupos, havia dados como ondas de sorriso e ondas de dinheiro, dedo de reggae e dedo de gente e punhado de gente e punhado de deboche. Tavares (2018) entende que a mudança do N2 pode não ser, então, tão bem aceita, principalmente se ele fizer parte de um grupo semântico distinto daqueles atestados no *corpus*. Logo, entendemos aqui que os N1, possivelmente, não podem ser acomodados com qualquer N1.

Sob a ótica da Linguística centrada no uso, Alonso (2010) estuda as construções binominais quantitativas do tipo um N1 de N2, como vemos em *um litro de leite, uma cambada de crianças, um pouco de pão* etc. A autora identifica em seus dados quatro padrões com a estrutura um N1 de N2, em dois deles o item *um* é numeral:

Num N1 de Nsing2 - um quilo de farinha.

Num N1 de Npl2 - um grupo de pessoas.

Enquanto nos outros 2 o item *um* é artigo indefinido, a saber:

Art Indef N1 de Nsing2 - um pouco de comida.

Art Indef N1 de Npl2 - um monte de crianças.

Alonso (2010) concluiu que as duas primeiras tratam de quantidades mais determinadas, portanto são mostradas mais objetivas, já as outras duas são mais subjetivas, e demonstram a avaliação do sujeito acerca de uma determinada quantidade. Sobre o último padrão, mais importante para este trabalho, a autora entende que é um padrão mais entricheirado e, portanto, mais idiomático do que as construções com numeral; e salienta que a frequência é um gatilho para outros itens que instanciam o *slot* da construção, de maneira que a semântica da construção seja atualizada e configurada por esses itens, a partir das suas propriedades semânticas e formais.

De acordo com Alonso (2010), o N1 exprime quantidade indeterminada e N2, tomado como contável ou discreto, tende a ser pluralizado. Este padrão está relacionado ao processo de multiplexização, a matéria se multiplica em termos da sua existência (cf. TALMY, 2006). Ao usar a construção, o falante faz uma avaliação subjetiva de grande quantidade que está associada à ideia de multiplexização, já que haveria a multiplicação do item expresso em N2, como em *pessoas*, que em geral seria entendido como discreto. Quando o N2 aparece no singular, o sentido pode ser explicado a partir do fenômeno do *mismatch*.

Finalmente, revisitamos o trabalho de Fumaux (2018), que investigou a construcionalização de *um monte SN* no PB. Conforme a autora, a construção com sentido quantitativo possui origem em uma de sentido mais qualitativo, sendo assim, os usos periféricos da construção qualitativa passaram por mudanças de sentido, por estarem mais distante semanticamente dos seus exemplares mais centrais. De acordo com a autora, além de uma mudança de sentido, a construção passou por uma mudança de forma, de núcleo. Observe os exemplos a seguir

- (13) Um monte de areia
 (14) Um monte de coisas

No primeiro dado, a autora entende que o núcleo da construção seja *monte*, que é especificado pelo SP *de areia*. Porém, no segundo exemplo, o núcleo corresponde ao SN *coisas*, e o *chunking um monte de* atua como um modificador deste SN.

A dissertação de Fumaux (2018) se faz relevante para este trabalho, pois a autora argumenta que o padrão *um monte de SN* é uma construcionalização no PB, isto é, a partir de mudanças de forma e de sentido, criou-se uma nova construção na língua que tem como objetivo quantificar um referente. Sendo assim, neste trabalho partimos de um entendimento de que as microconstruções estudadas passaram ou estão em processo de construcionalização, de modo que haja um apagamento gradativo da semântica do nome quantificador quanto menos composicional e analisável as microconstruções se tornem. Entender este processo é importante, pois, acreditamos que a semântica do NQ interferirá mais ou menos na seleção dos itens recrutados para os *slots*, a depender do momento da trajetória de mudança, em que elas se encontram. Desta forma, os dados poderão alternar entre metáforas de quantidade e, de fato, quantificações.

2.2. Construções binominais na literatura estrangeira

Verveckken e Delbecque (2018) estudam a persistência da imagem conceptual dos nomes quantificadores em construções binominais quantificadoras. A construção binominal quantificadora *un montón de N* é a mais frequente no *corpus* escolhido¹⁰ pelas autoras. O trabalho diz que o nome quantificador *montón* mantém facetas de seu significado original, que é comumente descrito como um conjunto de coisas acumuladas, ou como coisas postas desordenadamente em cima uma das outras, em uma típica configuração cônica.

De acordo com as autoras, a faceta mais comum de *montón* é a acumulação, os N2 quase sempre se perfilam como entidades acumuladas. Há outros sentidos que se ligam a ideia de acumulação. A contiguidade espaço-temporal é uma reunião das entidades quantificadas (N2): “um montão de *gente* vendo os chipanzés” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa). Outra faceta é a de pertencimento a mesma categoria, como no caso de *escritores* no exemplo a seguir: “um montão de escritores narrando a situação” (Verveckken & Delbecque

¹⁰ A saber: *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA)

2018, tradução nossa); ou enumerações: “Há um montão de estrelas; a urso maior, as sete irmãs... A lua! (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa). Por fim, o efeito de homogeneização, em que o conjunto absorve a individualidade: “*tudo* se junta na minha memória como um confuso montão de gestos, e rostos, e lugares” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa), assim como ocorria nos casos de literalidade de *montón*, em que os componentes eram acumulados sem ordem, no dado percebe-se a falta de distinção entre as entidades quantificadas.

Segundo as autoras, além das facetadas ligadas à acumulação, existem as facetadas que estão de alguma forma relacionadas à falta de ordem ou estrutura, como vimos no exemplo “Até aquele momento tínhamos muitas citações espalhadas” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa). Para elas, esta conceptualização mais ligada à interpretação literal de *monte* também transcende em exemplos quantitativos em que não se sabe ao certo a quantidade exata do N2: “tudo, as melhores coisas que você pode calcular e *um monte de camarareiros* para cima e para baixo” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa). Ressalta-se, ainda, a faceta – inferida por extensão metonímica da falta de estrutura – acaso ou aleatoriedade da acumulação: “não sei por que um montão de gente estava presente: o presidente, o ministro, Juan Antonio Yáñez e eu” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa), no exemplo parece haver casualidade.

Verveckken e Delbecque (2018) também discutem a alternância entre dois nomes quantificadores, que segundo elas, são quase sinônimos, a saber: *avalanche* (*alud*) e *enxurrada* (*aluvión*). Entende-se, no trabalho, que embora haja uma aproximação dos sentidos dos NQ, há nas construções binominais quantificadoras de cada um deles particularidades despertadas pela imagem conceptual de cada NQ.

Inicialmente, as autoras destacam que ambos os NQ perfilam um número considerável de N2s que emergem de forma simultânea e inesperada, e que podem levar a situações drásticas, assim como, sabemos ser os efeitos causados pelos desastres naturais causados por um fenômeno como uma *avalanche* ou uma *enxurrada*. Contudo elas apresentam exemplos em que não há possibilidade de intercâmbio dos nomes quantificadores, sem que haja uma mudança de sentido. Vejamos os exemplos a seguir:

- (15) Un país tradicionalmente parado, se ponía *súbitamente* en movimiento y
Um país tradicionalmente paralisado começou a se movimentar subitamente e

experimentaba en primavera una *inesperada* floración de tipos y de ideas *experimentava na primavera um inesperado florescimento de tipos e ideias* nuevas, algunas de las cuales madurarán y darán fruto en el otoño e invierno *novas, algumas das quais amadurecerão e darão frutos no outono e inverno* siguientes. **Un aluvión de nuevos negocios**, y nuevos empresarios, desconocidos *seguintes. Uma enxurrada de novos negócios e novos empresários, desconhecidos* meses atrás, parece inundar de repente la escena nacional, *relegando a lós* *meses atrás, parece inundar de repente o cenário nacional, relegando os* políticos a las páginas interiores de los periódicos. *políticos para as páginas internas dos jornais.* (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa)

- (16) ¿No nos hemos visto “inundados” por un *repentino* **alud de productos agrícolas** *Não fomos "inundados" por uma repentina avalanche de produtos agrícolas* e industriales, *fruto del* radical desarme arancelario, ante el que ni nuestros *e industriais, resultado do desarmamento radical das tarifas, diante do qual nem* *nossos* agricultores ni nuestros empresarios estaban *preparados para competir?* *agricultores nem nossos empresários estavam preparados para competir?* (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa)

No primeiro exemplo, com *enxurrada*, o sentido da construção é apresentado como positivo, pois a atenção aos políticos ficou em segundo plano. No segundo exemplo, de forma contrária, a chegada repentina de produtos estrangeiros é prejudicial à agricultura doméstica. As autoras entendem no dado com *avalanche* a vítima derrotada, ou não preparada para competir, é mais facilmente combinada com a imagem conceptual da avalanche. Se o exemplo fosse com *enxurrada* perfilaria a ideia de que há chance de defesa.

Verveckken e Delbecque (2018) estabelecem que são facetas conceptuais de *aluvión* (enxurrada): uma chegada simultânea a partir de pontos distintos; entidades repentinas, inesperadas; ou novas; pode ser devastadora e provocar vítimas. A *enxurrada* provoca uma reação, ou ela é provocada por uma causa identificável. De acordo com as autoras, para *alud* (avalanche) é bem parecido, contudo algumas distinções são apontadas. Destacamos, aqui, a que julgamos mais importante: assim como acontece em enxurradas literais, os dados de *aluvión* sugerem que o N2 inunda a vítima por todos os lados, a partir de pontos de partida

distintos. Entretanto, com *alud* acontece de maneira diferente, pois o ponto de partida é apenas um, colaborando então para uma interpretação mais incisiva do dado.

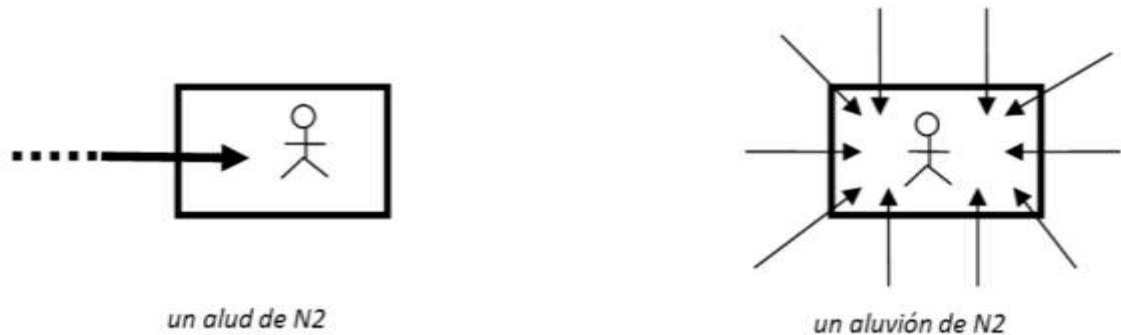


Figura 8: Imagens de *alud* e *aluvión*. Retirada de Verveckken & Delbecque, 2018, p. 134

As autoras discutem os dados “*a enxurrada de críticas recebidas*” e “*uma avalanche de críticas na oposição*”, e demonstram, com auxílio da figura acima, que aquela possui uma diversidade de opiniões que foram expressas em momentos diferentes, enquanto esta age como um bloco, dando às partes diferentes uma visão unificada e, portanto, uma força mais contundente. É válido também destacar que *alud* parece se tratar de um evento pontual, enquanto *aluvión* parece estabelecer uma relação de contiguidade.

Observam-se, também, os tipos de verbos que apareceriam antes das construções binominais quantificadoras com *alud* e *aluvión*. Conforme as autoras, as combinações mais frequentes são com o verbo “receber” (5 e 10 ocorrências, respectivamente) e provocar (com 8 e 4 ocorrências, respectivamente). Ressalta-se, ainda, que há um número maior de *types* verbais que possuem uma consequência drástica acontecendo na construção com *alud*; como vimos, a imagem conceptual desse nome quantificador constrói efeitos mais contundentes. Expõe-se, também, que os verbos combinados com a construção com *aluvión* frequentemente retratam uma reação da vítima, que é vista como antagonista: (em português) enfrentar, atender, parar etc. Com *alud* acontece o contrário, pois evidencia-se a fragilidade da vítima: (em português) enterrada, inundada, preocupada, paralisada etc. (cf. VERVECKKEN & DELBECQUE, 2018).

Ao analisarem os N2, observou-se que o N2 *críticas* é a combinação preferida de ambos e alguns *clusters* semânticos foram identificados: reações verbais (chamadas, risos, críticas); gente (clientes, turistas); fontes de informação (notícias, documentos); ações ou produtos políticos/econômicos (pactos, produtos, dinheiro); e noções abstratas/experiências (ideias, sentimentos, pensamento). Devido às imagens conceptuais provocadas por *alud*, há

uma maior incidência de exemplos com conotação negativa, *aluvión* também constrói sentidos positivos. O segundo *cluster* mais popular é o de ações ou produtos políticos/econômicos para a construção com *alud* e gente para a construção com *aluvión*, pessoas que “invadem” o domínio da vítima. Os grupos semânticos identificados não possuem uma lógica relação estabelecida entre si fora do contexto das imagens conceptuais projetadas pelos nomes quantificadores (cf. VERVECKKEN & DELBECQUE, 2018).

Por fim, as autoras discutem se há uma motivação para a escolha do nome quantificador na construção, já que, como sabemos, as imagens conceptuais dos nomes quantificadores impactam os N2. Elas retomam a noção de isotopia (Kerbrat-Orecchioni 1979, Rastier 1987 apud Verveckken & Delbecque, 2018) para propor que os falantes procuram usar elementos congruentes e coerentes em seu discurso, sendo assim, na busca pela coerência do discurso os falantes optariam por um N1. Vimos que os NQ possuem suas preferências combinatórias e que, de modo geral, essas escolhas, grosso modo, fortalecem a semântica original do NQ.

Contudo, dizem que não é apenas a imagem de N2 que acomoda a imagem conceptual introduzida por N1, devemos considerar, também, o papel que o N2 terá na escolha do nome quantificador, pois há um ajuste mútuo entre as imagens associadas a N1 e N2. Desta forma, é recorrente que certos tipos de N2 constantemente aparecem com certo NQ, ou com um certo grupo de NQ. Elas exemplificam ao dizer que referentes negativos costumam recrutar NQ como *alud*, *aluvión* ou outros fenômenos naturais como tempestades ou maremotos (em português). Os N2 estariam, assim, evocando imagens conceptuais que maximizam seus sentidos:

A ideia é que a coocorrência de itens lexicais que compartilham uma ou mais facetas conceptuais com N1 aumenta a proeminência relativa que esses componentes têm no marco (“*Frame*”) evocado pelo discurso mais amplo. Em outras palavras, N2 e o contexto maior codeterminam a(s) faceta(s) da imagem conceptual de N1 que são atualizadas em ocorrências particulares (VERVECKKEN & DELBECQUE, 2018, tradução nossa).

2.3. Análise colostrucional em Construções Binominais quantificadoras

A dissertação de Nascimento (2020) estuda as construções binominais quantificadoras do russo, desta forma, se faz relevante a revisão dessa pesquisa para o presente trabalho. De

acordo com a autora, a construção binominal quantificadora (*N Ngen*) parece recrutar palavras existentes no léxico da língua para funcionar como um quantificador. No caso do Russo, língua de caso morfológicamente marcado, não há a presença da preposição. A combinação dos dois nomes é determinada pela marcação do segundo nome no caso genitivo, por exemplo: “**morie liudiei**-GEN ‘um mar de pessoas’” (NASCIMENTO, 2020, p.13).

Em sua pesquisa, Nascimento (2020) estuda as microconstruções *gora Ngen* ‘uma montanha de Ngen’ e *morie Ngen* ‘um mar de Ngen’, as quais estão interligadas à construção binominal quantificadora do tipo *N Ngen*. Os quantificadores *gora* ‘montanha’ e *morie* ‘mar’ indicam uma grande quantidade indeterminada de algo, a informação de grande quantidade é construída subjetivamente com base na avaliação do falante.

(17) [CNLR – 2013 – entrevista]

(...) *kogda ia prishio-l v bibliotiek-u i uvidie-l mor-ie*

Quando 1S chegar-PST-M em biblioteca-AC e ver-PST-M mar-AC

knig (...).

livro-GEN-PL

(...) quando eu cheguei à biblioteca e vi **um mar de livros** (...). (NASCIMENTO, 2020, p.15)

(18) [CNLR - 2013 – artigo jornalístico]

Gor-a podark-ov lezha-la v

tsientr-ie

Montanha-NOM presente-GEN/PL estar deitado-PST-F em

centro-PRE

bol'ch-oi komnat-y.

grande-GEN sala-GEN

Uma montanha de presentes estava no centro da grande sala. (NASCIMENTO, 2020, p.15)

Segundo a autora, a referencialidade dos nomes usados na quantificação em russo pode ser “resgatada” em alguns casos; em certos dados com *gora* ‘montanha’, há a inferência de altura e verticalidade, já com *morie* ‘mar’, há a noção de imensidão ou preenchimento de uma superfície vasta. No exemplo 1, a autora entende que além da inferência de quantidade na relação entre *morie* e *kniga* ‘livro’, há, ainda, a leitura metafórica

de imensidão ou ocupação de uma superfície, interpretação inerente ao significado literal de *morie*. E no exemplo 2, percebe-se que o nome ‘presente’ está sendo delimitado pelo nome *gora* ‘montanha’, conferindo-lhe uma imagem de verticalidade, fruto da semântica de *gora* ‘montanha’.

Nascimento (2020) tem como objetivo investigar as microconstruções de grande quantidade supracitadas da língua russa. A hipótese geral formulada na pesquisa é a de que as duas construções possuem preferências colocacionais diferentes, ou seja, elas permitem determinados itens na posição *Ngen*. Sendo assim, ela utiliza, em sua pesquisa, uma análise de cunho colostrucional, que observa os itens que instanciam os *slots* das construções em foco.

Alguns dos traços observados por Nascimento (2020) nos dados que preenchem os *slots* são (+contável, +animado e +concreto) e mais específicos (+líquido para *morie Ngen* e +empilhável para *gora Ngen*). Desta forma, os nomes + empilháveis estabelecerão uma coerência semântica maior com o nome *gora* e os nomes + líquidos serão mais coerentes com *morie*.

Em sua análise, a autora percebeu que *gora Ngen* se combina, preferencialmente, com elementos que podem ser amontoados em um formato cônico. Segundo a mesma, as exceções são os itens *lietieratura* ‘literatura’ e *muskul* ‘músculo’, este se refere à anatomia muscular e não é empilhável. Aquele, em sua maior parte, é mais concreto e se refere aos textos escritos e livros existentes sobre algum assunto, de forma que possam ser agrupados ou empilhados. Entre os itens mais atraídos também estão nomes como *Trup* ‘cadáver’, *Musor* ‘lixo’, *Posuda* ‘louça’, *Okurok* ‘bituca de cigarro’, *Piesok* ‘areia’, *Pirozhnoie* ‘doce’ e *Knig* ‘livro’.

Um grande desafio encontrado por Nascimento (2020) é desfazer a leitura ambígua presente em muitos dados, para entender quais os dados com interpretação quantitativa e quais aqueles com leitura metafórica. Segundo a autora, *Trup* ‘cadáver’, *bumaga* ‘papel’ e *kniga* ‘livro’ são nomes que possuem uma leitura ambígua. Esses nomes sugerem uma leitura metafórica de pilha, já que, nesses casos, os referentes costumam configurar um grande “amontoado”, no qual há a inferência de grande quantidade a partir da verticalidade da pilha.

Sobre os referentes citados, a autora diz que além dos dados metafóricos, também existem dados com uma leitura plena de quantidade. Como podemos ver no exemplo a seguir com *Trup* ‘cadáver’.

(19) [CNLR – 2004 – *blog*]

Vot ob et-om-to i snia-l Raul' Ruis sv-oi chidievral'n-yi fil'm,

Eis sobre isso-PRE e filmar-PST/M Raul Ruiz REFL-M obra prima-AC filme-AC

ochen' smeshn-oi, nesmotria na gor-u trup-ov (...).

Muito engraçado-NOM apesar de montanha-AC cadáveres

Foi isso que Raoul Ruiz filmou para o seu filme obra-prima, muito engraçado, apesar da **montanha de cadáveres** (...).(NASCIMENTO, 2020, p.76)

O exemplo fala sobre um filme em que ocorre um massacre, logo se usa a construção quantificadora para indicar a presença de muitos corpos. O referente músculo, diferentemente dos outros citados, não possui uma leitura de empilhamento ou verticalidade, e ao ser quantificado por *gora* expressa o sentido de “musculatura fortalecida”.

Sobre *morie Ngen* ‘um mar de Ngen’, a autora cita Rakhílina (2010), que propõe que *morie* ‘mar’ atue como um quantificador com base na metáfora de LARGO É MAIS ou MAIS É INFINITO. As palavras *krov* ‘sangue’, *slieza* ‘lágrima’ e *pivô* ‘cerveja’ são os itens mais atraídos para o *slot Ngen*, Nascimento (2020) entende que os usos metafóricos da microconstrução estão mais ligados ao recrutamento de líquidos, que indicam grande quantidade a partir da metáfora de imensidão. Há, por exemplo, a leitura metafórica com o nome *tsvietok* ‘flor’, nesses casos, o falante estaria olhando de cima uma superfície coberta por flores. Essa cobertura, de fato, só é possível a partir da presença de uma grande quantidade de flores, promovendo, assim, a inferência de quantidade grande com base na infinitude da palavra mar.

Contudo, assim como no caso de *gora Ngen*, *morie Ngen* também apresenta dados quantificadores e, portanto, menos, metafóricos, vejamos o exemplo a seguir:

(20) [CNLR - 2004 - anúncio]

Manhut. Gam-a ot sozdatel-ei velik-ogo i uzhasn-ogo GTA III.

Manhut gama-NOM de criador-GEN-PL grande-GEN e terrível-GEN GTA III

Mor-ie krov-i i ogromn-oie kolichestv-o oruzhi-ia.

Mar-NOM sangue-GEN e enorme-NOM quantidade-NOM arma-GEN

Udovol'stvi-ie garantirova-no.

prazer-NOM garantir-PPP-N

Manhut. Gama dos criadores do grande e terrível GTA III.

Um mar de sangue e uma enorme quantidade de armas. Prazer garantido.

(NASCIMENTO, 2020, p.82)

O exemplo é uma publicidade de um jogo, que contém bastantes cenas de violência. Logo, a autora aqui revisada, entende que há o entendimento de grande quantidade de sangue expresso pela microconstrução estudada e também pela expressão “enorme quantidade de armas” ‘*kolichestvo oruzhiia*’.

Na pesquisa revisada, salientam-se as altas forças colostrucionais de *udovol'stviie* ‘prazer’, *vpietchatlienii* ‘impressão’ e *informatsiia* ‘informação’, que são nomes abstratos e usos tipicamente quantificadores. Em “*mor-ie vpechatleni-i*” (um mar de impressões) e “*Mor-ie informatsi-i*” (um mar de informações) há, apenas, a interpretação de quantidade grande. Em “*nastoyasch-ieie mor-ie udovol'stvi-i*” (um verdadeiro mar de prazeres) há uma analogia entre *morie* e sua natureza líquida e as diversas atrações do parque aquático, em que a água (líquido) está presente, portanto baseada mais uma vez na metáfora disponível. Esse dado evidencia que as duas leituras estão disponíveis na língua russa.

Em relação aos traços semânticos, Nascimento (2020) demonstra que *gora Ngen* ‘uma montanha de Ngen’ se combina, preferencialmente, com nomes concretos, sendo 81% do total dos dados da frequência de tipo. Este fato indica que a semântica do nome *gora* influencia no recrutamento dos itens para a construção, nos quais existem a ideia de “amontoadado vertical” que sugere a inferência de quantidade. O padrão *morie Ngen*, não parece ter preferência quanto a elementos concretos e abstratos por apresentar percentuais bem próximos entre eles (51% e 49%).

Sobre os elementos contáveis e incontáveis, observa-se que as duas microconstruções não parecem ter preferência explícita. Conforme, Nascimento (2020), a microconstrução *Morie Ngen* recruta muitos nomes contínuos e incontáveis, como sentimentos, substantivos abstratos e elementos líquidos, que não são contáveis na língua russa. De acordo com a autora, o traço +animado foi o menos relevante dentre os traços gerais para identificação de preferências colocacionais, ambas, preferem a combinação com nomes inanimados.

Em relação ao traço +empilhável, *gora Ngen* selecionam, preferencialmente, elementos concretos, inanimados e empilháveis, totalizando 69% dos dados da frequência de tipo. Sobre a frequência de tipo do traço +líquido, *morie Ngen* possui preferência por nomes não líquidos, (95%) dos itens, que aparecem no *slot* da microconstrução. A seleção de itens não líquidos, segundo a autora, indica mudança construcional motivada pela metáfora MAIS É INFINITO.

Entende-se, na conclusão do trabalho, que a microconstrução *gora Ngen* admite predileção por itens concretos, inanimados, contáveis e empilháveis, o que indica a manutenção da características semânticas do quantificador *gora* e da metáfora de

verticalidade, o que restringe a seleção de itens para o slot *Ngen*. Já a microconstrução *morie Ngen* parece ser menos restritiva, já que seleciona nomes concretos, abstratos (de várias classes), contáveis, incontáveis, animados, inanimados, líquidos e não líquidos. Para a autora, a construção possui uma extensão de sentido e se combina com itens mais variados, de modo que os contextos com elementos incontáveis e líquidos podem ter servido como gatilhos para a expansão semântica com nomes massivos e abstratos, como sentimentos, atributos, entre outros.

2.4. Falando sobre quantificadores

A investigação sobre quantificação tem sido tema de diversas áreas ao longo do tempo. A lógica clássica propõe os quantificadores lógicos universal “ \forall ” e existencial “ \exists ”. Com base nisso, alguns trabalhos, como o de Montague (1974), apresentaram uma relação entre quantificadores lógicos e linguagem natural. Esta pesquisa apresentou uma teoria que unifica ou identifica expressões substantivas do Inglês, como “todos os mamíferos”, “João”, “nós”, à noção de quantificadores generalizados.

Na lógica de predicados, um quantificador universal x diz que a seguinte fórmula é verdadeira para todo valor de x : se A é entendido como americano, $(x)Ax =$ Para todo x , x é americano = Todos são americanos. Porém, alguns quantificadores como *muitos* (poucos), *quase todos* (quase nenhum), *maioria* (minoria) não podem ser definidos naturalmente a partir dos quantificadores da lógica clássica. Estes quantificadores são chamados de quantificadores não lógicos, também entendidos como quantificadores naturais que surgem nas linguagens naturais e são distintos do universal e do existencial (cf. FEITOSA ET. AL., 2011)

Castilho (2008) postula que a quantificação está inserida no processo semântico da predicação que pode ocorrer pela pluralização com o *-s*, por pronomes, advérbios ou substantivos coletivos. Acrescenta, ainda, que ela pode ser definida, no caso dos numerais, ou indefinidas, no caso de quantificadores indefinidos – denominados, por exemplo, pelo artigo indefinido *um*. Por indefinido pode-se entender um número indeterminados de objetos (muitos dias) até uma quantidade indeterminada deles (bastante água), podendo o núcleo do sintagma ser contável ou não. Os quantificadores indefinidos são expressões que possuem a função de atualizar os nomes, pois acrescentam ao que é designado alguma informação sobre quantidade, isto é, indicam a porção de um certo conjunto.

No escopo da quantificação, a autora, ainda, propõe os sintagmas nominais de significação indefinida, como os sintagmas preposicionais indeterminados como *montão* (um

montão de) e porrada/cacetada (uma porrada de, uma cacetada de). Nossas microconstruções são estruturadas pelo artigo indefinido e por um sintagma preposicional com os nomes *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva* mais a preposição de. Desta forma, entendemos que as microconstruções são quantificadores indefinidos, em que há uma avaliação de grande quantidade indefinida e acrescentamos que há uma avaliação subjetiva e hiperbólica por parte dos falantes.

De acordo com Leonetti (1999) um sintagma quantificador pode ter três sentidos básicos: o quantificador propriamente dito (i.e. a expressão que especifica a operação de quantificação que se realiza sobre um domínio), a variável associada a ele e o domínio ou escopo sobre o qual o quantificador atua. Sobre isso questionamos as vantagens que existem em usar nomes quantificadores como *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva*. Acreditamos que além do processo de quantificar, eles podem contribuir adicionando em seus contextos nuances que indiquem mais informações acerca da intenção comunicativa dos falantes.

Verveckken e Delbecque (2018) discutem se os nomes quantificadores são itens polissêmicos, isto é, se o sentido de quantificação de grande quantidade é um sentido adicional ou seu sentido literal. Ou se a interpretação de quantidade torna-se plausível na construção binominal. Segundo a autora, a segunda hipótese é menos aceitável, pois ainda há a possibilidade da interpretação literal em construções binominais, como no exemplo *um monte de terra*. O fato de podermos usar construções com os nomes quantificadores que não são binominais também parecem ser um argumento contra a segunda alternativa, como vemos em português na construção: *eu falei um monte para ele*.

As construções binominais quantificadores são uma ferramenta útil para quantificação expressiva e hiperbólica, no entanto a manutenção da semântica do nome quantificador pode influenciar na convencionalidade de uma construção como um novo nó na rede de construções quantificadoras, isto é, se tal construção recrutar muitos itens que possuam coerência semântica com o sentido literal do NQ, ela será mais composicional e menos esquemática.

De acordo com Verveckken e Delbecque (2018), o nome quantificador possui papel fundamental na conceituação de quantidade, estabelecendo assim, a sua própria conceituação. Desta forma, ao mudarmos o nome quantificador em uma construção quantificadora ocasionaremos, segundo a autora, um deslize semântico. Segundo Goldberg (1995), o Princípio da Coerência Semântica estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos, isto é, a compatibilidade existe quando um dos papéis pode ser caracterizado como instância do outro. Verveckken e Delbecque (2018) acreditam que os

nomes quantificadores não sejam plenamente intercambiáveis entre si devido a semântica própria que cada um carrega.

A autora entende a partir de trabalhos anteriores que as construções binominais quantitativas podem dar origem a três usos diferentes. O primeiro deles ativa o seu significado original (*fui arrastado por uma enxurrada de lama*). O segundo é um uso quantificador, um processo de metaforização a partir do significado do nome quantificador, isto é, o enunciador convida o ouvinte a entender uma quantidade a partir da imagem conceptual tipicamente associada ao NQ (*recebi uma enxurrada de dólares*). Neste caso, há a possibilidade de troca com um quantificador canônico, como *muito* em português, entendemos, então, que aconteceu uma grande quantidade de chamadas. O último uso é chamado de categorizador, nele o NQ continua agrupando o conjunto de N2 como no uso quantificador, contudo, para a autora, o seu papel crucial é categorizar N2 com base na imagem conceptual associada ao NQ.

Segundo as autoras, nas construções binominais quantificadoras há uma persistência conceptual, logo, em toda conceptualização que um nome quantificador possa impor a um N2, a sua imagem conceptual sempre refletirá, o que os distinguirá dos quantificadores canônicos. Devido a essa característica, a autora os classifica como intermediários em um continuum entre uma expressão quantitativa e uma expressão qualitativa, pois, além da pressuposta quantificação, os NQ é capaz de atribuir a um referente certas características específicas.

Um dos conceitos abordados pela a autora nessa questão é o de iconicidade. Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) entendem a iconicidade com a correlação natural entre forma e função. Para a corrente funcionalista, a estrutura da língua é reflexo da experiência humana. Logo, as estruturas linguísticas não poderiam ser arbitrárias, pois elas estão relacionadas com as propriedades da conceptualização humana de mundo.

A iconicidade fundamenta-se na ideia de uma motivação da estrutura das línguas. O funcionalismo postula três subprincípios para a iconicidade: Subprincípio da ordenação linear, Subprincípio da quantidade e Subprincípio proximidade. O primeiro subprincípio é importante para o entendimento de Verwekken e Delbecque (2018) sobre as construções binominais quantificadoras, já que o NQ é mencionado e processado primeiro, ele determina a imagem esquemática de N2. Assim, N2 é entendido a partir do perfil previamente ativado por NQ.

Em usos gramaticalizados de nomes quantificadores é a categorização adicional – devido à persistência conceitual – que distingue os NQ dos próprios quantificadores. Os quantificadores binominais ocupam, assim, uma posição intermediária no *continuum* entre a expressão quantitativa e a expressão qualitativa: permitem quantificar um conjunto de

entidades e atribuem-lhes certas características específicas à luz da sua imagem conceptual. (cf. VERVECKKEN, 2018) Sendo assim, as construções binominais quantificadoras satisfazem, ainda mais que quantificadores tradicionais, à intenção comunicativa dos falantes, já que parecem transparecer além de uma avaliação de grande quantidade, uma motivação específica por trás da escolha do nome quantificador – disponível em um paradigma nessas construções.

Uma imagem conceptual despertada por um nome quantificador é como um espaço mental, parafraseando Verveckken e Delbecque (2018). Sobre as Construções binominais quantificadoras, as autoras demonstram que os sentidos perfilados por elas variam de acordo com o contexto. Conforme a autora, as diferentes facetas conceptuais apresentam diferentes graus de esquematicidade, sendo assim, o contexto discursivo e a cena construída determinam um conjunto de facetas estabelecidas em ocorrências específicas. Com base em Langacker (1991) entendemos que o significado de uma expressão não é definido somente pela imagem conceptual evocada, mas também a partir do modo como ela é construída, sendo assim, *construal* pode ser caracterizado a partir da percepção de uma situação pelo falante.

Portanto, consideramos que nossas microconstruções estabelecem uma quantificação indefinida dos referentes, além disso, procuraremos levar em consideração os aspectos que estão envolvidos na construção dos sentidos da quantificação realizada pelas construções binominais quantificadoras, partindo do entendimento de Verveckken e Delbecque (2018) de que as imagens conceptuais evocadas são diferentes. No próximo capítulo, explicaremos sobre as estratégias de observação adotadas na análise deste trabalho.

3. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia adotada para descrição e análise dos dados, tal como as características do *corpus* utilizado nesta pesquisa. A primeira seção tem como objetivo descrever como realizamos a coleta de dados, em seguida, na segunda seção, explicaremos como fizemos a análise qualitativa dos dados e, por fim, falaremos sobre as duas partes que compõem a análise quantitativa.

Adotamos, nesta pesquisa, métodos de análise quantitativos e qualitativos, que serão comentados adiante. Contudo, nosso, primeiro passo será apresentar um pouco sobre a Linguística de *corpus*, que foi importante para a realização da análise deste trabalho. De acordo com Stefanowitsch, um *corpus* é:

uma grande coleção de texto autêntico (ou seja, amostras de linguagem produzidas em situações comunicativas genuínas), *corpus* linguístico é como qualquer forma de investigação linguística baseada em dados derivados do tal *corpus*... Definidos dessa forma, os *corpora* constituem claramente observações registradas do comportamento da linguagem (STEFANOWITSCH, 2020, p. 1, *tradução nossa*)

Segundo o autor, para a Linguística de *corpus*, o *corpus* é uma coleção de amostras de usos da língua autênticos, representativos e grandes. Sendo assim, para que se possa ter uma *autenticidade*, é necessário observar o uso em contexto de comunicação. Para análise de língua escrita, é preciso coletar as amostras após a escrita propriamente, para que não haja como os falantes saberem que sua produção será fruto de análise linguística.

Sobre a *representatividade*, o autor diz que uma amostra representativa é aquela que possui um subconjunto de pessoas igual ao da população em geral, com respeito à distribuição do fenômeno em investigação. Para isso um *corpus* equilibrado costuma incluir diferentes manifestações da linguagem que ele pretende representar, em proporções que reflitam sua incidência na comunidade de fala em questão.

Segundo o autor, embora os *corpora* sejam sempre distorcidos em relação à população geral de textos e variedades de língua em uma comunidade de fala, os efeitos indesejáveis dessa distorção podem ser atenuados incluindo no *corpus* uma gama de variedades tão ampla quanto realista, em geral ou em contexto de um determinado projeto de pesquisa; pois aumentar a *diversidade* da amostra aumentará a *representatividade*, ainda que o desenho do *corpus* não seja estritamente proporcional à incidência de variedades de texto ou tipos de falantes encontrados na comunidade de fala.

Outro fator primordial para um *corpus* é o tamanho, que deve ser *grande*. Como a diversidade, o tamanho do *corpus* também é assumido para contribuir com a representatividade, portanto se um corpus contivesse a totalidade de todas as manifestações de uma língua (ou variedade de uma língua), seria necessariamente representativo. Para atingir a este objetivo, um *corpus* deve conter amostras suficientemente grandes de cada estrutura gramatical, item de vocabulário etc. Porém, de maneira realista, podemos dizer baseado na leitura de Stefanowitsch (2020), que um *corpus* deve ser grande o suficiente para conter, ao menos, uma amostra de instâncias do fenômeno sob investigação, ou seja, que seja grande o suficiente para análise. Conforme Stefanowitsch (2020), optamos, então, pela a escolha do *Corpus Brasileiro*, a seguir descreveremos como foi a coleta dos dados.

3.1. Coleta de dados

Para desenvolver a análise pretendida nesta pesquisa, como primeira etapa, acessamos ao portal WWW.linguateca.pt. De acordo com seus idealizadores, a Linguateca é um centro de recursos distribuído para o processamento computacional de português, e seu objetivo é servir a comunidade que se dedica ao estudo da língua portuguesa, criando, por exemplo, *corpora* suficientemente grandes que possam ser usados como referência. O portal pretende, ainda, auxiliar na divulgação e na catalogação do processamento computacional do português na rede, assim como facilitar o acesso aos recursos já existentes, por meio do desenvolvimento de serviços de acesso na rede, com melhorias e criação de recursos, além de avaliação da área em conjunto com a comunidade.

O portal Linguateca disponibiliza acesso a alguns *corpora*. Dentre esses, coletamos os dados do *Corpus Brasileiro*, que é uma coletânea de 991.800.000 palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha, com financiamento da Fapesp. De acordo com Sardinha, o tamanho do *corpus* é devido a uma população imensa, sendo assim quanto maior e mais variada essa amostra, mais representativa ela será. O autor considera que o impacto social do *Corpus Brasileiro* pode ser significativo, já que oferece uma vasta quantidade de informação sobre a língua portuguesa.¹¹ O *corpus* é composto por variados gêneros e fontes como podemos conferir a seguir:

¹¹ Informações retiradas de <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>

genero	Gênero	Fonte
ei	Acadêmico	Artigos
ej	Acadêmico	Teses e dissertações
eq	Acadêmico	Anais de congresso
en	Cinema e TV	Roteiros
ee/ef	Educação	Diversos
ee/ef	Educação	Diversos
et	Enciclopédia	Wikipédia
fa	Esporte	Narração de jogos de futebol
ek	Informática	Manuais
ed	Jornalismo	Revistas
eg	Jornalismo	Jornais
eo	Jornalismo	Horóscopo
fe	Jornalismo	Entrevistas
em/ex	Legislação	Diversos
em/ex	Legislação	Diversos
eb	Literatura	Contos
ec	Literatura	Crônicas
eh/ew	Literatura	Variados
eh/ew	Literatura	Variados
eu	Literatura	Biografias
ea	Medicina	Bulas de remédio
ep	Política	Atas de assembléia legislativa
fb	Política	Debates de TV
fc	Política	Pronunciamentos do presidente
fd	Política	Sessões do congresso
el	Religião	Diversos
ev	Religião	Bíblia
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos

Quadro 1: Gêneros e fontes encontrados no *corpus*. Retirado de WWW.Linguateca.pt

Sardinha (2004), sob a ótica da Linguística de *corpus*, define um *corpus*, como uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para ser uma amostra de uma língua ou variedade linguística.

Neste estudo, procuramos entender as possíveis diferenças e preferências das microconstruções quantificadoras, com a forma *um/uma N1 de N2* e o sentido de quantificar

elementos. Seleccionamos quatro microconstruções para nos debruçarmos: *um monte de N2*, *uma montanha de N2*, *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2*. O *Corpus Brasileiro* possui uma ferramenta de busca, que permite a procura por uma ou mais palavras, que pode ser feita da seguinte maneira: se for apenas uma palavra basta escrevê-la e selecionar a opção de busca, caso deseje pesquisar mais de uma palavra, é necessário que se escreva essas palavras entre aspas, como por exemplo, “*monte*” “*de*” “*crianças*” e selecionar a busca. As imagens a seguir ilustram o processo de busca no portal:

Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro

AC/DC : Linguatca

O *Corpus Brasileiro* é uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por [Tony Berber Sardinha](#), (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da [Fapesp](#). Devido a variados tipos de processamento automático, é possível que nem todo o material incorporado esteja disponível através do AC/DC.

Procurar:

Resultado:

- Concordância
- Distribuição das formas (*word*)
- Distribuição dos lemas ([lema](#))
- Distribuição da categoria gramatical (PoS) (*pos*)
- Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temcagr](#))
- Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- Distribuição do género morfológico ([gen](#))
- Distribuição da função sintáctica ([func](#))
- Distribuição por género de texto ([genero](#))
- Distribuição por campo semântico ([sema](#))
- Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) ([grupo](#))

Opções

- Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- Resultados em formato separado por ponto e vírgula
- Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Fazer nuvem com limite de linhas.
Amostra aleatória de linhas.

Tipo	Diversos
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	1172.9 milhões
Tamanho (palavras)	991.8 milhões

Carateres úteis: | { } []

[Página principal](#)

Procure noutros corpos:

[AmostrA-NILC ANCIb Avante! Corpus Brasileiro CD](#)
[HAREM CETEMPúblico CHAVE Ciência Viva Colonia](#)
[CONDIVport CONDIVport2 CoNE C-Oral-Brasil](#)
[CORDIAL-SIN DHBB DiaCLAV Diáspora TL-PT ECLIBR](#)
[ECL-EE ENPCUB \(parte em português\) Floresta FrasesPB](#)
[FrasesPP Mariano Gago LeMe Literatca Marielle - presente!](#)
[Moçambula Museu da Pessoa Natura/Minho NOBRE OBRas](#)
[PANTERA Jado português PLo Norte Português Falado -](#)
[Documentos Autênticos ReLi NILC São Carlos todos juntos](#)
[Tycho Brahe Vercal](#)

Figura 9: Busca por palavras no *corpus* (WWW.Linguatca.pt)

Resultados da procura

12 de maio de 2022

Procura: "monte"
 Pedido de uma concordância em contexto
 Corpo: Corpus Brasileiro v. 6.2

7602 ocorrências.

Número de ocorrências excessivo! Tente restringir a sua procura a menos de 5000 casos.

Concordância

Procura: "monte".

Apresenta-se uma amostra aleatória de 5000 das 7602 ocorrências encontradas.

<p>: * Um dos herdeiros de uma fortuna de US\$ 10 bilhões, Constantine passou uma temporada em um spa no Arizona, aparentemente, para se recuperar de uma expedição ao monte Everest .

<p>: Fugiram todos para o monte, onde já 'tavam as mulheres fazendo o cristão em pedaços e assando-o em grande fogo, que tinham acendido à nossa vista, mostrando-nos muitas porções dele e comendo-a

<p>: Eu li a bula, tava escrito um monte de coisas assim e eu tinha medo de tomar e complicar depois .

<p>: A bebida pode não agradar, e o resultado será um monte de garrafas em casa», diz Dal Lago .

<p>: Você fica, vai numa festa, encontra um monte de gente, vai lá nos cantos, dá uns beijos, aí... " 'tamos namorando! "

<p>: Incorpora-se ao monte o valor dos bens alienados em detrimento da meação, se não houver preferência do cônjuge lesado, ou de seus herdeiros, de os reivindicar .

Figura 10: Resultado da procura no *corpus* (WWW.Linguateca.pt)

A estratégia que adotamos, em nossa pesquisa, foi de buscar apenas pelas palavras correspondentes aos nomes quantificadores escolhidos: *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva*. O objetivo foi garantir que todas as ocorrências fossem encontradas, pois acreditávamos existir a possibilidade de elementos intervenientes na construção, como por exemplo, *uma grande montanha de papel*, que acabariam descartados se buscássemos apenas por *uma montanha de*. Assim, garantiríamos que nenhum dado relevante para a pesquisa seria descartado. Também imaginamos que as microconstruções apareceriam com mais de um tipo de determinante, como artigos (um, uma etc.) ou pronomes (este, esta, aquele, aquela etc.), no entanto optamos por coletar dados com o padrão *um/uma + N1 (monte/montanha/enxurrada/chuva) + N2*, pois a realizaremos a análise colexêmica, um tipo de análise realizada em construções que possuem apenas um *slot* aberto, como veremos a seguir.

Após selecionarmos a busca, o portal mostrou todas as ocorrências das palavras *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva*. Muitas vezes nos deparamos com dados dos nomes citados e não das construções em si, e, também, com dados que não possuem sentido quantificador. A coleta nesse *corpus* exigiu uma análise qualitativa prévia dos dados, para não considerarmos ocorrências que, de fato, não eram dados das construções estudadas. Compilamos, então, todos os dados encontrados de cada construção estudada.

3.2. A análise qualitativa dos dados

A análise qualitativa dos dados foi realizada em duas etapas. A primeira delas consistiu em coletar os dados que fossem, de fato, dados das microconstruções quantificadoras. Nessa etapa, foi preciso tomar algumas decisões para a nossa análise. Uma delas foi considerar somente o núcleo de um SN. Sendo assim, modificadores e complementos nominais não foram codificados nas entradas da lista de dados. Com isso, por exemplo, se o lexema *coisa* aparecer ora com o modificador *bonita*, ora com o modificador *feia*, ele será computado como uma mesma entrada, pois entendemos que o item que está sendo recrutado pela construção é o mesmo, o que muda são as possíveis classificações, esta análise foi feita de modo qualitativo no *Corpus Brasileiro*. Nomes compostos como *guarda-roupa*, ou possíveis lexicalizações, como *cara de pau*, foram consideradas como uma mesma entrada. Em casos de coordenação, como *um monte de besteiras e trapalhadas*, consideramos cada um dos núcleos como uma entrada, por entender que os itens não representam uma

mesma unidade semântica, possuindo seu sentido individual e sendo quantificados separadamente.

Outro fator no qual foi necessária uma reflexão foram os dados de *gente* na construção *um monte de N2*. Esse item foi bastante recrutado pela construção. Optamos, assim, por excluirmos do número total de *gente* o número de ocorrências da construção *a gente*, a fim de não ocorrer um comprometimento da análise colexêmica dos dados. No caso do lexema *caras*, percebemos que nos casos catalogados, o item se referia a *homens* somente. Sendo assim, não foi necessário criar outra entrada em que *caras* significasse *faces*.

A segunda etapa foi realizada após a análise quantitativa, pois para interpretar de modo coerente os dados, foi necessário observar os contextos das ocorrências coletadas a fim de entendermos o papel dos nomes quantificadores para o sentido final das construções; bem como as diferenças que poderiam existir entre cada um deles. Esta análise se mostrou extremamente importante para o resultado final desta pesquisa, trazendo a ela mais segurança em relação os apontamentos que foram feitos. A seguir descreveremos as duas etapas da análise quantitativa.

3.3. A análise quantitativa dos dados

Na fase inicial, realizamos uma investigação acerca das relações semânticas entre os exemplares das microconstruções. Desta forma, a primeira etapa foi quantificar as ocorrências e os *types* das microconstruções, para isso selecionamos os 55 *types* mais frequentes de cada microconstrução. Consideramos importante olhar as frequências, pois de acordo com Bybee (2013), o modelo de exemplares está diretamente associado à produtividade, já que quanto maior o número de exemplares instanciando a construção, mais produtiva ela é, e mais fortalecida na memória ela se torna, além de cada vez ser mais provável que um novo item seja mapeado nela, por analogia a um item da nuvem de exemplares. Além disso, de acordo com Goldberg (2019) quanto mais variáveis são as instâncias atestadas, maior é o alcance de uma construção e conseqüentemente a sua cobertura.

Resolvemos, assim, quantificar os dados para compará-los com nossas previsões. Utilizamos uma frequência absoluta, que se refere à quantidade dos dados encontrados no *corpus*. Porém, como base em Stefanowitsch (2020), entendemos que esta é uma frequência bruta, que pode ocasionar resultados duvidosos: por exemplo, se uma variável possuir uma alta frequência, mas, também, for muito frequente em um *corpus* de uma maneira geral, o

resultado pode não ser relevante. Desta forma, Stefanowitsch (2020), salienta a importância da frequência relativa, que é uma porcentagem proporcional ao número total de dados.

Há uma grande desvantagem ao se analisar puramente uma frequência, pois não é possível afirmar por meio dela o quanto que os dados se desviam do esperado, nem que a relação entre duas variáveis, por exemplo, não ocorre ao acaso. Assim, além de usar frequências relativas, devemos comparar as frequências absolutas *observadas* das interseções de nossas variáveis com as frequências absolutas *esperadas*. A frequência observada refere-se a que observamos no *corpus* efetivamente, assim como a absoluta, e a frequência esperada refere-se a uma expectativa teórica derivada da multiplicação da probabilidade de um evento pelo número total de observações. Se uma pessoa joga cara ou coroa com uma moeda, a probabilidade de cair para um lado ou outro é de 50% (0,5), logo se eu jogar a moeda para o alto sete vezes, essa probabilidade poderá ser calculada ao multiplicarmos $0,5 \times 7^{12}$. Ao analisarmos estas duas frequências, e percebermos que a frequência observada é muito maior que a esperada, podemos dizer que há entre elas uma provável relação, que o resultado, portanto, não ocorre aleatoriamente.

Em seu livro, Stefanowitsch (2020), aborda um estudo sobre as *collocations*, que é importante para essa pesquisa. O autor apresenta a reflexão de que um texto não é, pura e simplesmente, uma sequência aleatória de palavras. Logo, se as palavras não se apresentam em uma sequência ao acaso, entendemos que precisamos investigar a probabilidade daquelas palavras aparecerem juntas em meio a milhões de possibilidades, o que pode ser influenciado por muitos fatores. De modo geral, entende-se em Stefanowitsch (2020), que o objetivo de uma análise quantitativa de *collocations* é identificar, para uma determinada palavra, aquelas outras palavras que a acompanham em seu contexto de uso. Para isso há uma maneira bem direta: comparar a frequência com que duas palavras coocorrem com as frequências com as quais ocorrem no *corpus* em geral, através de suas frequências observadas e esperadas, o que significa que o próprio *corpus* funciona como uma espécie de condição de controle neutra, embora indiscriminada.

O autor enumera que fatores gramaticais ou semânticos restringem sequências de palavras, isto é, existe uma lógica em encadeamentos de palavras, como artigos seguidos de substantivos, verbos seguidos de seus objetos, assim como, uma expectativa de que as palavras que seguem certa palavra possuam coerência semântica com que está sendo dito por ela, como por exemplo, palavras que representem um líquido seguirem um verbo como *beber*.

¹² Quando se calcula esta probabilidade com duas ou mais variáveis em jogo, o cálculo se torna mais complexo, para mais informações consulte Stefanowitsch (2020).

É ainda muito provável que palavras que ocorrem em um mesmo tópico do discurso expressem o mesmo conteúdo, o qual está sendo transmitido por alguém, assim, espera-se que essas palavras venham do mesmo domínio de discurso. Uma palavra terá, então, afinidades com algumas palavras e com outras não. Poderemos verificá-las por meio de testes estatísticos baseados em probabilidades, o mais amplamente utilizado é o teste de significância da hipótese nula (H_0). Para tanto, devemos partir de uma hipótese nula na pesquisa, essa hipótese dirá que não existe relação entre uma variável A e B. Já a hipótese alternativa (H_1), é considerada a hipótese de pesquisa, e dirá se existe uma relação entre a variável A e a variável B, de modo que alguns valores de A possam ser explicados pela relação entre as duas variáveis.

Se em uma pesquisa consegue rejeitar a hipótese nula, isto quer dizer que as frequências observadas são diferentes das hipóteses esperadas, que são aquelas previstas randomicamente, ou seja, ao acaso, como prevê a hipótese nula. Nesses casos, entende-se que os resultados obtidos estão corroborando as hipóteses alternativas, as de pesquisa. Contudo, é importante entender de que forma os resultados observados realmente desviam dos resultados esperados, o quão surpreendentes eles são de fato.

Toda vez que um pesquisador se depara com os resultados e identifica que as frequências observadas são diferentes das frequências esperadas pode-se descartar a hipótese nula – de que não há relação entre as variantes – Porém, é necessário considerar que na estatística se trabalha com probabilidades, tanto de acerto como de erro e leva-se em consideração uma pesquisa específica com uma amostra específica, de modo que não se possa fazer generalizações universais.

O p valor ou probabilidade de erro é a probabilidade de se estar errado ao rejeitar a hipótese nula, ou seja, a hipótese de que o fenômeno observado acontece ao acaso, não havendo, assim, relação entre as variáveis. Deste modo, se o fenômeno estudado apresentar um resultado ocasionalmente, isto é, de forma aleatória, o pesquisador estará errado ao descartar a hipótese nula. Todavia, é necessário compreender que essa probabilidade não está relacionada ao fato da hipótese nula estar certa ou errada. Segundo os estudos estatísticos, não é possível estabelecer uma verdade absoluta sobre a hipótese nula, pois ainda que essa hipótese represente uma probabilidade bem baixa de erro ao ser descartada, a hipótese nula ainda poderia ser verdadeira, ou, ainda que a hipótese nula represente uma probabilidade de erro bem alta se for descartada, esta poderia ser falsa.

O p valor simplesmente apresenta uma probabilidade de erro em certo estudo, baseada em suas falhas em potencial, variáveis etc. em rejeitar a hipótese nula. Desta forma, do ponto

de vista da estatística, não se deve começar a acreditar na hipótese de trabalho até que estudos adicionais rejeitem a hipótese nula. Uma pesquisa individual pode levar a uma rejeição errônea da hipótese nula, mas quanto mais estudos forem realizados e permitirem rejeitar a hipótese nula, mais a hipótese de pesquisa será corroborada.

Por convenção, a probabilidade de erro de 0,05 (cinco por cento) é considerada o limite do que significaria um risco aceitável na estatística, isto é, se a probabilidade de o resultado ocorrer ao acaso for menor que 5 por cento, $p < 0,05$ (ou seja, se p for menor que cinco por cento), o resultado é considerado estatisticamente significativo (não devido ao acaso). Nos casos em que a probabilidade de erro for maior que 5 por cento, o resultado é considerado não significativo (isto é, provavelmente devido ao acaso). A figura abaixo mostra níveis adicionais de significância que são reconhecidos convencionalmente:

Table 6.2: Interpretation of p -values

p -value	Level of significance
≥ 0.05	not significant
< 0.05	significant
< 0.01	very significant
< 0.001	highly significant

Quadro 2: Nível de significância. Retirado de Stefanowitsch, 2020, p. 174.

De acordo com Stefanowitsch (2020), a palavra *significante* ou *significativo* (traduzido para o português) pode ser perigosa. Porém, para a estatística a palavra indica que os resultados obtidos com base em uma amostra específica não ocorreram ao acaso e, portanto, podem ser generalizados, com algum grau de certeza, para toda a população. A significância estatística, porém, não é relevante se o pesquisador não tiver escolhidos bons dados, ou dados ao acaso. Se forem escolhidos dados não representativos ou dados anotados ou extraídos superficialmente, a significância estatística dos resultados não terá sentido. O teste de significância é realmente importante para estabelecer se, de fato, há uma relação entre duas ou mais variáveis ao observarmos as frequências esperadas e observadas.

O teste exato de Fisher é um teste de significância estatística utilizado na análise de tabelas de contingência para comparar dois grupos de duas amostras independentes. Seu objetivo é testar se a variável da linha (hipótese nula H_0) e a variável da coluna (hipótese alternativa H_1) são independentes. Conforme o autor propõe, optamos, nesta pesquisa, por

realizar uma análise que tivesse como método um teste de significância, realizamos, assim, uma análise colostrucional.

A segunda etapa da análise quantitativa consiste, assim, em uma análise colostrucional. (uma combinação entre as palavras colocacional e construcional) Este tipo de análise se refere a uma família de três métodos baseados em um *corpus* para investigar os diferentes tipos de associação entre palavras e construções; ela possibilita saber qual o tipo de item ou o grupo de itens que estão sendo atraídos ou repelidos por uma construção. Desta forma, podemos entender as preferências de cada construção, e saber se há de fato uma relação entre as instâncias que aparecem no *slot* e a construção. Se o trabalho for a comparação entre duas ou mais construções será possível compreender se elas atraem os mesmos itens, ou se seus contextos são diferentes. Os três tipos de análise colostrucional são: análise colexêmica, análise colexêmica distintiva e análise covariacional.

(1) a análise colexêmica visa observar o grau de atração entre os nomes e um *slot* de uma construção. Este tipo de análise levará em consideração a frequência de ocorrência dos nomes que instanciarem o *slot* esquemático da construção em pauta, a sua frequência no corpus como um todo e o número de palavras desse *corpus*, exibindo, com base em uma média triangulada entre esses dados, a força de atração entre o item e a construção em foco. Essa análise é relevante para entendermos a atração e a repulsão de nomes para cada construção;

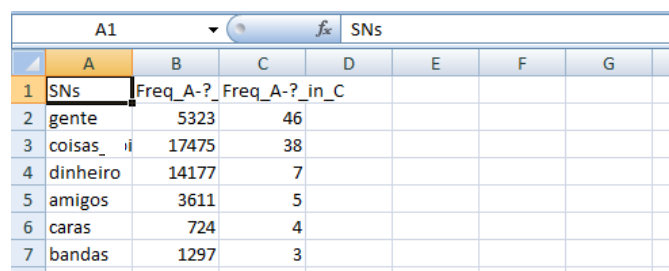
(2) a análise colexêmica distintiva, que possui o objetivo de analisar o grau de atração entre lexemas e um *slot* em duas ou mais construções; Esta análise considera a frequência de ocorrência dos lexemas que ocorrem no *slot* esquemático das construções, de forma que contraste os nomes recrutados para uma ou para outra construção analisada, assim pode-se postular que determinado nome é mais atraído por uma ou por outra construção. Esse tipo de análise demonstra-se bastante profícua para contrastar construções que se encontram no mesmo nível de abstração na rede, na mesma língua ou em línguas diferentes;

(3) e a análise colexêmica covariacional, que analisa o grau de atração entre lexemas e dois *slots* de uma mesma construção, em um nível mais abstrato de análise. Esta análise pretende entender o comportamento das construções em um nível mais esquemático das construções, identificando quais são os lexemas atraídos tanto para o *slot* 1 como para o *slot*

Em termos metodológicos, procuramos, nesta pesquisa, entender melhor quais os contextos de uso preferidos de cada construção binominal quantificadora, para entendermos os contextos de usos das microconstruções binominais quantificadoras. Recorremos, então, à análise colexêmica. Esta análise visa observar o grau de atração entre os nomes que aparecem no *slot* de uma construção e a construção. Desta forma, analisamos cada construção isoladamente. Este tipo de análise levará em consideração a frequência de ocorrência dos Ns que instanciarem o *slot* esquemático da construção em pauta, a sua frequência de ocorrência em todo o *corpus* Brasileiro, além de o número de palavras desses *corpora*, exibindo, com base em uma média triangulada entre esses dados, a força colostrucional entre o item e a construção em foco. Essa análise é relevante para entendermos a atração para cada construção.

Toda a análise estatística foi realizada por meio do programa R, um *software* gratuito para computação estatística e gráficos. A escolha por esse *software* foi motivada por leituras prévias de trabalhos linguísticos que o utilizaram, como por exemplo, os trabalhos de Stefan Gries. O autor disponibiliza em seu site¹³ um script para a realização das análises colostrucionais, o que é de grande valia para os mais leigos em linguagem computacional.

Para realizar a análise colexêmica e rodá-la no programa, colocamos em um documento de *Excel* todas as ocorrências do *slot* da construção listados e dispostos em uma coluna. Na segunda coluna, colocamos o número de vezes que aquele item aparece no *corpus* inteiro e na coluna ao lado, a terceira, o número de vezes que o item aparece no *slot* da construção. Como vemos na figura a seguir:



	A	B	C	D	E	F	G
1	SNs	Freq_A-?	Freq_A-?_in_C				
2	gente	5323	46				
3	coisas_ii	17475	38				
4	dinheiro	14177	7				
5	amigos	3611	5				
6	caras	724	4				
7	bandas	1297	3				

Figura 11: Tabela do Excel para análise colexêmica.

Ao finalizarmos a lista de ocorrências de cada uma das construções salvamos no formato **txt*, e o abrimos no programa R para a análise estatística dos dados. O *script* de

¹³ <http://www.stgries.info/teaching/groningen/index.html>

Gries fornece informações sobre o que se deseja analisar e o programa somente realiza algumas perguntas sobre opções de análise. O teste escolhido foi o de Fisher. Feito isso, o programa R fornece uma tabela, com a força colostrucional, frequências (esperada e obtida) e algumas outras análises. Os resultados foram interpretados a partir de $\text{Coll.strength} > 3 \Rightarrow p < 0.001$; $\text{coll.strength} > 2 \Rightarrow p < 0.01$; $\text{coll.strength} > 1.30103 \Rightarrow p < 0.05$. Isto significa que qualquer força colostrucional acima de 3 é considerada relevante, com probabilidade de erro de 0,1 %. O objetivo da análise é avaliar as forças de atração entre os lexemas e a construção, mas a interpretação da análise foi realizada a partir do entendimento da coerência de sentido entre exemplares e microconstrução, considerando, assim, quais elementos ou categorias são mais ou menos coerentes com a semântica do nome quantificador: *monte*, *montanha*, *enxurrada* ou *chuva*. Apresentaremos, então, as 30 maiores forças colostrucionais. Ao final da análise, discutiremos possíveis exemplares selecionados por mais de uma microconstrução.

4. ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo da tese é dedicado à análise de dados. Ele está dividido em cinco seções, as primeiras seções são destinadas a discutir os dados de cada uma das microconstruções. A análise das microconstruções é dividida em duas partes, a primeira apresenta uma análise de seus *types* mais frequentes e a relação semântica entre eles; e a segunda expõe a análise colostrucional de cada uma delas, que tem como objetivo identificar as relações de atração entre as microconstruções e seus exemplares. A primeira seção é sobre a microconstrução *um monte de N2*, a segunda será sobre a microconstrução *uma montanha de N2*, a terceira falará sobre *uma enxurrada de N2* e, finalmente, abordaremos os dados de *uma chuva de N2*. Na última seção faremos uma comparação dos resultados encontrados nas seções anteriores.

4.1. A microconstrução um monte de N2

Vejam os a seguir a frequência dos itens que instanciam o *slot* desta microconstrução.

4.1.1. A frequência dos itens no *slot* de um monte de N2

Palavras	Frequência no slot da construção
1. <i>Gente</i>	325
2. <i>Coisas</i>	295
3. <i>Coisa</i>	163
4. <i>Dinheiro</i>	43
5. <i>Amigos</i>	26
6. <i>Bobagens</i>	20
7. <i>Problemas</i>	20
8. <i>Mulheres</i>	18
9. <i>Vezes</i>	18
10. <i>Pessoas</i>	18
11. <i>Perguntas</i>	15
12. <i>Bandas</i>	14
13. <i>Asneiras</i>	14
14. <i>Filhos</i>	14
15. <i>Papel</i>	14
16. <i>Crianças</i>	13
17. <i>Mulher</i>	13
18. <i>Livros</i>	12
19. <i>Lixo</i>	12
20. <i>Besteiras</i>	11
21. <i>Besteira</i>	10
22. <i>Homens</i>	10
23. <i>Mentiras</i>	10
24. <i>Fotos</i>	9
25. <i>Nomes</i>	9
26. <i>Lugares</i>	9
27. <i>Artistas</i>	8
28. <i>Caras</i>	8

Palavras	Frequência no slot da construção
29. <i>Garotos</i>	8
30. <i>Historias</i>	8
31. <i>Ideias</i>	8
32. <i>Merda</i>	8
33. <i>Palavras</i>	8
34. <i>Projetos</i>	8
35. <i>Brinquedos</i>	8
36. <i>Carne</i>	7
37. <i>Ferro</i>	7
38. <i>Filmes</i>	7
39. <i>Meninas</i>	7
40. <i>Roupas</i>	7
41. <i>Bobagem</i>	6
42. <i>Duvidas</i>	6
43. <i>Empresas</i>	6
44. <i>Folhas</i>	6
45. <i>Lugar</i>	6
46. <i>Música</i>	6
47. <i>Obras</i>	6
48. <i>Problema</i>	6
49. <i>Amigas</i>	5
50. <i>Atores</i>	5
51. <i>Carro</i>	5
52. <i>Criança</i>	5
53. <i>Dificuldades</i>	5
54. <i>Exames</i>	5
55. <i>Homem</i>	5

Tabela 1: A frequência dos itens no slot de um monte de N2

De acordo com Bybee (2010), a frequência de ocorrências (*tokens*) de certos itens em construções e a classe dos *tipos* (*types*) determinam a representação da construção, bem como sua produtividade. Dito isso, na tabela acima, podemos ver os 55 *types* que tiveram a maior frequência *token* no *slot* da microconstrução. Encontramos, no *Corpus* Brasileiro, 2756 dados de *um monte de N2* e identificamos 1006 tipos. Segundo a autora, instâncias particulares de construções afetam as representações cognitivas, pois a repetição de um uso é um reforço daquela instância na cognição de um falante e fará com que a sua representação seja cada vez mais forte em sua memória. Logo, em nossa análise procuramos entender como essas frequências podem impactar o entendimento que temos desta microconstrução.

Entendendo que quanto mais produtiva é uma construção, mais ela é fortalecida na memória, acreditamos, então, que os itens *gente*, *coisas* e *coisa* são exemplares fortes de nossa microconstrução. O construto *um monte de gente* foi encontrado 325 vezes no *corpus*, *um monte de coisas* 295 vezes e *um monte de coisa* 163 vezes. Esses itens possuem frequência bem mais alta do que os outros que aparecem em nossa lista. Desta forma, acreditamos que os nomes *gente*, *coisas* e *coisa* possivelmente são exemplares mais reforçados e acessados de maneira mais automática em nossa cognição. Como vimos, Diessel (2019) propõe que automatização é a rotina de relacionar certos elementos que sempre aparecem juntos e que, por isso, pode levar a formação de *chunks*, o que parece ser o caso dessas construções, sendo assim, quando dois ou mais lexemas são frequentemente usados juntos ocorre uma associação entre eles.

Por serem itens muito frequentes, acreditamos que eles poderiam ser definidores do sentido atribuído a construção. Ao olharmos para os dados do *corpus*, conseguimos perceber que há uma variedade grande de itens que instanciam esta microconstrução, o que, certamente, fortalece a representação da microconstrução com *monte* em nossa memória. O grande número de *types* encontrados indicam a produtividade da construção, já que novos itens podem ser usados em uma construção se forem percebidos de alguma forma como semelhantes aos membros existentes. A microconstrução *um monte de N2* é produtiva, pois apresenta uma alta frequência *type* e grande esquematicidade, já que possui uma gama de instanciações (cf. BYBEE, 2010).

Observamos, em nossa análise, referentes aparecendo em palavras tanto no singular como no plural, por exemplo, *mulher* e *mulheres*, *homem* e *homens* etc. Esse fato pode ser explicado pela semântica das construções quantificadoras, pois em construções quantificadoras como *Um monte de N2* há subentendido o sentido de mais de um, portanto,

gramaticalmente, certos itens podem ser recrutados no singular, mas o sentido da construção como um todo – e não como soma de partes individualizadas – será plural e refletirá uma quantidade grande. Sendo assim, palavras como *coisa* e *coisas* – que compartilham a mesma base lexical – passam o entendimento de mais de uma coisa, e refletem uma grande quantidade indefinida.

Percebemos que os exemplares mais fortes da microconstrução são itens mais genéricos (*gente*, *coisa* e *coisas*) e entendemos que eles podem ser os responsáveis por uma gama muito diferente de palavras, já que o recrutamento de referentes + humanos e + animados podem estar relacionados ao exemplar forte como *gente*, bem como *coisa* e *coisas* podem permitir, via analogia, inúmeros itens, que possam a eles estar relacionados semanticamente. Esta ideia se fundamenta em Bybee (2013), que entende que as nuvens de exemplares se constituem como categorias, que são estruturadas pela frequência e similaridade. E apresentam exemplares que são mais ou menos semelhantes àquele mais forte ou ao conjunto de exemplares. Desta forma, os exemplares de *um monte de N2* se tornam mais genéricos, com base em seus exemplares mais fortes, que proporcionam categorias mais amplas, mais abertas e menos específicas e o alcance da microconstrução se torna mais amplo, bem como maior a sua cobertura (*coverage*).

Ao olharmos mais precisamente para os dados, entendemos que, embora os itens sejam ao primeiro olhar bastante heterogêneos, é possível identificar ligações semânticas entre eles. Goldberg (2019) chama de cobertura a relação semântica entre os diferentes usos da mesma construção; com base nisso, observamos que os agrupamentos semânticos geram *links* de sentido que permitem novos usos e possibilitam, no caso dessa microconstrução, uma alta cobertura já que a mesma apresenta um alto número de types e grande variabilidade.

Entendemos que nossos exemplares são carregados de informações linguísticas e que, sendo assim, são possíveis a formação de categorias com base na semelhança de seus sentidos. Analisando os dados, percebemos ser possível postular certos agrupamentos entre os 55 dados mais frequentes, a saber: HUMANOS, OBJETOS CONCRETOS, FOLHAS, AÇÕES VERBAIS e AVALIAÇÃO NEGATIVA. Porém, conseguimos perceber que mesmo os lexemas que não faziam parte dos *clusters* (agrupamentos) maiores também possuíam ligações semânticas com eles. Sendo assim, postulamos uma possibilidade de rede semântica em termos wittgenstianos, por semelhança de família. Em outras palavras, nossos exemplares podem ser “uma porta de entrada” para outros exemplares na rede que se estruturam com base em semelhanças e nas quais se formam categorias.

Com base em Diessel (2019), acreditamos que uma rede semântica abrangente, na qual os vários aspectos do conhecimento linguístico de um falante estão interconectados por relações associativas. As relações simbólicas se baseiam no entendimento de que cada lexema é ligado a toda uma rede de conhecimento conceptual. Veremos a seguir que os nossos exemplares estabelecem em *links* de sentido com os membros de categorias a que pertencem e com outras categorias. Já a automatização pode ser definida como o processo que fortalece as associações entre elementos linguísticos na memória por meio da repetição. Desta forma, em nossas redes semânticas das microconstrução quantificadora se estabelecem as relações sequenciais, que indicam a rotinização e o indício de que existam *chunks*. As relações sequenciais estão presentes em nossas microconstruções, já que elas são esquemas construtivos que envolvem uma ampla gama de processos cognitivos, mas, em particular, envolvem categorização e analogia, que são crucialmente influenciadas pela similaridade e frequências de tipo e ocorrência. Vejamos a seguir a ilustração:

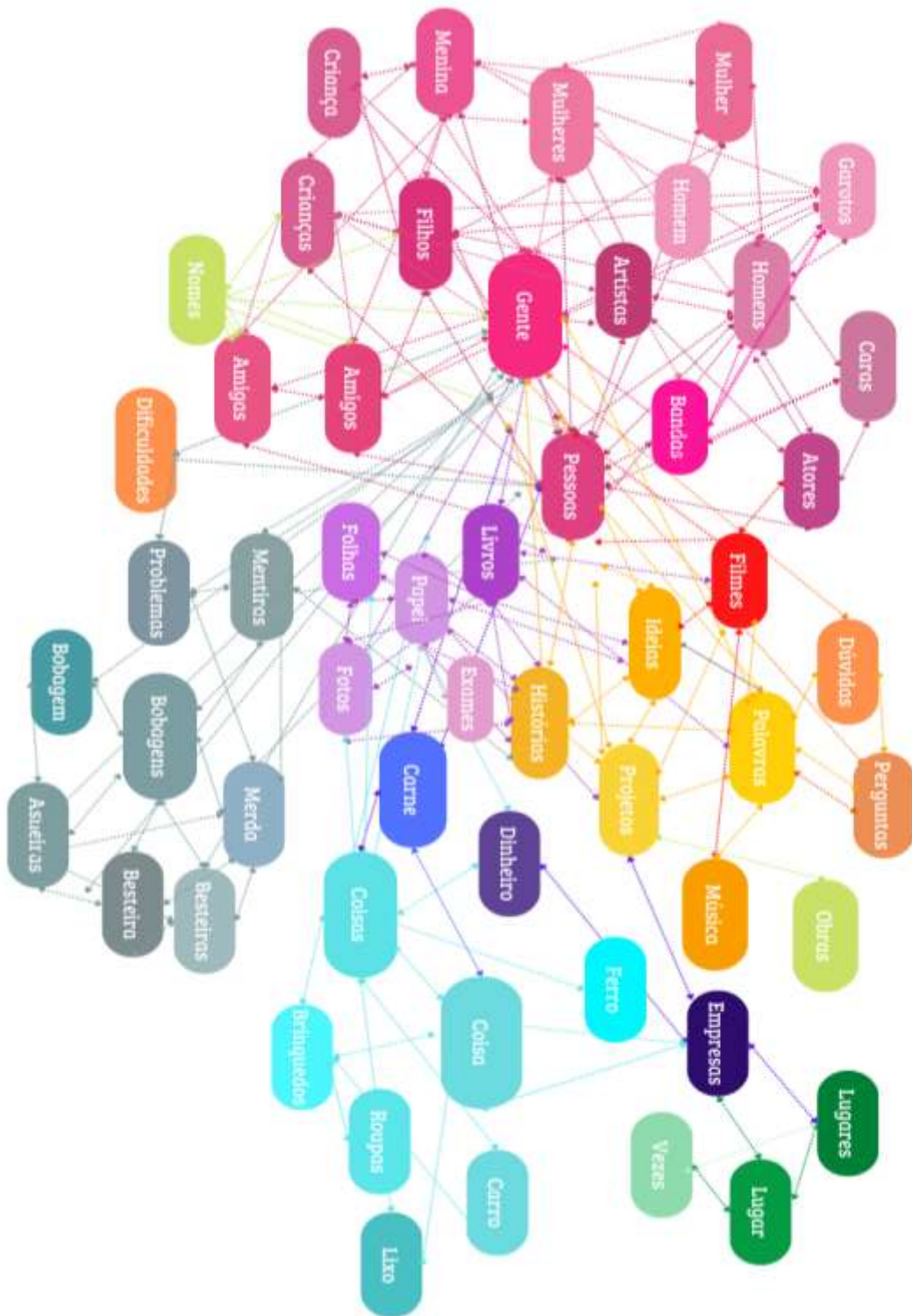


Figura 12: Rede semântica de um monte de N2

Na categoria HUMANOS, os itens compartilham dois traços principais que nos motivaram a agrupá-los – ainda que eles não sejam completamente semelhantes – são eles: +humano +animado. Desta forma, conseguimos extrair um *cluster*, que possui como elemento mais robusto, o exemplar mais frequente *gente*. Esta categoria é formada pelos itens: *gente* (325), *amigos* (26), *mulheres* (18), *pessoas* (18), *filhos* (14), *crianças* (13), *mulher* (13), *bandas* (11), *homens* (10), *artistas* (8), *caras* (8), *garotos* (8), *meninas* (7), *amigas* (5), *atores* (5), *criança* (5) e *homem* (5). Todos os dados são formados por designações atribuídas a seres humanos. Observe a seguir alguns exemplos:

(21) <p>: ... em geral, era o reitor que fazia a contração de **um monte de gente** desarticulada, sem liderança, e isso não levava a coisa nenhuma, não produzia pesquisa, nada. (CORPUS BRASILEIRO)

(22) <p>: Mas eu encontrei **um monte de pessoas** com idéias ótimas, que sabiam que não iam resolver os problemas do mundo e tinham consciência de que esses problemas são de todos e não só de quem está na periferia», afirma Pardiniho. (CORPUS BRASILEIRO)

Acima vemos os exemplos dos dados com *gente* e *pessoas*. É interessante perceber que *gente* é muito mais frequente que *pessoas* (enquanto este aparece 18 vezes no *slot* da construção, aquele apareceu 325 vezes), ainda que as palavras possam ser consideradas sinônimas. Entre elas, há uma notável proximidade semântica; embora, o lexema *gente* seja o elemento mais robusto, em nossa rede, é possível reparar que o referente *pessoas* está muito próximo a ele, provavelmente recrutado pela sua similaridade semântica e estabelecendo conexões com todos os membros do agrupamento, assim como ocorre com *gente*. É relevante dizer, entretanto, que *gente* é um tipo de agrupamento, enquanto *pessoas* é a individualização.

Embora os dados apresentem o traço +animado, encontramos dois dados em que há a referência a *pessoas* sem vida, reproduziremos um deles a seguir:

(23) <p>: O avião 'tava voando baixinho e de repente ouvi um barulho e vi **um monte de pessoas mortas**.

Observe outros dados:

(24) <p>: Convidou **um monte de amigos**, se cercou de outros tantos seguranças e ficou em seu big chateau. que, aliás, ele meio que «aluga» do. , na praia do Forte. (CORPUS BRASILEIRO)

(25) <p>: Nunca fui popular na escola, nunca tive **um monte de amigas**, e era muito triste. (CORPUS BRASILEIRO)

Nos exemplos acima, vimos dados da microconstrução sendo instanciada pelos lexemas *amigos* e *amigas*. Neles, há a referência a pessoas pela relação de amizade que se estabelece entre os seres humanos. Podemos perceber que se ilustra na figura uma conexão semântica com os itens *gente* e *pessoas*, que possuem mais relações na categoria, bem como com membros mais periféricos, como *mulheres*, *mulher*, *meninas*, *filhos*, *crianças*, *homens*, *homem*, *garotos*, etc.

(26) <p>: E ainda vendo um homem tendo **um monte de mulheres** e as mulheres sendo proibidas de quase tudo! (CORPUS BRASILEIRO)

(27) <p>: Mas aí a gente viu que não tinha outro jeito, as mulheres, a gente se juntou, **um monte de mulher** lá sem marido, tudo pros garimpos, e fomos lutar, enfrentar o fazendeiro, enfrentar capataz, até polícia na região, nós enfrentamos demais pra poder dar o sustento pra família da gente. (CORPUS BRASILEIRO)

(28) <p>: Gostamos é de paquerar, de fazer zona sem compromisso, saímos de carro com **um monte de meninas** e os caras ficam buzinando, é bacana», conta Luciana. (CORPUS BRASILEIRO)

Nos dados acima, há a referência ao gênero feminino pelos lexemas *mulheres*, *mulher* e *meninas*. Entre esses lexemas, há relações semânticas, já que possuem em comum as designações do gênero feminino. Mas, também, estabelecem relações com outros membros do grupo, como por exemplo, o referente mais reforçado *gente*, assim como com *pessoas*, *artistas*, *bandas*, *filhos*, além dos itens *homens*, *homem*, *caras* e *garotos* que fazem referência ao gênero masculino (como veremos abaixo). Estes itens mantêm entre si relações, por serem nomes destinados ao sexo masculino e, também, constroem diversos *links* semânticos com outros membros do grupo, tal como *bandas*.

- (29) <p>: Ele diz que uma pesquisa feita no Chile com **um monte de homens** e mulheres de mais de 60 anos revelou que metade das mulheres casadas que tomavam café diziam ser sexualmente ativas. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (30) <p>: tipo o mauro também já sabe já teve essa história tipo ter que sair correndo na rua pra não tomar porrada de uma gangue **de um monte de homem** com barra de ferro na mão (sabe) correndo atrás dele pra dar porrada. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (31) <p>: **Um monte de caras** ficam correndo por aí de calças curtas, brincando de chutar a bola durante horas, até que um dos lados vence com míseros um a zero. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (32) <p>: É o mesmo que 'tá acontecendo na Fórmula 1: **um monte de garotos** fazendo besteiras e brigando entre si, destruindo esta maravilha que é a Fórmula 1. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- Encontramos, ainda, dados que dão conta de pessoas durante a infância: os lexemas *crianças* e *criança* e o lexema *filhos*, que reflete uma relação familiar. Esses dados também estabelecem diversas relações com outras palavras da categoria, como é possível perceber na figura.
- (33) <p>: A felicidade que o dinheiro traz, faz **um monte de crianças** morrerem por falta de atendimento médico e aposentados sofrerem nas mãos dos planos de saúde que detestam ver sua felicidade no vermelho. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (34) <p>: Sem ser chamada à conversa, Elane tenta soltar um comentário «engraçadinho»: «só assim eu me sinto em casa, com **um monte de criança**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (35) <p>: Aprendi por exemplo que, como as pessoas pobres não têm dinheiro para se prevenir, não compram camisinha, acabam tendo **um monte de filhos** e depois

não conseguem alimentá-los», diz Emiliano Capozoli, 11, estudante. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Também fazem parte do agrupamento um coletivo: *bandas*, e duas profissões: *artistas* e *atores*. Esses itens possuem ligações com diversos membros do *cluster*, já que podemos estabelecer que referentes associados ao sentido de pessoas podem estar relacionados a eles.

(36) <p>: Teixeira -- É, foi uma época em que surgiram Blitz, RPM, Barão, **um monte de bandas**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(37) <p>: Essas figuras passam a ser tomadas como forma de reforçar e valorizar a diferença, possibilitando resistência e luta pelo reconhecimento de uma identidade racial negra, pela imposição de outros sentidos: «Existe **um monte de artistas** de TV que são negros; então, as pessoas aqui na escola começam a chamar as pessoas pelo nome do artista. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(38) <p>: Por exemplo, o próximo filme do Waltinho Salles, em que eu vou trabalhar, vai ter um elenco todo de teatro, com o Luís Mello e **um monte de atores** bons de teatro. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Na categoria HUMANOS, é possível estabelecer diversos *links* entre os membros, já que todos em última instância significam *gente*, isto é, seres humanos. Esta categoria corrobora para o grande alcance da microconstrução, já que possui muitos itens integrando o *cluster* e alta similaridade semântica entre alguns. Percebemos, ainda, a sua centralidade para o sentido de *um monte de N2*, já que seus componentes também estabelecem inúmeras relações com outros lexemas e, provavelmente, contribuem para o aumento dos *types* que instanciam o *slot* desta microconstrução, já que, analogicamente, diversas associações podem ser criadas com os diversos membros.

Ao olharmos para a rede, identificamos um lexema que não pertence a uma categoria: *nomes* (9). Contudo, entendemos que ele possui ligações de sentido com o *cluster* HUMANOS e também com OBJETOS CONCRETOS, pois nomes são dados aos seres humanos e também aos inanimados, as coisas que existem no universo. No exemplo, a seguir, é evidenciado que nomes também é uma metonímia para pessoas.

- (39) <p>: Estamos pensando em **um monte de nomes**, mas nenhum grande medalhão do jornalismo», disse. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Em *links* com os referentes da categoria HUMANOS, temos um pequeno *cluster*, o qual chamamos FOLHAS. Há neste grupo 4 itens: *papel* (14), *fotos* (9), *folhas* (6) e *livros* (12), o que define as palavras como agrupamento é matéria-prima que compõe todos os lexemas, o papel. Estes estão relacionados à primeira categoria, pois são usados e escritos pelas pessoas, além de fotos também serem representações da imagem de seres humanos, ou por eles tiradas. Podemos ver alguns exemplos a seguir:

- (40) <p>: Quando é para emprestar dinheiro para quem tem muito dinheiro, a gente exige uma quantidade enorme de papéis, exige **um monte de papel** e nem sempre nos bancos públicos os papéis valerem a pena (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (41) <p>: Levei **um monte de livros** cheios de poeira para o Banco Central, mostrei tudo. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (42) <p>: Então, isso são coisas que é política, aí vem o fotógrafo do prefeito e tira **um monte de fotos** do prefeito, tanto que tu vai ver o álbum de fotos, a equipe quase nunca tem foto, mas sempre tem o prefeito na foto e o secretário da saúde. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (43) <p>: Mas já não é o mesmo jornal, agora é **um monte de folhas** impressas que o senhor abandona num banco de uma praça. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Muito próximo às duas categorias anteriores está o referente *dinheiro* (43), que é feito de papel e é utilizado por pessoas. Este item não compõe nenhuma categoria, mas estabelece algumas relações semânticas; além das citadas anteriormente, podemos mencionar *links* com *empresas*, *obras*, *coisas* e *projetos*, que são financiadas, obviamente, por dinheiro.

- (44) <p>: Pelo meu jeito de ser, jamais serei um milionário, já que nem em loteria jogo, mas se caísse **um monte de dinheiro** no meu bolso, eu daria um destino a ele que pouquíssimos homens no mundo pensariam em dar... (*CORPUS BRASILEIRO*)

Podemos observar, ainda, na ilustração, as ligações entre os lexemas das categorias HUMANOS e FOLHAS e o agrupamento AÇÕES VERBAIS. Este possui os itens *histórias* (8), *ideias* (8), *palavras* (8) e *projetos* (8). O grupo é assim chamado por ser constituído por referentes que são de alguma forma verbalizados, e por isso relacionados com ações humanas. Os exemplares *livros*, *papel*, *fotos* e *folhas* estão muito associados à *história*, *ideias*, *palavras* e *projetos*. Ambos são interdependentes na realidade e, iconicamente, também estabelecem laços de proximidade na cognição, acreditamos, assim, que haja muita motivação na proximidade entre os itens. Alguns exemplos podem ser vistos a seguir, no primeiro fica evidente a relação entre histórias e ideias.

- (45) <p>: Ele diz não saber de onde vêm suas idéias: «Só sei que tenho **um monte de histórias** de terror na cabeça e que não posso esperar para escrevê-las», declara. (CORPUS BRASILEIRO)
- (46) <p>: Meus amigos dizem que eu tenho **um monte de idéias** novas e diferentes. (CORPUS BRASILEIRO)
- (47) <p>: O livro mais chato: o «Aurélio», do «seo» Aurélio, tem pouquíssimos sinônimos; falta **um monte de palavras** e ambos, o impresso e o eletrônico, são caríssimos. (CORPUS BRASILEIRO)
- (48) <p>: Significa que o ministério recebeu **um monte de projetos**, embora todo mundo saiba que eles fazem parte de um projeto único. (CORPUS BRASILEIRO)

Há, também, a existência de ligações entre *dúvidas* (6) e *perguntas* (15), que são referentes próximos semanticamente, já que perguntas compõem as dúvidas. Estes lexemas também firmam conexões com *palavras* e *ideias* do agrupamento AÇÕES VERBAIS, pois esses itens se relacionam no pensamento humano, exatamente por isso, também estão conectados à categoria HUMANOS.

- (49) <p>: De um lado, há, por parte do Governo, um discurso articulado e cheio de boas intenções; por outro, a falta de decisões, que gera **um monte de dúvidas** e temores. (CORPUS BRASILEIRO)

- (50) <p>: Mesmo fazendo diversas revelações, a série acabou deixando mais **um monte de perguntas**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Próximo a AÇÕES VERBAIS também estão *filmes* (7) e *música* (6), que se relacionam entre si e também estão ligados com *palavras*, *ideias* e *histórias* e *projetos*, já que mediante a estes, podemos compor filmes e músicas. Essas palavras também perpassam o *cluster* HUMANOS, já que os humanos são os responsáveis por realizá-los.

- (51) <p>: Ela chama o empreendimento de conceitual e diz que o concebeu sob as influências de Mama's and Papa's, de surf punk e de «**um monte de música brasileira**». (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (52) <p>: Assisti **um monte de filmes** do Van Damme (ator de filmes de ação) e comecei a gostar». (*CORPUS BRASILEIRO*)

Também podemos comentar o lexema *empresas* (6) que se conecta com *projetos* no agrupamento ações verbais – no sentido de que empresas possuem projetos – e, também com *lugares* (9) e *lugar* (6), por entendermos que, possivelmente, muitos dos construtos da construção *um monte de empresas* estarão ligadas a um lugar em que elas se estabelecem, uma localização espacial.

- (53) <p>: Há **um monte de empresas** debilitadas que não conseguirão acompanhar o crescimento da economia», acrescenta.

- (54) <p>: tem **um monte de lugar** para os Assistentes Sociais trabalharem, trabalhar com comunidade, organização social, acho que é um baita espaço .

- (55) <p>: Eles rodaram em **um monte de lugares**, até que chegaram à beira do mar.

Em nossa rede semântica, também colocamos ligado a *lugares* e *lugar*, a palavra *vezes* (18); por acharmos que lexemas atrelados à ideia de espaço possuem uma ligação natural com elementos que designam tempo, devido à metáfora ESPAÇO-TEMPO disponível na cognição humana.

- (56) <p>: Já a filha da modelo, Vitória, que tem quase 5 anos, desaprovou totalmente a «nova» mãe: pediu para Valéria tirar a franja, perguntou **um monte de vezes**: «Vai crescer, mamãe?» (*CORPUS BRASILEIRO*)

O lexema *obras* (6) estabelece *links* de sentido com *lugares*, *lugar*, *ideias* e *projetos*. As obras são realizadas em localizações espaciais, e é pressuposto que ao realizá-las existam ideias e um projeto, por isso as ligações.

- (57) <p>: porque neste país, também, em época de eleição se inaugura **um monte de obras** que não estão prontas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Na rede, observamos o exemplar *exames* (5), que não pertence a nenhuma categoria, mas, também, possui laços semânticos com os itens *palavras*, *papel*, *folhas* e com a categoria HUMANOS; os dados correspondem a exames médicos (como vemos a seguir), o que justifica as suas conexões com seres humanos e com os agrupamentos FOLHAS E AÇÕES VERBAIS.

- (58) <p>: Procurei o ortopedista, além de outros médicos, e fiz **um monte de exames**, lembra Vera. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Comentaremos agora sobre a categoria que chamamos de OBJETOS CONCRETOS, nela encontramos os itens *brinquedos* (8), *ferro* (7), *roupas* (7), e *carro* (5). Entendemos que os elementos dessa categoria são itens + concretos e de natureza corpórea. Próximo a essa categoria estão os exemplares fortes *coisas* (295), *coisa* (163), De acordo com dicionário Oxford *Languages online*¹⁴, coisa é tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea; ou qualquer ser inanimado. Desta forma, os exemplares *coisas* e *coisa* se ligam a categoria pela sua possível concretude. Outro exemplar próximo ao *cluster* é *lixo* (12), o qual podemos entender ser composto de objetos e coisas que não são mais utilizáveis.

¹⁴ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

- (59) <p>: No último telefonema lhes perguntei: «De que 'tão mais gostando? », e a resposta veio unânime: «Compramos **um monte de brinquedos novos**».(*CORPUS BRASILEIRO*)
- (60) <p>: ora percebe que, uma vez ligada, esta máquina se transforma num poderoso instrumento, despertando implicitamente, temor e respeito: «enquanto está desligado é **um monte de ferro**, mas quando a gente liga adquire vida e aí mostra o seu potencial. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (61) <p>: Mesmo que enfie **um monte de roupas** nos atores e um cenarozinho de época, o teatro é sempre atual \ ", acredita. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (62) <p>: Você acorda, abre a janela e vê todo aquele cinza, **um monte de carro** passando e pensa que é a cidade mais feia do mundo. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (63) <p>: O carro é como um saco de viagem, espaçoso, é possível colocar **um monte de coisas** lá dentro. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (64) <p>: Por exemplo, falaram **um monte de coisa**, o pediatra falou para mim: ' o seu leite tem água, não precisa dar água para o nenê. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (65) <p>: Vai ser só questão de tempo para, não só a Terra, mas o Universo **ser um monte de lixo** e cocô. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Dentro da categoria OBJETOS CONCRETOS, percebemos várias ligações entre os membros e os lexemas *coisas* e *coisa*. Os lexemas a que relacionamos a categoria OBJETOS CONCRETOS possuem natureza corpórea e existência, além de se oporem à categoria HUMANOS, por não apresentarem o traço + animado. Entretanto, percebemos que a essa categoria também estão relacionados objetos ou artefatos que são propriedades de pessoas – como vemos no exemplo: *um monte de roupa nos atores* – ou estão ligadas aos seus pensamentos e suas ações. Como no exemplo: *falaram um monte de coisa*.

Discutiremos a seguir o item *carne* (7). Nos dados encontrados, os exemplos remetem a um indivíduo ser reduzido a *um monte de carne*, isto é, não ser mais visto como um ser humano e sim como uma coisa. Observamos que esse lexema se relaciona com a

categoria HUMANOS e *coisas* e *coisa*, já que nos dados é possível perceber uma ligação entre o julgamento do que é um tratamento a ser dado a um ser humano e ao de uma coisa, isto é, um ser inanimado, sem vida. Por esta interpretação, podemos ligar o lexema aos membros *gente/ pessoas* e *coisas/coisa*.

(66) <p>: Em primeiro lugar, o usuário paciente não pode ser tratado como se fosse **um monte de carne**, *uma coisa*. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(67) <p>: Portanto, a pessoa deixa de ser um cidadão para ser **um monte de carne**, um coração descompensado, um fígado, um baço, um rim. (*CORPUS BRASILEIRO*)

A última categoria encontrada nos dados mais frequentes da microconstrução *um monte de N2* é AVALIAÇÃO NEGATIVA. Nela, são encontrados dados de conotação pejorativa, ou seja, seu significado deprecia aquilo ou aquele de quem se fala. Indica uma avaliação ruim ou que seja vista como algo que não é bom por parte do falante, por essa razão, identificamos, aqui, mais uma ligação com o agrupamento HUMANOS. Os lexemas da categoria são: *bobagens* (20), *problemas* (20), *asneiras* (14), *besteiras* (11), *besteira* (10), *mentiras* (10), *problema* (8), *bobagem* (6), *merda* (6). Vejamos a seguir os itens bobagens e bobagem.

(68) <p>: Algumas vezes eu falo **um monte de bobagens**, mas isso não é nenhuma surpresa para você. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(69) <p>: Porque de primeira eu pegava o dinheiro comprava porcaria, gastava em **um monte de bobagem**... hoje é só levar pra dentro de casa mesmo e cuidar da família Benê. (*CORPUS BRASILEIRO*)

A seguir problemas e problema:

(70) <p>: Tiramos um presidente por corrupção, mas ficou o vice, ficou **um monte de problemas** que continuaram depois com o governo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (71) <p>: sabemos que vamos encarar **um monte de problema** no futuro, preconceitos com a própria nenê, temos muito cuidado com relação a ela, não queremos que ela sofra. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Os próximos exemplos são dos dados besteiras e besteira:

- (72) <p>: Em todo o Brasil, ouvi um monte de gente dizer que as pesquisas estavam erradas, **um monte de besteiras**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (73) <p>: Sempre tive pavor de envelhecer, de morrer, **um monte de besteira**, de perder a beleza, de ficar só, da decadência. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Abaixo veremos os dados de asneiras, mentiras e merda: (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (74) <p>: Confesso que não dei nenhuma importância à carta de Paulo de Tarso, que fala **um monte de asneiras**, e não achei necessário perder tempo com isso», afirmou Lula. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (75) <p>: Não precisa nem lembrar das promessas que está fazendo agora, porque certamente está prometendo mais **um monte de mentiras**, de aleivosias. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (76) <p>: \ " Escrevo intencionalmente **um monte de merda**, para me exercitar. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Entendemos que haja uma maior ligação entre os dados bobagens, bogagem, besteiras, besteira, asneiras e merda, pois todos significam ações ruins ou coisas que não são boas. Ainda mais do que na categoria HUMANOS, os dados nesse agrupamento possuem significação muito próxima. O item *problemas* também se relaciona com os exemplares descritos neste parágrafo, principalmente pelo fato de que um problema é muitas vezes decorrente de uma besteira, por exemplo. Problemas também se conecta com o lexema mentiras, que também possui a semântica de algo ruim. Este lexema possui sentido atrelado aos outros membros do grupo, embora as relações sejam mais metafóricas do que literais, tornando-o assim um membro mais periférico do *cluster*.

Por fim, nesta microconstrução temos o item *dificuldades* (5), que entendemos que está associado ao exemplar *problemas* e a categoria HUMANOS. Acreditamos que problemas em muitos contextos estarão ligados a dificuldades, ambos são complicações ocorridas com pessoas.

(77) <p>: De vez em quando se inventa **um monte de dificuldades**, mas governar é exatamente isso. (*CORPUS BRASILEIRO*)

As relações semânticas presentes na rede da microconstrução *um monte de N2* mostraram que a categoria HUMANOS é a que mais possui ligações entre os exemplares e com as outras categorias. Por conta disso, entendemos que ela é mais relevante para as relações de sentido estabelecidas, já que por meio dela muitos usos parecem ter sido permitidos por meio de uma analogia e ligações semânticas, porém só os laços semânticos e a frequência alta não confirmam totalmente a nossa desconfiança, portanto investigaremos, na próxima seção, quais são os exemplares mais atraídos para a microconstrução em foco.

Procuramos, nesta parte, explicar as relações semânticas que existem na rede de sentido dos exemplares que propomos para microconstrução *um monte de N2*. A alta frequência de uma unidade ou padrão resulta em um grau maior entrenchamento, ou seja, uma espécie de rotinização cognitiva, o que afeta o processamento da unidade. A nossa memória enriquecida é base para o recrutamento de novos itens com base na analogia, logo tentamos compreender como essas ligações podem acontecer entre nossos exemplares. Na próxima subseção, procuraremos demonstrar por uma análise colostrucional, quais são exemplares, que, de fato, estão sendo mais atraídos para a construção e qual é o impacto que isso pode acarretar em seu sentido, isto é, como isso pode influenciar o recrutamento de novos itens para o *slot* da construção e as possíveis restrições que ela pode ter.

4.1.2 A análise colostrucional de um monte de N2

A seguir veremos as forças de atração entre os exemplares e a microconstrução.

alavras	Frequência no corpus	Frequência na construção	Frequência Esperada	Confiança	Força Colostrucional
1. <i>Gente</i> •	76.961	325	0.16	0	Infinita
2. <i>Coisas</i>	115.515	295	0.23	0	Infinita
3. <i>Coisa</i>	152.023	163	0.31	0	Infinita
4. <i>Dinheiro</i>	166.772	43	0.34	0	73.47
5. <i>Bobagens</i> •	1.214	20	0	0.02	70.72
6. <i>Asneiras</i> •	212	14	0	0.07	58.32
7. <i>Amigos</i> •	59.913	26	0.12	0	50.59
8. <i>Besteiras</i> •	566	11	0	0.02	40.02
9. <i>Besteira</i> •	1.674	10	0	0.01	31.30
10. <i>Mulher</i> •	12.768	13	0.03	0	30.48
11. <i>Perguntas</i>	32.134	15	0.06	0	29.99
12. <i>Bandas</i> •	21.941	14	0.04	0	29.94
13. <i>Mentiras</i> •	3.022	10	0.01	0	28.73
14. <i>Merda</i> •	1.381	8	0	0.01	25.06
15. <i>Problemas</i> •	264.954	20	0.53	0	24.09
16. <i>Lixo</i> •	26.639	12	0.05	0	23.96
17. <i>Mulheres</i> •	195.100	18	0.39	0	23.29
18. <i>Filhos</i> •	104.663	14	0.21	0	20.50
19. <i>Vezes</i>	300.861	18	0.61	0	19.99
20. <i>Garotos</i> •	7.308	8	0.01	0	19.27
21. <i>Caras</i> •	8.494	8	0.02	0	18.75
22. <i>Jóias</i> •	25	4	0	0.16	18.68
23. <i>Brinquedos</i> •	10.384	8	0.02	0	18.05
24. <i>Livros</i> •	83.807	12	0.17	0	18.03
25. <i>Papel</i> •	198.514	14	0.4	0	16.69
26. <i>Pessoas</i> •	479.506	18	0.97	0	16.50
27. <i>Fotos</i> •	34.683	9	0.07	0	15.99
28. <i>Bobagem</i> •	3.490	6	0.01	0	15.78
29. <i>Lugares</i>	43.679	9	0.09	0	15.10
30. <i>Palavrões</i> •	1.547	5	0	0	14.61

Tabela 2: A análise colostrucional de um monte de N2

LEGENDA: categoria HUMANOS •
 categoria OBJETOS CONCRETOS •
 categoria AVALIAÇÃO NEGATIVA •
 categoria FOLHAS •

Como dito anteriormente, encontramos 2756 *tokens* da microconstrução *um monte de N2* e identificamos 1006 *types*. Fizemos uma legenda com as categorias a que cada exemplar pertence. Conforme explicado na metodologia, optamos por investigar os 300 *types* mais frequentes da construção. Organizamos, assim, os dados da microconstrução com *monte* para realizarmos a análise colostrucional no programa R. Na lista acima, é possível observar na lista os 30 itens com maior força de atração para o *slot* de *um monte de N2*. É interessante constatar que para esta microconstrução, a frequência esperada dos itens mais atraídos era de 0 ocorrências, entretanto eles instanciaram a construção pelo menos 5 vezes.

A força de atração, ou seja, a força colostrucional é imprescindível para que possamos afirmar com mais segurança que um item é, de fato, importante para a descrição do sentido de uma construção, porque ela não demonstrará somente a frequência, mas contrastará a frequência de um item no *corpus* com a sua frequência no *slot* das microconstruções. Por isso, é possível identificar itens que não apareceram na primeira tabela (sublinhados), pois eles, ainda que não fossem os mais frequentes, se mostraram relevantes, já que as suas instâncias no *slot* da microconstrução comparadas ao número de ocorrências no *corpus* revelaram uma grande força de atração, tal como, itens que apareceram anteriormente podem não aparecerem agora.

O primeiro item da lista é o lexema *gente*, que possui força colostrucional infinita, o que indica que o mesmo é imensamente atraído para a construção, de forma que a sua força não possa ser quantificada em números exatos. Em relação a este item, especificamente, ao coletarmos os dados, desconsideramos as ocorrências da palavra *gente* no *corpus* como parte de outra construção muito frequente no português brasileiro. Por exemplo:

(78) <p>: **A gente** ia aparecer de surpresa, ia ser uma festa (*CORPUS BRASILEIRO*).

A literatura sobre *gente* indica que essa construção faz parte do quadro pronominal do português do Brasil¹⁵, atuando como um pronome pessoal de 1º pessoa em variação com uso de *nós*. Dados como o do exemplo totalizaram 84.209 ocorrências. Entendemos que isso foi necessário para o melhor entendimento dos dados, pois essa construção é bastante frequente no PB, e, conseqüentemente, bastante frequente no *corpus*. A presença de uma grande quantidade de dados dessa construção aumenta muito o número de dados do item *gente* no *corpus*. Desta forma, como o cálculo de uma análise colostrucional considera o número de vezes que o lexema aparece no *corpus*, possivelmente, a força colostrucional de *gente* poderia ser relativizada no *slot* da microconstrução *um monte de N2* e a sua força de atração seria menor. Por este motivo decidimos não contabilizar esses dados.

Entendemos que *a gente* não poderia aparecer no *slot* da microconstrução (*um monte de a gente*), logo, acreditamos que os itens *gente* e *a gente* são duas entradas diferentes em nosso inventário de construções. Sendo assim, não há, portanto, o enviesamento da análise ao não considerarmos os dados de *a gente*, e temos o entendimento de que estamos apresentando a força colostrucional entre *gente* e *um monte de N2* de maneira mais realista. Observem os exemplos a seguir:

(79) <p>: Há **um monte de gente** andando pela montanha mais íngreme do mundo e todos eles conseguem fazê-lo-- e seus filhotes também. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(80) <p>: Pessoalmente eu não gosto, mas camiseta de banda **um monte de gente** usa e ninguém quer saber do que eu gosto ou não. (*CORPUS BRASILEIRO*)

O trabalho de Fumaux (2018), já indicava a frequência do item *gente*, bem como o de *coisas* e *coisa*. Acreditamos que o recrutamento de *gente* tenha origem no processo de construcionalização da microconstrução. Fumaux (2018) evidenciou que um exemplo como “*um monte de corpos mortos*¹⁶” (século XVI), em um primeiro momento, pode parecer um dado quantitativo; entretanto, uma análise mais apurada, mostra que, na verdade, há uma metáfora com a ideia de *monte* e um empilhamento de corpos, e, conseqüentemente, a inferência de uma grande quantidade deles.

Dados antigos que refletem o empilhamento de pessoas parecem ter licenciado o uso desta microconstrução com referentes humanos. Conforme *um monte de N2* se torna mais

¹⁵ LOPES (2003)

¹⁶ FUMAUX (2018)

frequente no PB, alguns itens parecem estar mais atrelados ao sentido dessa microconstrução. A quantificação de referentes humanos parece ser um deles, e o item lexical *gente* é uma evidência disso. Percebemos, ainda, que outras palavras da lista, bem como *gente*, são referentes classificados como + animados e + humanos. Além de *gente* podemos encontrar outros já observados, como *amigos* (50.59), *mulher* (30.48), *bandas* (29.94), *mulheres* (23.29), *filhos* (20.50), *garotos* (19.27), *caras* (18.75) e *pessoas* (16.50). Todos os itens elencados acima designam seres humanos, por exemplo, os lexemas *mulher* e *caras*.

Os itens acima, como já vimos na subseção anterior, fazem parte da categoria HUMANOS, que possui como elemento mais reforçado *gente* e outros referentes humanos mais periféricos, que se encaixam no grupo provavelmente por analogia à *gente*. Aqui confirmamos, portanto, a importância que a categoria tem para esta microconstrução, já que seus elementos são, fortemente, atraídos para ela. O fato de *gente* possuir força de atração infinita para *um monte de N2* corrobora para o entendimento de que ele é realmente o lexema mais robusto da categoria e da microconstrução. A força construcional dos outros itens demonstra, também, que eles são exemplares fortes, bem como, evidências das preferências colocacionais da microconstrução, que, neste trabalho, se mostrou um uso quantificador de referentes humanos. A análise construcional ratifica que esses exemplares são continuamente reforçados por sua alta frequência de uso, o que os condiciona como ativadores de *links* semânticos, proporcionando o recrutamento de vários lexemas a eles ligados para a micro, além de aumentar a produtividade e a variabilidade, além de, conseqüentemente, o alcance de *um monte de N2*.

Da mesma forma que aconteceu com *gente*, esses lexemas, provavelmente, foram recrutados pela microconstrução após a sua expansão semântica e conseqüente construcionalização. Por analogia aos dados de empilhamento de pessoas, que Fumaux (2018) demonstrou ser dados com inferência de quantidade, a microconstrução quantificadora parece carregar como herança a tendência de recrutar referentes humanos. Outra ideia a ser discutida é o entendimento de que *gente* é um referente bastante frequente no português falado no Brasil, além disso, como já foi dito, a construção *a gente* está em variação com *nós* no quadro pronominal brasileiro. Isto pode ser um argumento a favor da explicação de por que o construto *um monte de gente* é mais frequente do que *um monte de pessoas* por exemplo. A seguir colocaremos mais alguns dos dados analisados nesta pesquisa:

- (81) <p>: Se uma operação não é fácil nem para adultos, imagine uma criança enfrentando **um monte de pessoas** com roupas estranhas e máscaras, salas com

iluminação diferente, movimento de «carrinhos com gente deitada em cima», barulhos desconhecidos e cheiros esquisitos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (82) <p>: Tem **um monte de caras** telefonando e mandando fax, pedindo para desapropriar as terras. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Ligados à ideia de referentes humanos também estão os papéis na sociedade atribuídos às pessoas como os itens *filhos* ou *amigos*;

- (83) <p>: Peguei o telefone e liguei para meio mundo, para o governador, o prefeito e **um monte de amigos**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Ou representam um grupo de pessoas, como no caso de *bandas*.

- (84) <p>: Foi só um rótulo que afixaram a **um monte de bandas** que tinham muito pouco a ver uma com a outra. (*CORPUS BRASILEIRO*)

As palavras *coisas* e *coisa* também possuem força colostrucional infinita. Vejamos os exemplos a seguir:

- (85) <p>: Noé, eu vejo a cultura de Marabá da seguinte forma: é um caldeirão grande, jogando um **monte de coisas** dentro desse caldeirão. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (86) <p>: Ele me disse que ia me dar um **monte de coisa**, inclusive um walkman e uma bicicleta. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Segundo a nossa análise, *coisas* e *coisa* também tiveram força colostrucional infinita. Esses lexemas representam referentes indefinidos, que podem representar muitos itens. No primeiro exemplo, *coisas* faz parte de uma metáfora para falar sobre a diversidade cultural de Marabá, e, no segundo exemplo, *coisa* no singular representar alguns presentes dados, que incluem um walkman e uma bicicleta. Desta forma, coisa/coisas podem representar itens de tamanhos variados como um walkman e uma bicicleta, bem como itens não tão concretos, como aspectos de uma cultura.

A microconstrução quantificadora com *monte* parece ter preferência por alguns dos itens que desencadearam a ideia de quantidade na construção qualitativa que originou a quantificadora; desta forma, acreditamos que a preferência por *coisas* e *coisa* tem explicação na construção de origem, assim como acreditamos acontecer com a palavra *gente*. A dissertação de Fumaux (2018) comenta dados metafóricos de *um monte de N2*, que ao amontoar uma variedade de “coisas” permite a inferência de quantidade e contribuem para a mudança de sentido da construção, antes literal.

A quantificação de *coisas* e *coisa* reflete uma inferência primária que está relacionada ao nome quantificador *monte*, que é a de acumular/ amontoar referentes. Esta tendência está em conformidade com o entendimento de como os nomes influenciariam o sentido das microconstruções, logo, o NQ *monte* influenciaria no recrutamento de itens amontoáveis, que também pode ser entendido no amontoamento de pessoas. Fumaux (2018) demonstrou em seu trabalho que antes a construção estava relacionada à ideia de itens juntos em formato de um *monte*, porém, hoje, entendemos que os itens não necessariamente precisam estar próximos e formar um *monte*, pois o NQ parece ter se tornado mais opaco nessa microconstrução e por isso influenciar menos o sentido da construção.

Acreditamos que isso se deva ao fato de longo processo de construcionalização. Portanto, entendemos que, embora, esses itens ainda sejam muito atraídos para a construção, a semântica de amontoamento já não é forte e o sentido de *coisas* e *coisa* já não necessariamente indicarão itens que podem ser acumulados, diferentemente do que eram os dados *um monte de SN* dos séculos XVI, XVII e XVIII do trabalho de Fumaux (2018) e os de *um montón de*, como vimos em Verveckken (2018). Podemos ver mais um exemplo a seguir:

(87) <p>: Então, LBA (Legião Brasileira de Assistência), CBIA (Centro Brasileiro para Infância e Adolescência) e **um monte de coisa** que tem por aí» poderiam ter seus recursos transferidos para o projeto de renda mínima. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Sabemos que os referentes discutidos são bastante genéricos, desta forma, cremos que dados mais antigos indicavam itens mais concretos e empilháveis; e dados mais recentes, até pela idiomaticidade recente da palavra *coisas*, podem ter uma gama de sentidos, além daquela mais palpável e concreta.

Observamos que a semântica de *coisas* e *coisa* em boa parte dos exemplos encontrados demonstra um sentido menos concreto e mais abstrato, então, em vez de coisas

como cadeiras, pratos, garrafas, etc., vemos os itens lexicais representando ações, atitudes, fatos, momentos, coisas ditas etc. Como veremos a seguir:

(88) <p>: ai meu Deus se eu tiver que trabalhar e arrumar a mudança pós-plantão, você já fica sofrendo antes da hora porque é terrível você ter que fazer **um monte de coisa** quando você tá cansada. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(89) <p>: Julia não consegue entender um **monte de coisas** no futebol. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Sendo assim, a semântica dos construtos *um monte de coisas* ou *um monte de coisa* também mudou. Os dados demonstram que o sentido de *coisas*, que era mais concreto se tornou mais abstrato. Uma “coisa” pode ser um fato ou uma situação ocorrida, isto é, se antes uma “coisa” era algo concreto, hoje este significado deixou de ser estrito.

Nos dados, podemos ver que entre as maiores forças colostrucionais estão: *jóias* (18.68) e *brinquedos* (18.05), que pertencem a categoria OBJETOS CONCRETOS e o lexema *lixo* (23.96). A expansão semântica dessa microconstrução – que recruta itens tão diferentes – pode estar relacionada com os exemplares fortes *coisas/coisa*, que por serem itens tão genéricos promovem muitos e diferentes *links* de associação de sentido, que por analogia acabam por promover uma categoria tão ampla como OBJETOS CONCRETOS, que pode ser composta por lexemas mais ou menos concretos, embora dentre os dados com maior força de atração apareçam as palavras descritas acima, que são palavras concretas. Veremos alguns exemplos:

(90) <p>: Muitos que não o conhecem vão pensar que ele deixou grandes contas bancárias, **um monte de jóias**, propriedades em todo o Brasil. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(91) <p>: Rico, no caso, não significa ter **um monte de brinquedos** caros. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(92) <p>: Acho que o pessoal se acostumou a juntar o lixo, só que eu vejo às vezes que eles não estão separando bem o lixo; eles pegam, eu vi porque os cachorros

espalharam **um monte de lixo**, foi aberto um saco, o cachorro abriu, lá tinha lixo plástico e sapato; sapato não é plástico. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Ao observar os dados é possível constatar que o lexema *joias* não apareceu entre os itens mais frequentes, já que possui apenas 4 ocorrências, todavia, é relevante perceber que a sua frequência esperada era de 0, com base nas suas ocorrências no *corpus*, logo estamos identificando uma grande força de atração.

De acordo com os resultados obtidos, entendemos que *coisas* e *coisa* colaboram para o sentido da microconstrução. Desta maneira, em nossa cognição, referentes como *coisas* e *coisas* são os exemplares fortes de *um monte de N2*, que permitirão o recrutamento de novos itens, com base em seu sentido, a quantificação de elementos mais concretos, assim como, a de itens lexicais que representem ações, atitudes, fatos, momentos, coisas ditas etc., o que permite por exemplo o uso de lexemas mais abstratos como *mentiras* ou *problemas*.

A próxima categoria a ser comentada é FOLHAS. Dentre as maiores forças colostrucionais, encontramos os lexemas livros (18.03), papel (16.69) e fotos (15.99). Podemos perceber que o item papel é a matéria para a concepção dos outros membros da categoria: livros e fotos. Esta categoria parece ser um “braço” semântico da categoria OBJETOS CONCRETOS, já que são itens inanimados e preenchem lugar no mundo. Acreditamos que esses lexemas podem, em algum momento anterior no tempo, ter mantido uma coerência semântica maior entre o NQ *monte* e os referentes citados. Frequentemente, podemos encontrar dados de livros, papel e fotos com nomes quantificadores como *montanha* ou *pilha*, que também possuem em seu *frame* natural os sentidos de acumular e empilhar.

(93) <p>: Você vê que a delegacia produz **uma montanha de papel** sem qualquer tipo de objetividade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(94) <p>: Dizem que é muito difícil queimar um livro, e deve ter sido difícilimo queimar **uma montanha de livros** como aquela com que o Dominicano contribuíra para as controvérsias da Cristandade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(95) <p>: Mas Rainê e Adilson colecionam e organizam tudo o que se noticia sobre Canudos, pastas inteiras que guardam recortes de jornal e revista, listas de bibliografia, **pilhas de fotos**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (96) <p>: Basta lembrar que, depois de **uma pilha de livros**, «papers», 'tatísticas, o diabo sobre o assunto, vem o Seade e demonstra que o número de miseráveis, em São Paulo, aumentou 42 % de 1990 para 1994. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Atualmente, percebemos que a coerência semântica dos itens com o nome quantificador não é mais forte, observe o exemplo abaixo:

- (97) <p>: Quero escola legal, professor com salário bom, biblioteca com **um monte de livros**, computadores e quadra de cimento bem lisinha, que é para a gente não ficar se machucando toda vez que cair. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Portanto, acima, vemos que o uso reflete um desejo de uma escolha melhor, logo o sentido do construto “um monte de livros” é o de *muitos* livros na biblioteca da escola. Os dados a seguir também constroem a ideia de grande quantidade:

- (98) <p>: Isso complica mesmo, com relação à referência e contrarreferência, porque às vezes você tem um paciente que precisava de você acompanhar ele, às vezes eles são assim tão ignorantes, tão simples, eles vêm da Unesp com **um monte de papel** e não sabe nem o que que faz e a Unesp não manda nenhuma contrarreferência, a gente fica perdida, também, né? (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (99) <p>: Então, isso são coisas que é política, aí vem o fotografo do prefeito e tira **um monte de fotos** do prefeito, tanto que tu vai ver o álbum de fotos, a equipe quase nunca tem foto, mas sempre tem o prefeito na foto e o secretário da saúde. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Muito próximo à categoria FOLHAS, está o exemplar *dinheiro* (73.47). *Dinheiro*, assim como *papel*, possui coerência semântica com o sentido literal de *monte*. Porém, não encontramos sentidos mais transparentes de amontoado, ou pilha de dinheiro.

- (100) <p>: Num dia você tá sonhando que **um monte de dinheiro** vai entrar na sua conta. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(101) <p>: mas se caísse **um monte de dinheiro** no meu bolso, eu daria um destino a ele que pouquíssimos homens no mundo pensariam em dar. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Os exemplos acima evidenciam que não entendemos o construto *um monte de dinheiro* como um amontoado, mas com sentido de grande quantidade, já que um *monte* (literal) de dinheiro não cai em uma conta bancária ou pode ser colocada em um bolso. Entretanto, os dados acima discutidos são aqueles que mais mantêm coerência com o sentido literal com o nome quantificador. Nesta microconstrução fica mais evidente a opacidade do nome quantificador.

Na tabela, também podemos destacar as força de atração de *perguntas* (29.99), *vezes* (19.99), *lugares* (15.10). Esses itens, como vimos na primeira seção não pertencem a nenhuma categoria, mas estabelecem diversas relações com outros nomes que instanciam a microconstrução.

Fumaux (2018) destacou o construto *um monte de vezes* em seu trabalho. Segundo a autora, cada “vez” é conceptualizada em um espaço temporal específico e individualizado; contudo, é possível constatar que o uso, de certa forma, agrupa todas as vezes que um fato ocorreu. Entendemos que os sentidos de acúmulo e amontoado tenha se perdido, já que não há a necessidade de que os lexemas estejam juntos. Observe o exemplo a seguir, em que se menciona que os itens estão espalhados:

(102) <p>: Eu entrei na mata para procurar um cabo de madeira para a minha enxada e vi **um monte de ossos espalhados**», afirmou à Folha. » (*CORPUS BRASILEIRO*)

Porém, um possível resquício do significado literal do nome quantificador seja o sentido de agrupar, como podemos ver com *perguntas*, *vezes* e *lugares*. A microconstrução dá ao falante a possibilidade de ao quantificar, também agrupar, itens que não são agrupáveis, como esses lexemas, que, naturalmente, não formariam um grupo já que são + abstratos. Esta possibilidade de agrupamento não literal, mas metafórico explica por que o item *vezes* é bastante atraído para a construção. Se pensarmos em uso como *muitas vezes*, veremos que há o entendimento de grande quantidade, mas não há a ideia de ajuntamento desses espaços temporais em um conjunto de vezes; o contrário ocorre com *um monte de vezes*, já que há

nesse uso o sentido de todas “as vezes” pertencendo a um único momento, que é o entendimento construído pelo construto:

- (103) <p>: Eu já convidei ele **um monte de vezes** pra vim consultar comigo.
(CORPUS BRASILEIRO)

Lugares, como vimos, representa uma metáfora espaço-tempo, logo a relação semântica com *vezes* fortalece os dois exemplares. *Perguntas e lugares*, bem como acreditamos acontecer com *vezes*, também estabelecem uma relação de agrupamento, que só é possível em uma construção quantificadora. Por exemplo, cada vez que uma pergunta é feita, também representa um momento no tempo, logo podemos entender que a relação é estabelecida da mesma maneira que a comentada um pouco acima. Reproduziremos mais alguns exemplos:

- (104) <p>: E estava indo para a Argentina, para **um monte de lugares**. (CORPUS BRASILEIRO)

- (105) <p>: -- Mas espere-Mack tinha **um monte de perguntas** aflorando à sua mente. (CORPUS BRASILEIRO)

Destacaremos, a seguir, a grande atração de itens com semântica negativa. Entre maiores forças de atração estão: *bobagens* (70.72), *asneiras* (58.32), *besteiras* (40.02), *besteira* (31.30), *mentiras* (28.73), *merda* (25.06), *problemas* (24.09), *bobagem* (15.78) e *palavrões* (14.61). Percebemos que esses itens são bem similares e que em todos existe a interpretação de algo errado, ruim, mal visto etc. Estes dados fazem parte da categoria AVALIAÇÃO NEGATIVA. Ao observarmos a tabela, identificamos que o grupo – assim como HUMANOS – possui 9 das maiores forças de atração para microconstrução com *monte*. Este fato precisa ser discutido, pois a categoria HUMANOS possui o exemplar com maior frequência (*gente*), com maior força colostrucional (*gente*) e como vimos antes, possui mais ligações semânticas com outros grupos. Porém, AVALIAÇÃO NEGATIVA além de possuir forças colostrucionais bem altas, também é uma categoria com itens bastante semelhantes, dificultando até o entendimento de quais lexemas são mais periféricos.

- (106) <p>: E n'sa hora você diz **um monte de bobagens**», afirmou, sobre as críticas que fez na quarta-feira, de que o Santos 'taria sendo perseguido pela entidade. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (107) <p>: Recentemente, ele deu uma entrevista ao jornal «A Gazeta Esportiva», dizendo **um monte de besteiras** a meu respeito. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (108) <p>: A mulher de Simonal também atacou o ex-contador Raphael Viviani: «Você também pode falar **um monte de besteira**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Ao investigarmos os dados e refletirmos sobre como esses usos poderiam impactar o sentido de *um monte de N2*, percebemos que em muitos dados existem sentido negativo por parte do falante, ainda que o lexema não possua esse sentido. Postulamos, com base neste fato, a importância dessa categoria, já que por analogia aos seus exemplares fortes, o sentido negativo apareça em outros exemplares, que em um primeiro momento não possuam este significado. Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (109) <p>: Trouxe **um monte de gente**, mas não conseguiu criar um time que possa se chamar «do Flamengo» (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (110) <p>: A crítica se estende às emissoras locais que \ " falam **um monte de coisas** que não tem nada a ver com a cidade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

No primeiro exemplo, entendemos que há uma crítica pelo excesso, e que embora o grupo seja grande, não há nenhum bom jogador no time do Flamengo, enquanto no segundo, entendemos que muita coisa que se fala em programas da emissora em questão é desnecessária. Nas duas não percebemos nada de positivo.

- (111) <p>: Tevê a cabo é que é «maneiro»; tem MTV, HBO e **um monte de programas** que nos obrigam a seguir a cultura do «american way of life»... e esquecemos do pique esconde. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (112) <p>: Ela gritava: me acode, me acode, mas aí caiu **um monte de gente** em cima de mim e eu não consegui fazer nada \ ", afirmou Fernandes . (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (113) <p>: Nos últimos tempos, a uma situação que já era *ruim* se somou **um monte de declarações** públicas, que não serviram para nada. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (114) <p>: Há pais e mães por aí que só porque têm um dia *ruim*, tipo pegam **um monte de trânsito**, ou levam bronca do chefe, vão para casa e batem nos filhos. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (115) <p>: Ele me disse um **monte de** coisas horríveis (Como eu pude fazer aquilo ? (*CORPUS BRASILEIRO*)

Em todos os exemplos são demonstrados usos que indicam uma avaliação ruim pelo falante, inclusive, nos últimos exemplos, a palavra *ruim* está presente nos dados. Vejamos a seguir mais alguns dados, em que vemos situações ruins como sentir uma dor de dente, ou estar em um local muito cheio:

- (116) <p>: Mas se você está com o dente de siso doendo, aquela dor insuportável, onde você já colocou cachaça, já colocou algodão com álcool, já colocou pano quente na boca, já tomou **um monte de coisa**, já mascou fumo, já fez o que podia e não sarou, você não terá alguém para tratar esse dente se você não tiver dinheiro para pagar. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (117) <p>: E parecia um Woodstock clubber, com **um monte de gente** esparramada, derretendo, encostadas umas nas outras. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Acreditamos, com base nos dados encontrados, que esta microconstrução além de frequentemente quantificar referentes humanos, também possui um laço semântico forte de avaliação negativa e exagero que tende a crítica. Goldberg (2019) propõe que os elementos são atraídos para a construção com base nas semelhanças com os itens que instanciam as construções, de modo que seja possível entendermos que cada vez mais nomes ou sentidos negativos possam ser angariados para a construção com *monte*. A expansão do *slot* da

construção ocorre pelo modo como os falantes fazem a sua categorização, recrutando, assim, nomes diferentes, nem sempre negativos em seus sentidos, mas que em certos contextos construam essa avaliação negativa.

Sabemos que as microconstruções quantificadoras possuem um contexto hiperbólico, que é baseado em uma avaliação subjetiva de grande quantidade por parte do falante. Quando pensamos no *construal* da construção como o *monte*, podemos entender que este nome quantificador tem ideia de acúmulo, excesso e exagero, isto é, o que está além do previsto. Por este motivo, acreditamos que não encontramos muitos substantivos que signifiquem coisas boas. Nos 1006 *types* catalogados, não encontramos *um monte de amor* ou *um monte de felicidade*, nomes positivos parecem ser as restrições dessa microconstrução, tão ampla. Poderíamos argumentar que a construção bloqueia nomes massivos, mas percebemos que a microconstrução atue como força coercitiva para transformar nomes massivos em quantificáveis:

- (118) <p>: Ninguém obriga você a comer coisas com **um monte de gordura** ou de açúcar, mas se você come você fez uma escolha errada e seu coração pode ficar doente. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Em relação a esta microconstrução podemos dizer que há uma avaliação de grande quantidade por parte do falante. *Um monte de N2* recruta uma variedade grande de itens, é expansivo e a sua cobertura é mais ampla do que as das outras microconstruções. Ela possui um número maior de dados e tipos encontrados. Acreditamos que isso é uma evidência de que o NQ *monte* influencia menos a semântica da construção atualmente. Temos, assim, muitos *types*, que muitas vezes aparecem apenas 1 vez no *corpus*, o que indica o quão variável é a construção. A força colostrucional infinita de *gente*, *coisas* e *coisa* parecem ser uma confirmação de que essas construções são *chunks* em nossa cognição.

Conseguimos identificar, ainda, uma categoria forte de exemplares que não possui origem no sentido literal de *monte*, que é a AVALIAÇÃO NEGATIVA. O sentido negativo também se mostrou fortes em contextos com outros nomes, que não são parte da categoria citada. É interessante perceber que, somente, a análise das frequências não nos indicaram isso, já que além de outros itens se mostrarem muito mais produtivos, não conseguimos ver na rede tantas ligações da categoria com outros exemplares. No entanto, o fato dos itens com semântica negativa estarem entre as maiores forças colostrucionais os eleva ao status de preferências colocacionais. A análise colostrucional combinada a uma investigação qualitativa

dos dados culminou no entendimento de que a microconstrução perfila o sentido de exagero, o que pode levar ao negativo, uma avaliação subjetiva do falante de que algo é ruim por ser demais. Inclusive, este sentido aparece, tacitamente, em dados que não fazem parte da categoria, como vimos. Contudo, não é possível afirmar categoricamente que esta é uma semântica da microconstrução, já que também existem vários dados em que não se percebe essa avaliação.

Entendemos que já não há entre os lexemas recrutados e a microconstrução um sentido relacionado ao de amontoar e acumular em consonância ao do nome quantificador *monte*, contudo, hoje, embora, os itens recrutados ainda possam ser encaixados nessas categorias, os contextos não refletem mais o amontoado de antes, a semântica da quantificação é muito mais evidente do que o entendimento de acumulação e o nome quantificador mostrou-se mais opaco e menos atuante em nossos dados. Destacamos, aqui, que dois sentidos muito presentes na microconstrução foram confirmados pela força de atração dos itens instanciados: quantificar referentes humanos (categoria HUMANOS) e avaliar negativamente alguém ou algo (categoria AVALIAÇÃO NEGATIVA), porém não só nessas categorias; estes sentidos se mostraram como os mais fortes da microconstrução.

4.2. A microconstrução uma montanha de N2.

A seguir apresentaremos a frequência dos itens que instanciam o *slot* desta microconstrução.

4.2.1. A frequência dos itens no *slot* de uma montanha de N2.

Palavras	Frequência no slot da construção
1. <i>Dinheiro</i>	37
2. <i>Dívidas</i>	7
3. <i>Dólares</i>	6
4. <i>Recursos</i>	6
5. <i>Músculos</i>	5
6. <i>Lixo</i>	5
7. <i>Papeis</i>	5
8. <i>Ouro</i>	5
9. <i>Documentos</i>	4
10. <i>Livros</i>	4
11. <i>Dados</i>	4
12. <i>Sucata</i>	3
13. <i>Gols</i>	3
14. <i>Promessas</i>	2
15. <i>Vídeos</i>	2
16. <i>Mensagens</i>	2
17. <i>Roupas</i>	2
18. <i>Flores</i>	2
19. <i>Erros</i>	2
20. <i>Leis</i>	2
21. <i>Programas</i>	2
22. <i>Papel</i>	2
23. <i>Mutretas</i>	1
24. <i>Anaguas</i>	1
25. <i>Quinquilharias</i>	1
26. <i>Bolinhos</i>	1
27. <i>Culpas</i>	1
28. <i>Figurantes</i>	1

Palavras	Frequência no slot da construção
29. <i>Estereótipos</i>	1
30. <i>Exibições</i>	1
31. <i>Detritos</i>	1
32. <i>Tapetes</i>	1
33. <i>Consensos</i>	1
34. <i>Recortes</i>	1
35. <i>Pastas</i>	1
36. <i>Opções</i>	1
37. <i>Diplomas</i>	1
38. <i>Aeronaves</i>	1
39. <i>Garrafas</i>	1
40. <i>Solicitações</i>	1
41. <i>Sapatos</i>	1
42. <i>Softwares</i>	1
43. <i>Sacos</i>	1
44. <i>Conexões</i>	1
45. <i>Reclamações</i>	1
46. <i>Reportagens</i>	1
47. <i>Brinquedos</i>	1
48. <i>Ossos</i>	1
49. <i>Cabelos</i>	1
50. <i>Protestos</i>	1
51. <i>Telefones</i>	1
52. <i>Patrocínio</i>	1
53. <i>Conjuntos</i>	1
54. <i>Diagnósticos</i>	1
55. <i>Depósitos</i>	1

Tabela 3: A frequência dos itens no *slot* de uma montanha de N2

Ao pesquisarmos a microconstrução *uma montanha de N2* no *Corpus Brasileiro*, encontramos 216 *tokens* e identificamos 104 *types*. Apresentamos, acima, os 55 *types* mais frequentes. O exemplar *dinheiro* obteve a maior frequência de ocorrência, o construto *um monte de dinheiro* foi encontrado 37 vezes no *Corpus Brasileiro*. Observamos que este exemplar possui muito mais dados do que o segundo nome mais frequente, *dívidas*, que foi encontrado 7 vezes. Os números descem, então, progressivamente, até que a partir do 23º item, todos foram encontrados somente 1 vez. Percebemos, então, que esta microconstrução além de ter muito menos *types* – como vimos na primeira seção, foram encontrados 1006 *types* de *um monte de N2* – também possui muito menos *tokens*, este fato indica que as duas microconstruções apresentam diferentes fases de desenvolvimento na língua, como discutiremos na próxima subseção. Da mesma forma que fizemos antes, estabelecemos categorias com base em semelhança por família e analogia.

Nesta construção, identificamos as seguintes categorias, são elas: FINANCEIRO, FOLHAS, DESPEJOS e MÍDIAS. Vimos, ainda, itens muito próximos, mas que optamos por não chamar de categorias. O fato deles não estarem agrupados não significa que eles não sejam próximos semanticamente, nem possuam laços de sentido, porém entendemos que para formar uma categoria, mais alguns traços deveriam ser compartilhados entre todos os membros, o que efetivamente não pudemos ver. Contudo, esses exemplares possuem relações simbólicas e estão associados a conceitos que promovem ligações conceptuais com outros exemplares e outras categorias (cf. DIESEL, 2019). Observe a seguir a rede semântica de *uma montanha de N2*:

Uma montanha de N

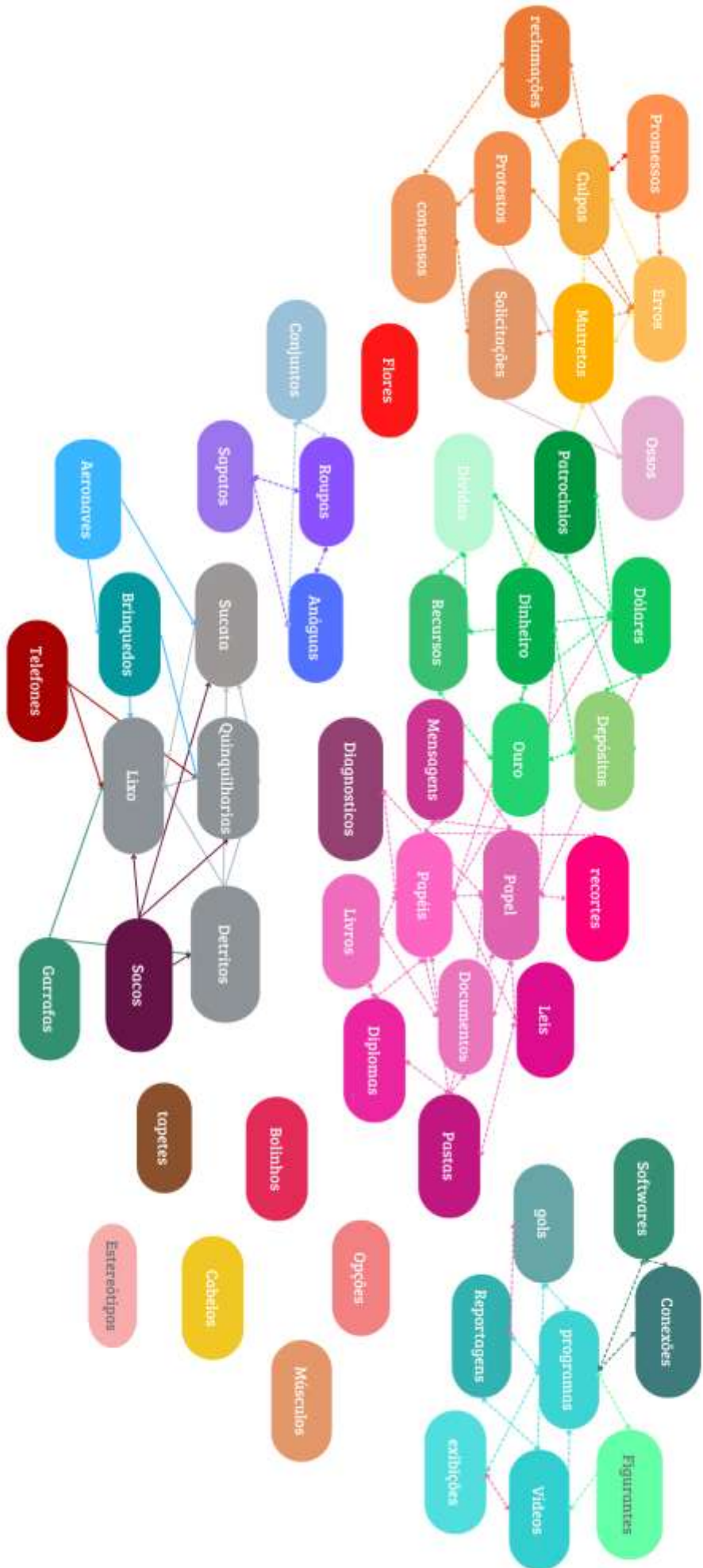


Figura 13: Rede semântica de uma montanha de N2

A categoria FINANCEIRO é formada por *dinheiro* (37), *dólares* (6), *recursos* (6), *ouro* (5), *patrocínio* (1) e *depósitos* (1). O exemplar mais proeminente do *cluster* é *dinheiro* e muito próximo a ele está *dólares*, que, como sabemos, é um tipo específico de moeda estrangeira. Os membros têm em comum o fato de representarem valor, no sentido de riqueza. As palavras *patrocínio* e *depósitos*, nos dados, também, significam transações com dinheiro. Vejamos os dados:

- (119) <p>: Soube por um jornalista que haveria feriado bancário e comprou **uma montanha de dólares**. (*CORPUS* BRASILEIRO)
- (120) <p>: Seu nome evoca também **uma montanha de dinheiro**: nos últimos dez anos, faturou US\$ 75 milhões. (*CORPUS* BRASILEIRO)
- (121) <p>: As empresas brasileiras que se preparem: **uma montanha de recursos** estimada em US\$ 70 bilhões poderá ser investida em ações e títulos de renda fixa do país nos próximos dez anos. (*CORPUS* BRASILEIRO)
- (122) <p>: Nelson Mandela assume a Presidência no próximo dia 10 em Pretória, o coração do poder branco, sobre **uma montanha de ouro** e diamantes, um produto interno bruto de 104 bilhões de dólares. (*CORPUS* BRASILEIRO)
- (123) <p>: Que dá à Williams o status de melhor time da F-1 (leia-se **uma montanha de patrocínio**). (*CORPUS* BRASILEIRO)
- (124) <p>: O fundo já cobre **uma montanha de depósitos** estimada em R\$ 180 bilhões. (*CORPUS* BRASILEIRO)

Muito próximo à categoria FINANCEIRO está o item *dívidas*, que tem seu significado bastante associado a problemas com dinheiro, nos nossos dados, percebemos que o significado envolve mesmo a falta de recursos financeiros. Na experiência e categorização do uso da língua, acreditamos que os falantes entendam *dívidas* como um exemplar que se aproxima por analogia ao sentido de *dinheiro*. Por conta disso, o lexema tem laços de sentido com todos os membros da categoria citada. No exemplo abaixo, é mencionada a palavra *enriquecimento* e *impagáveis*, que corrobora a nossa percepção.

(125) <p>: Esse clima de tolerância estimulou o favoritismo político e o *enriquecimento* fácil; agora, deixa para trás **uma montanha de dívidas** impagáveis ou que fica para ser paga pelo poder público. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Também se relacionando à categoria FINANCEIRO, temos a categoria FOLHAS, os membros se conectam como categoria por serem produzidos pelo mesmo elemento: papel. *Papéis* e *papel* são elementos mais centrais no *cluster*. Os seus membros são: *papéis* (5), *documentos* (4), *livros* (4), *mensagens* (2), *papel* (2) e *diplomas* (1). Abaixo apresentaremos alguns exemplos:

(126) <p>: Não se deve ficar fazendo todo mundo de trouxa, exigindo **uma montanha de papéis**, até que a maioria dos interessados, exausta da labuta de uma vida inteira no roçado, venha a sucumbir, devido ao estresse e à raiva, na hora da aposentadoria. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(127) <p>: ele anda para baixo e para cima com **uma montanha de documentos**: Uma radiografia da situação financeira da Prefeitura de São Paulo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(128) <p>: «Reportagem Local **Uma montanha de livros** à margem do Meno»: assim a imprensa alemã se refere à 46ª edição da Feira de Livros de Frankfurt, que será aberta no próximo dia 5, o maior evento editorial do mundo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(129) <p>: Encontro **uma montanha de mensagens** desesperadas da produção do Imprensa, querendo saber onde raios eu tinha me metido. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(130) <p>: Você vê que a delegacia produz **uma montanha de papel** sem qualquer tipo de objetividade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (131) <p>: Obviamente, a universidade vê-se pressionada a conceder **uma montanha de diplomas** e tem que tomar algumas opções (*CORPUS BRASILEIRO*)

Sabemos que a matéria-prima de dinheiro é o papel, desta maneira, as categorias não poderiam deixar de estar semanticamente conectadas. Relacionados a papel, pelo mesmo motivo, estão as *leis* (2) e os *diagnósticos* (1). Entendemos que a ligação seja possível, por que as leis são publicáveis, tal como os diagnósticos. Possivelmente, ambos, em muitos construtos, se apresentaram em forma de papel, ainda que eles também possam se apresentar de maneira mais ligada ao plano da fala ou do pensamento humano.

- (132) <p>: **Uma montanha de pastas** e papéis velhos cobertos de pó. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (133) <p>: Quando chega até os médicos, o tom muda: agora é o cineasta às voltas com **uma montanha de diagnósticos** disparatados a respeito das coceiras que o atormentam (e se revelam, por fim, um câncer). (*CORPUS BRASILEIRO*)

O item *recortes* (1), assim como *pastas* (1), também estão próximos da categoria FOLHAS. No dado *uma montanha de recortes*, perceberemos que são, na verdade, pedaços de papel, retirados de jornais. No caso de *uma montanha de pastas*, entendemos que a ligação semântica existe pelo fato de o lexema ser um objeto que serve para guardar todo tipo de papéis e documentos. A seguir, podemos observar os construtos.

- (134) <p>: Durante a turnê, pela América Latina, Maysa, colecionou **uma montanha de recortes** de jornal.

- (135) <p>: **Uma montanha de pastas** e papéis velhos cobertos de pó.

A palavra *mutretas* (1) é outra que se conecta à categoria FINANCEIRO. Entendemos que muitas mutretas se ligam ao uso de dinheiro. Nosso único dado reflete esta constatação, pois o uso da palavra *sonegação* confirma a observação:

(136) <p>: Fazer a lição de casa não seria acabar com a *sonegação* e **uma montanha de mutretas**? (*CORPUS BRASILEIRO*)

A partir daí conseguimos estabelecer uma rede de conexões. *Erros* (2) possui um laço de sentido com *mutretas*, já que esta pode ser considerada um tipo de erro. A seguir o exemplo:

(137) <p>: A editora cometia e repetia **uma montanha de erros**, misturava arquivos, alterava o texto sem avisar o autor. (*CORPUS BRASILEIRO*)

O exemplar *culpas* (1) se aproxima bastante de *erros* e *mutretas*, pois é comum pessoas se sentirem culpadas pelos *erros* cometidos, como no próximo exemplo.

(138) <p>: <p>: Aos 13 anos deixei de acreditar, mas acho que já era muito tarde, porque o acúmulo de culpas já era extraordinário. Eu sou **uma montanha de culpas!** (*CORPUS BRASILEIRO*)

Acreditamos que *culpas*, em alguma medida, também se liga a *promessas* (2). O entendimento é que promessas não cumpridas acarretam culpas, de modo que aproxime os lexemas em nossa rede semântica.

(139) <p>: Além das promessas não cumpridas dos políticos, há **uma montanha de promessas** jamais reveladas de pessoas e grupos que se dispõem a ajudar candidatos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Protestos (1), reclamações (1) e solicitações (1) são itens bem próximos entre si, pois em todos há o sentido de reivindicação, de solicitar ou pedir. Eles se aproximam de *erros* e *promessas*, já que estes em alguns contextos podem gerar alguma solicitação, reclamação ou protesto.

(140) <p>: Já 'tava no script: uma lei inaplicável, **uma montanha de protestos** e processos, muita publicidade para todas as partes envolvidas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(141) <p>: Em sua passagem por Brasília, para participar da convenção do PFL, ACM derramou **uma montanha de reclamações** sobre o PSDB. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(142) <p>: Para não enfrentar filas, ou se perder em meio a **uma montanha de solicitações**, contratar um despachante continua sendo a forma mais prática e eficiente de se obter os documentos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Percebemos que os itens também se relacionam com outros lexemas, como os da categoria FOLHAS, já que os três exemplares podem vir em forma de papel a depender do contexto. No exemplo (141), vemos que as *solicitações*, nesse contexto, são papéis. Em (140), *protestos* são feitos por conta de uma *lei*, em nossa rede temos exemplar *leis*, por isso, estabelecemos entre eles uma ligação.

Acreditamos que o lexema *consensos* (1) também se aproxime de *solicitações*, *reclamações* e *protestos*, já que em alguma medida uma reivindicação pode gerar um consenso, um tipo de acordo, que é o que ocorre segundo a nossa interpretação do exemplo a seguir:

(143) <p>: Nossas mais recentes discussões apontam para **uma montanha de consensos**, embora com alguns percalços pela frente. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Interpretamos que *pedidos* (1) também se aproxima de protestos e solicitações, pois estes podem se configurar como pedidos.

(144) <p>: Em resposta a **uma montanha de pedidos** dos leitores, 'te ano o Papai Noel Dave mantém a sagrada tradição do comércio natalino com a publicação de seu loucamente popular «Guia de Último Minuto para as Compras de Natal» (*CORPUS BRASILEIRO*)

Pensamos muito acerca dos itens elencados a partir de *mutretas*. Tentamos entender se eles formariam 1 ou mais categorias. Porém, optamos por entender que eles são de fato bem próximos, como podemos ver na rede semântica, contudo não tão semelhantes para ser uma categoria. Os seus sentidos parecem se justificar, como, por exemplo, a culpa ser sentida por um erro, ou um protesto se originar por um erro cometido, tal como se chegar a um consenso

após uma reclamação. Sendo assim, é possível que o recrutamento de itens ocorra com base nesta analogia, da relação de sentido entre esses lexemas.

Comentaremos, agora, a categoria DESPEJOS, que é composta pelos itens *lixo* (5), *sucata* (3), *quinquilharias* (1) e *detritos* (1). Entendemos que os elementos fazem parte da categoria por se unirem pelo sentido de serem descartáveis, não possuírem mais importância ou utilidade. Abaixo apresentaremos alguns exemplos:

(145) <p>: O jornal A Tarde noticiou no último dia 19 de março que uma mulher, aparentando 50 anos, estaria apodrecendo viva dentro de **uma montanha de lixo** na região denominada Rótula do Abacaxi, em Salvador. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(146) <p>: Eles é que devem dar as idéias para a construção do cenário a partir de sucata, jornais, pedaços de tecido e objetos trazidos de casa... A partir de **uma montanha de sucata**, Carlos e seus alunos construíram a resposta para essas questões. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(147) <p>: Ainda sobre memória: quando a delegação da CBF chegou ao Brasil trazendo a Copa do Mundo e mais **uma montanha de quinquilharias** na bagagem de 17 toneladas, fiscais da alfândega do Rio calcularam os impostos devidos (e não pagos no ato) em US\$ 1 milhão. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(148) <p>: E as coisas vão rolando, não como uma bola de neve, mas como **uma montanha de detritos** que rola ladeira abaixo, a sufocar as aspirações nacionais. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Podemos encontrar, ainda, os lexemas *garrafas* (1) e *sacos* (1), que não formam uma categoria, mas se aproximam de DESPEJOS. *Garrafas* se aproxima da categoria DESPEJOS, por, em muitos contextos, se apresentarem como elementos descartáveis e restos. No exemplo com garrafa, isso fica evidente, já que se menciona a reciclagem de garrafas. Já *sacos*, que podem ter inúmeras funções, é um tipo de utensílio utilizado para fazer o descarte (como podemos ver no exemplo 150), com isso, acreditamos que ele esteja semanticamente ligado a lixo. A seguir veremos exemplos dos três lexemas.

(149) <p>: Sequência mostra o papelão sendo preparado para reciclagem no depósito do Conjunto Nacional, em São Paulo; Funcionário da empresa Santa Marina e **uma montanha de garrafas** prontas para a reciclagem. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(150) <p>: Uma calçada foi ocupada por **uma montanha de sacos** de lixo, onde 20 pessoas sobrevivem separando os restos de papéis e papelões. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Observamos, também, que *brinquedos* (1) e *telefones* (1) também se relacionam com a categoria DESPEJOS, interpretamos que essas coisas podem se tornar sucatas ou quinquilharias, após passarem pelo processo de desgaste e envelhecimento, isto é, o fim de sua vida útil.

(151) <p>: Meu sonho é ganhar **uma montanha de brinquedos** par poder dar aos meus meninos neste Natal.

(152) <p>: A recomendação aqui é alugar **uma montanha de telefones** celulares e colocar todos na mesa dele.

Passaremos, nesse momento, a discutir o *cluster* MÍDIAS, que é formado por programas (2), vídeos (2) e reportagens (1). O agrupamento, assim se define por compartilharem o fato de se relacionarem ao meio televisivo. Evidentemente, reportagens também podem ser de jornais ou revistas, contudo, a nossa interpretação é a de que na semântica do item lexical também está a reportagem de TV, o que justifica a sua participação no grupo.

(153) <p>: O resultado é **uma montanha de programas** pobres e entediantes. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(154) <p>: Encomendamos **uma montanha de vídeos**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(155) <p>: O Data: 18/02/03REDAÇÃO FINAL Tipo: Ordinária -- CD Montagem: Gilza Chegou ao meu gabinete **uma montanha de reportagens** referentes à denúncia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Alguns ligações semânticas são feitas com essa categoria. A primeira que vamos comentar é a que existe entre *exibições* (1) e *programas* e *vídeos*. *Exibições* significa mostrar/exibir algo, o que, claramente, pode ser combinado com os exemplares citados. No exemplo a seguir, conseguiremos perceber que a exibição em questão é a de um programa de TV.

(156) Dança dos Vampiros» (Globo, 2h10) fizeram um sucesso louco e já **tiveram uma montanha de exposições** em TV (sobretudo «A Dança», que já rodou em mais ou menos quase todos os canais). (*CORPUS BRASILEIRO*)

A palavra *gols* (3) também podem se conectar a *programas* e *vídeos*, pois os programas esportivos na televisão transmitem os gols de uma partida de futebol, muitas vezes, os programas se dedicam apenas a mostrar esses gols. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(157) <p>: O diabo é que, a exemplo de Romário. outro que não desce pelo gargalo zagalliano., faz **uma montanha de gols**, jogo após jogo, com sol ou com chuva e contra quem quer que seja. (*CORPUS BRASILEIRO*)

A última ligação é aquela que vemos com *figurantes* (1), que por também participarem do meio televisivo de aproximam da categoria:

(158) <p>: Sendo uma superprodução própria da época, com **uma montanha de figurantes** e tal, o diretor Howard Hawks não se preocupa em impressionar pelo uso abusivo de seus meios. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Entre *dados* (4), *softwares* (1), *conexões* (1) existe uma ligação, já que podemos entender que no mundo da informática esses elementos se conectam. Eles também estão perto do lexema *programas*, que em nossos dados são programas de televisão, mas que em seu *frame*, também podem ser programas de computador.

(159) <p>: Foi lá que o gerente Bill Yoakum passou muitas noites em claro para instalar os programas de software destinados a consolidar **uma montanha de dados** de produção. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(160) <p>: ' ' É preciso ter quatro micro tipo PC486 DX4 (de alta velocidade) , dois computadores Macintosh, um scanner ' de boa qualidade, um equipamento para capturar e digitalizar imagens de vídeo, placas de memória e **uma montanha de softwares**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(161) <p>: É a chamada placa-mãe, a principal placa de circuitos do seu computador, **uma montanha de conexões** e chips de apoio que organiza as atividades do PC e que é composta de muitas seções escondidas que desempenham tarefas diferentes. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Os lexemas *roupas* (2) e *anáguas* (1) e *sapatos* (1) estabelecem entre si uma relação, já que *anágua* é um tipo de roupa, assim como, *sapatos* (1) são combinados com roupa, fazem parte da vestimenta.

(162) <p>: A moça morreu deixando em seu apartamento **uma montanha de roupas** lindas, ainda não usadas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(163) <p>: Lembro que eu 'tava usando um vestido com **uma montanha de anáguas**, o que chamávamos de crinolina, e então, ela decidiu que eu tinha de ser do Sul dos EUA. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(164) <p>: Ao lado o visitante vê **uma montanha de sapatos** usados pelos prisioneiros durante o seu trabalho e uma carta de Von Braun (*CORPUS BRASILEIRO*)

Além das ligações acima, estabelecemos uma conexão entre roupas e anáguas e conjuntos, pois o nossos dados a palavra se refere a pares de roupas combinados, como no exemplo em seguida:

(165) <p>: Os elementos usados em «Xuxa Popstar» são, em poucas palavras, um argumento que roça a idiotia, a própria Xuxa (isto é, a TV), **uma montanha de conjuntos** bregas e outra de desfiles de moda. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Finalizaremos a descrição de nossa rede semântica com alguns itens que tivemos dificuldade de propor ligações com outros lexemas. Isto, é claro, não é um problema, afinal a nossa percepção não esgota as infinitas possibilidades de conexões de forma e sentido que existem em nossa cognição. Não há como dar conta de toda essa complexidade, além disso, em nossa rede semântica só consideramos os 55 *types* mais frequentes no *corpus* estudado, logo, nem todas as possíveis associações serão demonstradas.

Dito isso, o primeiro dado a ser discutido é *uma montanha de aeronaves*. O lexema *aeronaves* (1), possivelmente, se aproxima do lexema *sucata* e *brinquedos*. O nosso pensamento é o de que um dia uma *aeronave* envelhece e se torna *sucata*. Já o segundo entendimento é que *aeronave* pode ser um tipo de brinquedo.

(166) <p>: Pelo menos, **uma montanha de aeronaves** (num dia, no Sul, havia oito helicópteros), automóveis e dezenas de seguranças. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Em seguida, veremos outros dados em que não propomos nenhuma ligação.

(167) <p>: O sonho do irmão de tornar-se imbatível pela cultura física desaba em segundos como castelo de cartas e faz Léolo perceber que \ " o medo vive dentro de nós e **uma montanha de músculos** ou milhares de soldados não mudariam nada. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(168) <p>: É um dos mais impressionantes espetáculos da coreógrafa pois reúne o vigor dramático de suas peças, a grandiloquência de seus cenários (desta vez **uma montanha de flores vermelhas**) (*CORPUS BRASILEIRO*)

(169) <p>: Nesse Vilarejo, eles tinham uma cultura, fazer **uma montanha de bolinhos** de lua e colocar a bola que simboliza, depois de dada quebrar (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (170) <p>: O expectador se pergunta como **uma montanha de estereótipos** acaba resultando em algo admirável.
- (171) <p>: Ele se referia a **uma montanha de tapetes** molhados pela água dos bombeiros em frente à sua loja. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (172) <p>: Quem também dava as caras sempre era o Primo Itt, que além de membro influente do governo era literalmente **uma montanha de cabelos** em pessoa. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (173) <p>: Mas o que encontra é **uma montanha de opções** de capas e orelhas capaz apenas de deixá-lo atarantado. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Com os itens acima foi bem difícil estabelecer qualquer tipo de ligação, contudo salientamos que os dados confirmam a produtividade da microconstrução, já que a mesma mostrou que está havendo uma expansão semântica dos itens angariados por ela, o que comprova a sua variabilidade, a partir de diferentes *types* recrutados. Vimos que os dados de montanha não se mantiveram apenas com itens que pudessem ser empilhados, como o significado do NQ pode indicar. Além disso, não observamos uma categoria tão relevante e com múltiplas relações na rede semântica, mas podemos observar um exemplar forte, que é prototípico em sua categoria, *dinheiro*.

Este exemplar, provavelmente, serve como imã para a analogia com todo tipo de palavra relacionada a dinheiro, isto, também, explica a alta frequência de um lexema como *dívidas* – que não é concreto e empilhável – já que o lexema frequentemente indica dever dinheiro. A força de dinheiro e sua categoria também se mostra relevante a partir da sua relação com mutretas, que é um conceito-chave para estabelecer várias outras relações. Destacamos, ainda, que a categoria FOLHAS, estabelece muitas ligações de sentido entre seus membros, bem como, com alguns outros lexemas exteriores, o que a coloca em posição de centralidade para definição de sentido da microconstrução. Pretendemos, assim, esmiuçar essas relações a partir da força de atração dos lexemas e da interpretação dos contextos na próxima subseção.

4.2.2. A análise colostrucional de uma montanha de N2

A seguir veremos as forças de atração entre os exemplares e a microconstrução.

Palavras	Frequência no corpus	Frequência na construção	Frequência esperada	Confiança	Força Colostrucional
1- <i>Dinheiro</i> •	166772	37	0.04	0	97.85
2- <i>Dívidas</i>	33510	7	0.01	0	18.71
3- <i>Dólares</i> •	43365	6	0.01	0	15.04
4- <i>Músculos</i>	12177	5	0	0	14.98
5- <i>Papéis</i> •	41692	5	0.01	0	12.31
6- <i>Ouro</i> •	63430	5	0.01	0	11.40
7- <i>Sucata</i> •	1626	3	0	0	11.14
8- <i>Recursos</i> •	323381	6	0.07	0	9.83
9- <i>Documentos</i> •	67643	4	0.01	0	8.72
10- <i>Livros</i> •	83807	4	0.02	0	8.35
11- <i>Gols</i>	46627	3	0.01	0	6.77
12- <i>Promessas</i>	10801	2	0	0	5.56
13- <i>Dados</i>	441506	4	0.1	0	5.49
14- <i>Vídeos</i> •	12032	2	0	0	5.47
15- <i>Mensagens</i> •	19417	2	0	0	5.05
16- <i>Mutretas</i>	56	1	0	0.02	4.91
17- <i>Roupas</i>	24401	2	0.01	0	4.85
18- <i>Anáguas</i>	69	1	0	0.01	4.82
19- <i>Flores</i>	30824	2	0.01	0	4.65
20- <i>Erros</i>	43254	2	0.01	0	4.36
21- <i>Quinquilharias</i> •	305	1	0	0	4.18
22- <i>Leis</i>	60914	2	0.01	0	4.06
23- <i>Bolinhas</i>	546	1	0	0	3.92
24- <i>Culpas</i>	890	1	0	0	3.71
25- <i>Figurantes</i>	1020	1	0	0	3.65
26- <i>Estereótipos</i>	1154	1	0	0	3.60
27- <i>Exibições</i>	1441	1	0	0	3.50
28- <i>Detritos</i> •	1564	1	0	0	3.47
29- <i>Tapetes</i>	1918	1	0	0	3.38
30- <i>Consensos</i>	2109	1	0	0	3.34

Tabela 4: A análise colostrucional de uma montanha de N2

LEGENDA: categoria FINANCEIRO •

categoria FOLHAS •

categoria DESPEJOS •

categoria MÍDIAS •

Como vimos na seção anterior, no *Corpus Brasileiro*, encontramos 216 *tokens* da microconstrução *Uma montanha de N2* e identificamos 104 *types*. Ao compararmos o número de dados encontrados de *uma montanha de N2* com aqueles que identificamos na microconstrução com *monte*, instantaneamente, constatamos que há uma grande diferença de cobertura entre as construções. Nosso propósito ao estudarmos a microconstrução em foco, nesta seção, era entender se os itens que a instanciassem seriam próximos ou semelhantes àqueles que aparecessem no *slot* de *um monte de N2*.

Ao observarmos os dados, constatamos uma desconfiança: a microconstrução *uma montanha de N2* está em um processo de construcionalização diferente de *um monte de N2*, que possui usos muito mais cristalizados e idiomáticos na língua do que *uma montanha de N2*. Embora este trabalho não seja um estudo diacrônico, tivemos pistas que nos fizeram chegar a esta conclusão. A primeira delas é que o número de *types* encontrados é muito menor se comparado à construção com *monte*, tal como, o número de *tokens*, o que demonstra que esta microconstrução, embora produtiva, não é tão ampla quanto a microconstrução com *monte* e possui uma cobertura bem menor.

O segundo ponto que justifica esta constatação é que os dados demonstram que o uso do NQ *montanha* estabelece uma coerência semântica muito maior do que nos dados com o *monte*. Essa coerência não se estabeleceu tanto no item recrutado, como imaginamos, em um primeiro momento. Ao olharmos para a tabela veremos que os dados não se estabelecem em sua maioria por itens + concretos que são amontoados e empilhados. No entanto, nesta pesquisa, entendemos que olhar para as frequências e forças colostrucionais sem uma boa investigação dos dados, não nos traria a verdadeira percepção da semântica das construções.

Após uma análise qualitativa dos dados, mais minuciosa, encontramos os seguintes exemplos:

(174) <p>: Se *empilhados*, formariam **uma montanha de papel** várias vezes maior do que o Everest. (CORPUS BRASILEIRO)

- (175) <p>: Ele conta que, em 1946, passeava pelas ruínas da «Reichskanzlei» -- sede do governo nazista --, quando no meio de **uma montanha de documentos** pegou um *amontoado* de cartas endereçadas ao «querido Fuehrer». (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (176) <p>: João foi visto, naquela ocasião, vestido dos pés à cabeça, deitado na cama *debaixo* de **uma verdadeira montanha de cobertores** e dedilhando seu violão para não morrer do tipo de morte congelada normalmente reservada aos exploradores polares. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (177) <p>: Liberdade é isso, filho: ou eu me meto *debaixo* de **uma montanha de dólares** e fico quieto para sempre ou vou apresentar um trabalho novo a cada disco ou show. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (178) <p>: O juiz despachou o assunto em breves audiências de cinco minutos, com a porta sempre a abrir e a fechar e **uma montanha de papéis** *em cima* da secretária, alguns presos por uma espécie de fio atacador de sapatos da província. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Como podemos perceber, nas frases, há indicações de que os falantes percebem o nome *montanha* como uma pilha ou aglomerado e, por isso, no contexto, foi possível identificar escolhas lexicais que favorecem uma relação menos idiomática entre *montanha* e os lexemas. Observamos no primeiro exemplo, o uso de *empilhados*, o que indica a percepção de que os *papéis* estão um em cima do outro em formato de pilha, além da menção ao monte Everest, fazendo-nos acreditar que *montanha* é mais transparente para o falante na microconstrução. No segundo exemplo, podemos entender que os *documentos* estão em formato de *montanha*, já que no *meio* dela foi possível pegar um *amontoado* de cartas; sendo assim, entendemos que os documentos, também, estavam aglomerados ou empilhados.

Nos outros exemplos, apreende-se a noção de pilha por conta da palavra *debaixo*, isto é, podemos observar que alguém está por baixo da *montanha* (empilhamento), que é composta por um lexema. Constatamos que *estar debaixo* pode ser entendido literalmente, como é possível interpretar no dado (176). Mas, também, pode ser um uso mais metafórico, como no próximo exemplo (177). Este uso revela um *construal* de “soterramento” virtual, por isso

utiliza-se a palavra *debaixo*. O mesmo entendimento é possível no dado (178), em que os papéis “soterram” a secretária, o que percebemos pelo uso da palavra *em cima*.

Vejamos, abaixo, um exemplo em que, muito claramente, há a noção de pilha. Nele, se observa a construção do sentido da grande quantidade de *papel* por meio da comparação ao tamanho de uma pilha de dicionários. A metáfora base para a quantificação nos casos discutidos é MAIS É PARA CIMA (LAKOFF & JOHNSON, 1980).

(179) <p>: **Montanha de papel**¹⁷ equivalente a 90 dicionários Aurélio *empilhados*.
(CORPUS BRASILEIRO)

Com base em Verwekken & Delbecque (2018), postulamos que os NQ são responsáveis pelas imagens conceptuais que são evocadas nos construtos; logo, em dados assim, acreditamos que os falantes acham que estão encobertos por uma *montanha* formada por algum tipo de referente, seja ela literalmente, ou metaforicamente. Esta “percepção” não intencional seria uma ideia secundária atribuída ao sentido de grande quantidade, isto é, além de serem muitos papéis ou muito dinheiro, a pessoa, ainda, se sente por *debaixo* dessa *montanha*. A seguir podemos ver mais alguns exemplos:

(180) <p>: Zeca apenas reafirmou uma música e um comportamento carioca que sempre estiveram aí e que andavam *soterrados debaixo* dessa **montanha de superficialidades** que a indústria cultural produz, transformando os sambistas em bandos de neguinhos oportunistas que dançam com sorrisinhos de puxa sacos na TV, com bundas de mulatas voando pelos palcos. (CORPUS BRASILEIRO)

(181) <p>: Semana que vem, volto ao assunto se não ficar *soterrada debaixo* da **montanha de** páginas da Folha que os leitores certamente vão me enviar.
(CORPUS BRASILEIRO)

Os dados acima não entraram em nossa contagem para a análise colostrucional, pois consideramos apenas aqueles que possuam o artigo indefinido *uma*. Porém, neles, percebemos que a palavra *soterrado* aparece efetivamente escrita, corroborando, assim, para o nosso entendimento.

¹⁷ Dados sem o artigo indefinido *uma* não foram contabilizados para a análise colostrucional, porém fazem parte da análise qualitativa.

Nos exemplos acima, percebe-se o uso dos lexemas *dólares*, *papéis* e *documentos*. Estes lexemas pertencem a duas categorias importantes para nossa pesquisa: FINANCEIRO e FOLHAS – que possuem centralidade nas relações semânticas da microconstrução, como vimos anteriormente – por semelhança a eles, outros itens são recrutados para o seu *slot*. A identificação desses lexemas em contextos em que é evidente a colaboração do nome *montanha* para a construção do sentido da micro confirma que eles são mesmo exemplares fortes, já que por maior coerência semântica, eles devem ter instanciado a construção desde os seus primeiros usos e auxiliado no processo de construcionalização. A força de atração observada na tabela confirma a interpretação de que as categorias são centrais para a definição do sentido perfilado por *uma montanha de N2*.

Os lexemas *papéis* (12.31) e *documentos* (8.72), que vimos nos exemplos (178) e (175), do mesmo modo que *livros* (8.35) (a frente veremos um exemplo) e *mensagens* (5.05) pertencem a categoria FOLHAS, e apresentam umas das maiores forças colostrucionais que encontramos. A combinação da categoria e *montanha* favorece a ideia de amontoadado, como observamos, e, por isso, intensifica a atração entre eles.

Sobre o exemplar *mensagens*, devemos destacar que nem sempre uma mensagem será escrita em um papel, como sabemos. Atualmente, mensagens podem ser enviadas via e-mail ou qualquer outro tipo de meio digital, de forma que, nesses casos, o empilhamento não poderá ser real, embora a noção de pilha continue forte, como vemos no próximo dado:

- (182) <p>: Quem arca com o ônus são os destinatários, que precisam passar por **uma montanha de mensagens** comerciais indesejadas, e os provedores de acesso à Internet, que lidam com 'se spam.o nome dado pela comunidade da Internet ao e-mail não solicitado. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Creemos, portanto, que a análise qualitativa é importantíssima para o não falseamento da interpretação dos dados. Pelos motivos apresentados, concluímos que a maior coerência semântica encontrada em *uma montanha de N2* indica um processo de construcionalização mais recente no PB para essa microconstrução, do que a vista em *um monte de N2*. A sua menor produtividade, já que não há, comparativamente a *monte*, uma alta frequência de tipo e alta frequência de ocorrências – bem como a sua maior transparência, ao avaliarmos os contextos – ratificam esta percepção. Contudo, entendemos que a construcionalização esteja sim em andamento, e a prova disso é a grande quantidade de itens + abstratos e não literalmente empilháveis que possuem alta força colostrucional.

Ao observarmos a tabela, podemos perceber que o item mais atraído para esta microconstrução é o item *dinheiro* (97.85), com maior força colostrucional. Acreditamos que este lexema é o exemplar mais forte da construção, isto é, um item, que por ser frequentemente recrutado por ela, define o sentido da microconstrução. Se pensarmos no nome quantificador *montanha* e no processo de perda de composicionalidade pelo qual as construções passam, é esperado que, em um primeiro momento, as construções recrutem itens que contribuam mais para a coerência semântica com o significado literal do nome quantificador, itens +concretos e +empilháveis, isto é, com características que permitam o seu amontoamento, empilhamento etc. *Dinheiro* é uma palavra que permite essa interpretação e que, possivelmente, foi combinada à microconstrução desde os primeiros usos quantificadores; assim como *ouro*, que é um referente comumente relacionado a *montanha*. *Dinheiro*, *dólares* (15.04), *ouro* (11.40), e *recursos* (9.83) pertencem à categoria FINANCEIRO.

(183) <p>: **Uma montanha de dinheiro** maior que a dívida externa brasileira.
(CORPUS BRASILEIRO)

(184) <p>: Cigarro era escasso e essa si próprios e de lembrar que no tempo do Brasil-Grande, quando o ministro Delfim Netto reinava sobre **uma montanha de ouro**, tiveram o bom senso de não dar passos maiores que as pernas. (CORPUS BRASILEIRO)

(185) <p>: Mas, sozinho, ele não consegue conter a gula dos que se defrontam diariamente com **uma montanha de recursos**¹⁸ públicos «dando sopa».
(CORPUS BRASILEIRO)

Falamos, anteriormente, que os dados mostravam que a microconstrução era menos idiomática. No exemplo acima, temos mais uma evidência deste fato ao identificarmos a palavra *maior* qualificando a *montanha de dinheiro*. Percebemos em nossa análise, que neste construto pode ser construído o sentido de ter muito dinheiro a partir da ideia de acumular muito dinheiro, ou estar coberto por dinheiro, o que também ocorre no exemplo abaixo:

- (186) <p>: Nós temos **uma montanha de dinheiro** no Banco Central, mais de US\$ 70 bilhões (US\$ 71,95 bilhões em maio). (*CORPUS BRASILEIRO*)

Outro exemplar muito forte é *dívidas*, que possui força colostrucional de (18.71). No uso que veremos a seguir, identificamos que da mesma forma que pode se estar coberto por dinheiro, também podemos estar cobertos por *dívidas*, o que se percebe pelo uso da palavra *esmagar* abaixo:

- (187) <p>: A bomba-relógio da previdência Daqui a 15 anos **a montanha de dívida** da previdência vai *esmagar* os mercados de capital RUDIGER DORNBUSCH A previdência social é a grande boca aberta que suga o dinheiro dos governos irresponsáveis. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Como prometemos, a seguir veremos um exemplo de *uma montanha de livros*¹⁹, em que também há a ideia de estar coberto.

- (188) <p>: Na biblioteca, **uma montanha de livros** se movimentava, assustando, ainda, um dos criados inadvertidos -- era Andréia que, no susto, na agonia, acabara por virar uma pesada estante sôbre si mesma e, *coberta* de grossos volumes, tentava livrar-se do problema. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Outro lexema com força colostrucional bem alta é *músculos* (14.98). É interessante perceber que diferentemente do que ocorre com os outros dados – que são construídos com o sentido de grande quantidade, mas a partir das imagens conceptuais evocadas pelo nome *montanha* – *músculos* parece possuir outro tipo de fonte como metáfora. No construto *uma montanha de músculos* há, claro, o entendimento de se ter muitos músculos, mas está presente, também, uma analogia com o tamanho do muque ou de outros músculos serem grandes como uma *montanha*.

- (189) <p>: principalmente aquele boneco Tob, que parecia **uma montanha de músculos** inúteis, pois nem se trocar sozinho ele sabia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

¹⁹ Pertence à categoria FOLHAS.

Fumaux (2018) demonstrou em seu trabalho sobre *monte*, que este NQ preferencialmente se combinava, nas primeiras fases do uso de português, com itens, que possam ser empilháveis ou amontoados, em um formato que remete à forma de um *monte*. Assim, itens fariam uma acomodação semântica com o sentido do nome monte, e se apresentariam empilhados ou aglomerados. De forma análoga, na microconstrução com *montanha*, além dos *clusters* FINANCEIRO e FOLHAS, mais alguns exemplares, como *sucata*, *quinquilharias* e *debritos* – de força colostrucional (11.14), (4.18) e (3.47) são itens + concretos e podem ser entendidos como passíveis de empilhamento ou amontoamento. Nos exemplos abaixo, conseguimos perceber que há, de fato, essa interpretação nos contextos.

(190) <p>: De uma sociedade que deixa apodrecer seus museus, suas bibliotecas e seus monumentos culturais, bem como suas universidades e sua literatura, a fim de gastar dinheiro em automóveis, nada mais há para herdar senão **uma montanha de sucata**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(191) <p>: Ainda sobre memória: quando a delegação da CBF chegou ao Brasil trazendo a Copa do Mundo e mais **uma montanha de quinquilharias** na bagagem de 17 toneladas, fiscais da alfândega do Rio calcularam os impostos devidos (e não pagos no ato) em US\$ 1 milhão. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Embora, *debritos* seja um dado + concreto, como dissemos, em nossos dados observamos um uso mais metafórico, em que o lexema é entendido como coisas ruins:

(192) <p>: E as coisas vão rolando, não como uma bola de neve, mas como **uma montanha de debritos** que rola ladeira abaixo, a sufocar as aspirações nacionais. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Destacamos, agora, lexemas muito próximos. Vejamos alguns exemplos:

(193) <p>: Fazer a lição de casa não seria acabar com a sonegação e **uma montanha de mutretas?** (*CORPUS BRASILEIRO*)

(194) <p>: Urge remover toda **uma montanha de erros**, tendências, vícios e falsas noções, que se acumularam através dos anos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (195) <p>: Aos 13 anos deixei de acreditar, mas acho que já era muito tarde, porque o acúmulo de culpas já era extraordinário. Eu sou **uma montanha de culpas!** (CORPUS BRASILEIRO)

Podemos destacar esses lexemas como exemplos de que o processo de construcionalização de *montanha* está acontecendo, afinal temos aqui dados que não se acomodam, naturalmente, ao sentido do NQ *montanha*, já que não são itens concretos como papel ou dinheiro. Além de a análise colostrucional ter demonstrado que há uma força colostrucional alta. Percebemos, nesses dados, que a microconstrução traz consigo, além do sentido de empilhar e amontoar, o que muitas vezes provoca a sensação de que o falante está por debaixo de certa *montanha*, o perfilamento de acumulação, pessoas que acumularam *mutretas*, *erros* e *culpas* com o passar do tempo. Nos dados acima, podemos perceber esses significados, e no exemplo (195) há, ainda, a presença da palavra acúmulo. A seguir colocaremos mais alguns exemplos que refletem o nosso entendimento

- (196) <p>: Para ele, é preciso que o país dê um salto para a nova economia, mas também que se livre da sua **montanha de dívidas acumulada**. (CORPUS BRASILEIRO)
- (197) <p>: Schroeder se referiu a **uma «montanha de dívida» acumulada** com os gastos com a reunificação e com o sistema de proteção social. (CORPUS BRASILEIRO)
- (198) <p>: Talvez *acumulemos uma montanha de dívidas*, a juros elevadíssimos, que nem o produtor agrícola, nem o pequeno empresário -- industrial ou de que setor seja --, e muito menos o próprio Governo vão poder sustentar, como estamos vendo. (CORPUS BRASILEIRO)

Percebemos que em outros dados também estão presentes a percepção de que está se acumulando um referente, de modo a formar uma *montanha*. Podemos ver abaixo dados com os exemplares *promessas* (5.56), *dados* (5.49), *roupas* (4.85) e *anágua* (4.82), em que percebemos há a semântica de acumulação implícita.

- (199) <p>: O resultado é **uma montanha de promessas** impossíveis de serem cumpridas com honestidade, competência e eficiência. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (200) <p>: Ela abaixou o som de seus CDs do Living Death e, nas últimas 24 horas, reuniu **uma montanha de dados**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (201) <p>: *Formaram* **uma montanha de roupas** e uma delas escrevia os nomes das pessoas a quem dariam essas coisas. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (202) <p>: Lembro que eu 'tava usando um vestido com **uma montanha de anáguas**, o que chamávamos de crinolina, e então, ela decidiu que eu tinha de ser do Sul dos EUA. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Nos dados da microconstrução *uma montanha de N2*, também existem construtos em que só conseguimos observar a noção de grande quantidade, sem que seja tão aparente a atuação do nome quantificador. Alguns deles apareceram entre os itens que são mais atraídos para a micro no *corpus* estudado. Elencaremos, agora, 9 exemplares e suas respectivas forças colostrucionais e abaixo reproduziremos os usos, são eles: *gols* (6.77), *vídeos* (5.47), *flores* (4.65), *leis* (4.06), *bolinhos* (3.92), *figurantes* (3.65), *estereótipos* (3.60), *exibições* (3.50), *tapetes* (3.38) e *consensos* (3.34).

- (203) <p>: E, então, o que se vê é 'se Palmeiras somando nas últimas rodadas **uma montanha de gols**, que sábado atingiu o paroxismo: 6 a 3. resultado que já coloca seu ataque lá no topo da artilharia. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (204) <p>: Encomendamos **uma montanha de vídeos**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (205) <p>: Lisa só pensa em trabalho, até o dia em que recebe **uma montanha de flores** de um desconhecido. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (206) <p>: Não basta ter **uma montanha de leis**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (207) <p>: Nesse Vilarejo, eles tinham uma Cultura, fazer **uma montanha de Bolinhos** de Lua e colocar a Bola que Simboliza, depois de Dada Quebrar (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (208) <p>: Sendo uma superprodução própria da época, com **uma montanha de figurantes** e tal, o diretor Howard Hawks não se preocupa em impressionar pelo uso abusivo de seus meios. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (209) <p>: O expectador se pergunta como **uma montanha de estereótipos** acaba resultando em algo admirável. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (210) <p>: «A Dança dos Vampiros» (Globo, 2h10) fizeram um sucesso louco e já tiveram **uma montanha de exhibições** em TV (sobretudo «A Dança», que já rodou em mais ou menos quase todos os canais). (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (211) <p>: Ele se referia a **uma montanha de tapetes** molhados pela água dos bombeiros em frente à sua loja. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (212) <p>: Nossas mais recentes discussões apontam para **uma montanha de consensos**, embora com alguns percalços pela frente. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Fazer a análise colostrucional de *uma montanha de N2* se mostrou bastante relevante para o entendimento das preferências dessa microconstrução. Na primeira seção, identificamos que boa parte dos itens não eram concretos, logo não seriam dados + empilháveis. Em relação aos itens concretos, entendemos que concomitantemente à ideia de grande quantidade, há uma forte noção de comparação ao formato de uma *montanha*, de modo que os objetos se acumulassem em pilha. Dentre esses lexemas discutidos, destacamos a grande força colostrucional do item *dinheiro*, que obteve a maior força colostrucional. Os lexemas *dinheiro* e *papéis* parecem estabelecer mais relações semânticas entre os dados encontrados, o que nos faz acreditar que estes sejam mais centrais para a definição do sentido da construção, o que pôde ser confirmado a partir da análise de suas forças colostrucionais.

Salientamos, ainda, a alta força de atração de *dívidas*, que é + abstrato e um exemplar muito próximo à categoria FINANCEIRO, o que nos faz postular a força deste elemento importante. Há, aqui, uma relação simbólica com base na analogia entre os sentidos desses

exemplares. Concluímos que esses itens podem indicar uma preferência colocacional da microconstrução por itens que mantenham o sentido de pilha; entretanto, este empilhamento nem sempre será construído de forma real, muitas vezes, o nome *montanha* culminará em uma ideia, na verdade, de amontoamento ou acúmulo virtual, que se intensificará quando o falante se sentir encoberto pelo item a ser quantificado, por exemplo, *estou soterrado em uma montanha de dívidas*. Esta avaliação subjetiva favorece o uso da microconstrução quantificadora com *montanha*.

De fato, nesta subseção, evidenciamos que os sentidos já descritos do nome *montanha* parecem perpassar a maior parte dos dados. Isto nos faz acreditar que o falante perceba mais o nome quantificador nessa microconstrução do que naquela com o *monte*, estabelecendo, assim, uma acomodação maior de sentido entre o NQ e os itens angariados. Podemos ver em muitos dados o uso e variações das palavras *soterrado* e *acúmulo*, tal como *debaixo*. Tavares (2018), como comentamos em outro capítulo, postula que um N1 como *pilha* ou *montanha* privilegia a quantificação de itens que possam ser amontoados uns por cima dos outros, configurando, assim, uma pequena *montanha*.

Vimos, anteriormente, que esta microconstrução possui muitos lexemas com apenas 1 dado, de modo que avaliar aqueles que eram de fato importantes para a microconstrução só foi possível com uma análise colostrucional, já que nela também comparamos as ocorrências do item no *corpus*, sendo assim, dentre todos os exemplares com 1 ocorrência, identificamos aqueles que demonstraram ser realmente mais atraídos para a microconstrução. Além disso, foi possível constatar a importância do exemplar *dinheiro*, já que a diferença entre a sua força colostrucional e a de dívidas se mostrou bem mais relevante do que as diferenças entre as suas frequências.

Estes dados, em alguma medida, se assemelham aos dados de Fumaux (2018), que investigou o processo de construcionalização de “um monte de SN”. Segundo a mesma, nos primeiros séculos observados, os itens se aglomeravam para formar “um monte”, que era, na verdade, um aglomerado de coisas, umas por cima das outras. Posteriormente, itens mais abstratos passaram a ser recrutados para a construção e indicavam uma quantificação. Com a microconstrução com *montanha* conseguimos enxergar a noção de quantidade, entretanto é possível perceber indícios da contribuição do NQ para os sentidos dos dados, o que demonstra uma certa transparência de uma construção ainda recente na língua.

4.3. A microconstrução uma enxurrada de N2

Veamos a seguir a frequência dos itens que instanciam o *slot* desta microconstrução.

4.3.1. A frequência dos itens no *slot* de uma enxurrada de N

Palavras	Frequência no slot da construção
1. <i>Ações</i>	48
2. <i>Dólares</i>	25
3. <i>Processos</i>	14
4. <i>Denúncias</i>	13
5. <i>Pedidos</i>	8
6. <i>Cartas</i>	8
7. <i>Produtos</i>	8
8. <i>Acusações</i>	7
9. <i>Críticas</i>	7
10. <i>Investimentos</i>	7
11. <i>Informações</i>	7
12. <i>Medidas</i>	6
13. <i>Dinheiro</i>	6
14. <i>Recursos</i>	6
15. <i>Notícias</i>	4
16. <i>E-mails</i>	5
17. <i>Reclamações</i>	5
18. <i>Demissões</i>	5
19. <i>Protestos</i>	5
20. <i>Mensagens</i>	5
21. <i>Livros</i>	5
22. <i>Projetos</i>	5
23. <i>Telefonemas</i>	4
24. <i>Importações</i>	4
25. <i>Argumentos</i>	3
26. <i>Gols</i>	3
27. <i>Artigos</i>	3
28. <i>Propostas</i>	3

Palavras	Frequência no slot da construção
29. <i>Contestações (judiciais)</i>	2
30. <i>Vales transporte</i>	2
31. <i>Mandados (de segurança)</i>	2
32. <i>Bugigangas</i>	2
33. <i>Oscar</i>	2
34. <i>Besteiras</i>	2
35. <i>Loiras</i>	2
36. <i>Hippies</i>	2
37. <i>Inaugurações</i>	2
38. <i>Palavrões</i>	2
39. <i>Portarias</i>	2
40. <i>Liminares</i>	2
41. <i>Convites</i>	2
42. <i>Contratações</i>	2
43. <i>Aposentadorias</i>	2
44. <i>Preconceitos</i>	2
45. <i>Novidades</i>	2
46. <i>Demandas</i>	2
47. <i>Publicações</i>	2
48. <i>Empréstimos</i>	2
49. <i>Reações</i>	2
50. <i>Notícias</i>	2
51. <i>Carros</i>	2
52. <i>Decisões</i>	2
53. <i>Números</i>	2
54. <i>Gente</i>	2
55. <i>Estatizações</i>	1

Tabela 5: A frequência dos itens no *slot* de uma enxurrada de N2

No *Corpus* Brasileiro, observamos 227 tipos diferentes de lexemas instanciando o *slot* de *uma montanha de N2*, além disso, também foi possível observar 466 dados de ocorrência da microconstrução no *corpus* analisado. Da mesma forma que fizemos nas seções anteriores, apresentamos, acima, os 55 *types* mais frequentes. Ao analisarmos a tabela, podemos perceber que esta microconstrução possui dados de frequência diferentes do que vimos para as duas microconstruções anteriores. Enquanto a primeira possuía alta frequência de tipos e ocorrências, a segunda, comparativamente, se mostrou menos produtiva. Já *uma enxurrada de N2* não é tão produtiva como *um monte de N2*, mas apresenta mais tipos e mais ocorrências do que *uma montanha de N2*, o que, possivelmente, indica que ela é mais usada pelos falantes do que a segunda microconstrução estudada.

O exemplar que obteve a maior frequência *token* foi *ações*, que apareceu 48 vezes em nossos dados. Também achamos relevante comentar a frequência de *dólares*, que foi encontrado 25 vezes, além de *processos*, do qual encontramos 14 ocorrências. Nosso primeiro olhar para os dados nos trouxe uma desconfiança de os dados eram parecidos, assim, acreditamos que, possivelmente, teríamos categorias semanticamente muito próximas. De fato, conseguimos estabelecer mais ligações simbólicas do que observamos na microconstrução anterior e consideremos três categorias bem próximas: FINANCEIRO, JUSTIÇA e TRABALHO, além dessas, ainda identificamos as categorias CRÍTICAS, ENVIOS e HUMANOS, bem como variados laços de sentido. Em seguida, apresentaremos a rede semântica de *uma montanha de N2*:

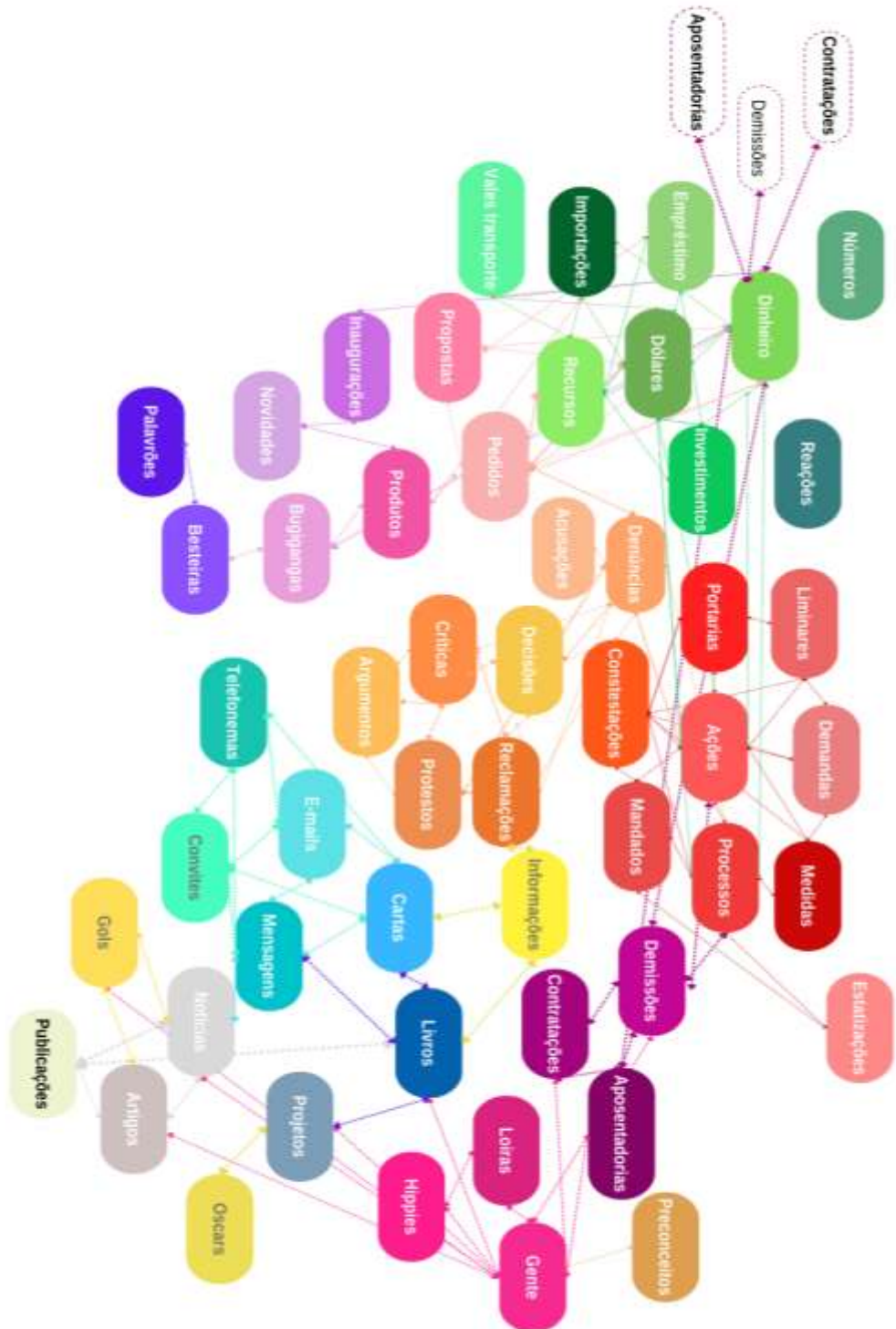


Figura 14: Rede semântica de uma enxurrada de N2

A categoria FINANCEIRO é formada por *dólares* (25), *investimentos* (7), *dinheiro* (6), *recursos* (6) e *empréstimos* (2). Nesta categoria, o exemplar mais reforçado é *dólares*, que é o mais frequente, assim como vimos anteriormente, membros têm em comum o fato de representarem valor, isto é, são entendidos como, literalmente, dinheiro. Podemos perceber que *recursos*, em nossos dados, é usado como sinônimo de dinheiro, enquanto *investimentos* e *empréstimos* são operações realizadas com dinheiro. Entre os membros da categoria são estabelecidas, evidentemente, várias ligações semânticas. A seguir poderemos ver alguns exemplos:

(213) <p>: Rombo em dólares. O jogo de ganhar juros sem iguais no mundo atraiu **uma enxurrada de dólares** especulativos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(214) <p>: Lastro mais do que suficiente para **uma enxurrada de investimentos** alemães na F-1, que, com Frentzen, só deve aumentar. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(215) <p>: **Uma enxurrada de dinheiro** externo promove a maior alta da Bolsa de Seul desde maio de 1995. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(216) <p>: É em janeiro que a Bolsa de Valores de São Paulo poderia receber **uma enxurrada de recursos** externos dos fundos internacionais se as avaliações sobre o futuro do Brasil fossem otimistas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(217) <p>: A essência da crise financeira recente consiste no fato de que, entre 1993 e 1996, os chamados «mercados emergentes» receberam **uma enxurrada de empréstimos** bancários internacionais, sendo que a partir de 1997 esses capitais fugiram dos mesmos mercados emergentes. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Bem perto da categoria FINANCEIRO, encontramos os nomes vales transporte (2) e importações (4). O primeiro é um tipo benefício concedido ao trabalhador que consiste em um vale que contém o dinheiro para a passagem, o que, evidentemente, é um laço simbólico à categoria. O segundo lexema simboliza a ideia da compra de produtos que vem de fora do país, como para comprar é preciso dinheiro, evidencia-se a ligação semântica entre eles.

(218) <p>: As companhias de ônibus de São Paulo registraram nos últimos dias **uma de vales-transporte** falsos circulando na capital. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(219) <p>: Desde então, as tarifas despencaram e houve **uma enxurrada de importações**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Conectado a *importações* e à categoria FINANCEIRO está o referente *produtos* (8). Como dissemos, produtos são *importados* pelo país e são comprados com *dinheiro*, o que justifica a conexão. A partir do lexema algumas ligações semânticas se desenvolverão a seguir como poderemos ver.

(220) <p>: o Brasil vai sentir na pele a Força de George Lucas e seu "Star Wars: Episódio 1 -- A ameaça Fantasma", quando chega ao mercado nacional **uma enxurrada de produtos** inspirados no filme norte-americano. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Perto do exemplar *produtos* estão os exemplares *propostas* (3) e *pedidos* (8), os dois podem ser combinados ao primeiro em alguns contextos. Propostas e pedidos também se aproximam da categoria FINANCEIRO quando envolverem transações que envolvem dinheiro.

(221) <p>: Como resultado, as empresas internacionais interessadas em investir em novos negócios de Internet na América Latina começaram a receber **uma enxurrada de propostas** de jovens empreendedores com projetos ainda frescos de tinta. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(222) <p>: De fato, a emissora se vê às voltas com **uma enxurrada de pedidos** dos vários lobbies, cada um mais legítimo que o outro, disputando carona no enredo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Ao redor de *produtos*, podemos observar os itens *novidades* (2) e *bugigangas* (2). Produtos, claramente, podem ser itens novos e lançamentos, de modo que sejam novidades no mercado. Muitas vezes, também, produtos se revelam bugigangas, isto é, artefatos sem utilidade.

(223) <p>: o café e o neoclássico arribaram juntos, e com eles **uma enxurrada de novidades** que afetaram não só o «saber» local como toda sorte de elementos ligados ao cotidiano do povo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(224) <p>: Nas barracas de camelôs, é possível encontrar **uma enxurrada de bugiangas** piratas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Na rede semântica colocamos, ainda, *inaugurações* (2) perto de novidades, já que aquela se encaixa no sentido desta, por ser algo novo a ser estreado.

(225) <p>: Fermento eleitoral Em 96, o investimento feito pelo então prefeito Maia (de R\$ 1,2 bilhão) resultou em **uma enxurrada de inaugurações**.

Relacionado à ideia de sem utilidade e valor negativo de *bugianga* está *besteiras* (2); já perto deste lexema, observamos *palavrões* (2), que se encaixa no sentido do que é considerado falar besteiras.

(226) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira causaram **uma enxurrada de besteiras** na mídia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(227) <p>: Eles provocaram caos numa convenção do partido Democrata em 1968, escandalizaram o mundo dos certinhos com seus slogans políticos e **uma enxurrada de palavrões**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Comentaremos, agora, a maior categoria e a que consideramos a mais relevante: JUSTIÇA. Ela possui 8 membros, a saber: *ações* (48), *processos* (14), *medidas* (6), *contestações* (2), *mandados* (2), *portarias* (2), *liminares* (2) e *demandas* (2). O exemplar *medidas*, no exemplo (231), foi encontrado em todos os dados sendo modificado por *provisórias*, que são medidas do governo que entram em vigor rapidamente. Já o exemplar *mandados* (exemplo 232) aparece sempre seguido por *de segurança*, que é um instrumento jurídico. Por fim, *demandas*, se referem a demandas *judiciais*. Vejamos primeiro alguns exemplos:

- (228) <p>: A consequência das restrições impostas pela Previdência foi **uma enxurrada de ações** na Justiça, todas reclamando direito adquirido. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (229) <p>: o governo corre o risco de enfrentar **uma enxurrada de processos** na Justiça, advertem advogados trabalhistas. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (230) <p>: A partir daí o servidor foi bombardeado por **uma enxurrada de medidas provisórias** e decretos que, a exemplo das reformas, apenas retiraram seus direitos. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (231) <p>: Por esta via, o governo encontraria dificuldades entre os congressistas para aprovar a legislação e sofreria, segundo Mailson, **uma enxurrada de contestações** judiciais. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (232) <p>: Este ano, o TJ terá de manifestar-se novamente, pois há **uma enxurrada de mandados de segurança** impetrados em todo o Estado de São Paulo que pleiteiam a matrícula na primeira série de crianças que completam 7 anos ao longo de 1998. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (233) <p>: **Uma enxurrada de portarias** com suas respectivas instruções normativas e mais portarias explicativas das próprias portarias. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (234) <p>: Após **uma enxurrada de liminares**, a revista Exame da primeira semana de dezembro de 2005 informa que a maior disputa societária da história do Brasil pode estar finalmente chegando ao fim. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (235) <p>: A política tributária tornou-se de tal forma complexa, confusa e repleta de «efeitos perversos» que, paralelamente a 'se processo, houve **uma enxurrada de demandas judiciais** de empresas alegando bitributação, além do aumento da inadimplência e maiores dificuldades para o fisco controlar as fraudes. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Percebemos muitas ligações entre os membros do *cluster*, pois todos eles são elementos pertencentes ao *frame* de justiça/lei. Uma categoria ampla, como esta, traz a percepção de que a microconstrução vem angariando itens por analogia aos seus exemplares, logo, o exemplar mais forte *ações*, é uma grande referência analógica para que isto ocorra, de maneira que outros itens lexicais que correspondam ao enquadramento da justiça sejam atraídos para *uma enxurrada de N2*, fortalecendo, ainda mais a categoria, podemos observar que *processos* também é um item muito frequente.

Os membros dessa categoria foram considerados mais centrais por estabelecerem mais ligações semânticas com outros exemplares e outras categorias. Desta forma, este grupo se liga a primeira categoria comentada, FINANCEIRO, pois entendemos que recursos financeiros em muitas situações se relacionam com ações e processos do judiciário. Com base nisso, entendemos que a categoria TRABALHO se conecta as duas categorias vistas anteriormente, pois nas relações trabalhistas, evidentemente, está envolvido remuneração, além disso, frequentemente, ações são desenvolvidas na justiça por processos movidos por trabalhadores contra seus empregadores, justificando, assim, as ligações de sentidos entre os agrupamentos. Ela é formada pelos lexemas demissões (5), contratações (2) e aposentadorias (2). É possível perceber que todos os lexemas estão envolvidos no que seria uma relação de trabalho, de modo que eles estabeleçam relações semânticas entre si e sejam, de fato, elementos que sirvam como âncora para o recrutamento de novos itens com sentido afim. Observe os seguintes exemplos:

(236) <p>: Como é difícil acreditar que o presidente da República seja dado ao blefe, a única coisa a esperar para os próximos dias é **uma enxurrada de demissões**.
(CORPUS BRASILEIRO)

(237) <p>: Este aumento substancial, que consiste em mais de 30 milhões de reais por mês na folha de pagamentos, foi decorrente de **uma enxurrada de contratações** para cargos comissionados e de gratificações dadas de forma graciosa a correligionários políticos do Sr. Governador e de seu esquema político.
(CORPUS BRASILEIRO)

(238) <p>: **Uma enxurrada de aposentadorias** e a elevação brusca dos gastos da União com inativos marcaram os três longos anos de tramitação da reforma da Previdência no Congresso. (CORPUS BRASILEIRO)

Abaixo da categoria JUSTIÇA, estão os nomes *denúncias* (13) e *acusações* (7). Entendemos que ambos se relacionam com a categoria, pois esses elementos permeiam o meio judicial em diversos contextos. Além disso, eles também estão conectados, já que seus significados são muito próximos. Como falamos, anteriormente, a força de uma categoria e seus exemplares promove que outros itens com sentidos afins instanciem cada vez mais a microconstrução. Os exemplares que estão sendo discutidos agora são bastante frequentes e se aproximam dos significados de *ações* e *processos*, já que frequentemente denúncias e acusações tornam-se casos judiciais. Adiante apresentaremos os exemplos:

(239) <p>: Derrotados em sua nova Campanha Civilista, os ruístas mantiveram-se inconformados durante todo o ano e lançaram **uma enxurrada de denúncias** de corrupção e malversação de verbas públicas contra o governador Antônio Moniz nas páginas de seus jornais. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(240) <p>: Depois de **uma enxurrada de acusações** de corrupção promovida pelo deputado contra o grupo de Solari, este realizou uma série de mudanças em sua equipe de governo, sendo uma delas a saída de Moncho da Direção. (*CORPUS BRASILEIRO*)

É possível reparar que em ambos os dados se interpreta que houve denúncias de casos de corrupção. *Estatizações* (1) possui ligações com lexemas que integram o grupo, como *processos*, *ações*, *medidas* e *contestações*, pelo fato de estatização ser um processo que permeia o campo judicial.

(241) <p>: Responsável por **uma enxurrada de estatizações**, este regime, como também se sabe, teve nos Estados Unidos um aliado. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Bem perto do *cluster* JUSTIÇA está outra categoria, a qual chamamos de CRÍTICAS; seus lexemas são *críticas* (7), *reclamações* (5) e *protestos* (5). Percebemos os itens como parte de uma mesma categoria porque reclamações e protestos possuem bastantes semelhanças em seu significado, além de entendermos, que ambos são fundamentados por meio de críticas.

(242) <p>: O CFO e a Fifa vêm enfrentado há meses **uma enxurrada de críticas**, que vão da política de distribuição de ingressos ao policiamento excessivo programado, ou mesmo à adequação da venda de canivetes com o logotipo da Copa. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(243) <p>: A Argentina... prevendo o mecanismo de solução de controvérsia investidor-Estado do CIRDI, tem sido alvo de **uma enxurrada de reclamações** no âmbito deste Centro por descumprimento contratual ou expropriação de direitos e propriedades de estrangeiros sem o pagamento de compensação. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(244) <p>: Corte de apelação da Itália, ao revogar uma condenação por estupro, provocando **uma enxurrada de protestos** no mundo inteiro» Eu aqui, a menos que alguém atire em mim ou tente me assassinar. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Decisões (2) e *argumentos* (3) possuem laços de sentido com CRÍTICAS, pois em vários contextos podem estar relacionados, como argumentar para reclamar ou criticar, tal como, decidir para contestar ou criticar, por isso, promovemos *links* entre eles em nossa rede.

(245) <p>: Não há mais motivos para confiar na equipe econômica, tão simpática aos poderosos, como comprovado por **uma enxurrada de decisões** recentes, dissecadas nesta coluna. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(246) <p>: A construção da Hidrelétrica do Cubatão tem contra si **uma enxurrada de argumentos** sérios. (*CORPUS BRASILEIRO*)

O próximo *cluster* a ser comentado é ENVIOS. Ele é formado pelos itens *cartas* (8), *e-mails* (5) e *mensagens* (5). Os participantes do grupo se unem, em nosso entendimento, pelo fato de que todos estabelecem um tipo de comunicação, seja ela escrita por meios físicos ou virtuais. No caso de *mensagens*, compreendemos que nem sempre se trata de algo escrito, muitas vezes se trata de ensinamento, percepção ou opinião a ser passada para as pessoas.

(247) <p>: Mesmo assim, o cientista tem recebido **uma enxurrada de cartas** e telefonemas de pessoas se oferecendo para serem «cobaias» dos testes de um futuro medicamento. (CORPUS BRASILEIRO)

(248) <p>: Desde que foi 'colhida como vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen. considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil. , ela tem recebido **uma enxurrada de e-mails** com elogios, cumprimentos e pedidos de autógrafos. (CORPUS BRASILEIRO)

(249) <p>: Também se registra na principal lista ambientalista venezuelana de veiculação das notícias **uma enxurrada de mensagens** do emissor dos comunicados a partir do Cyber Café em Santa Elena. (CORPUS BRASILEIRO)

Perto do agrupamento ENVIOS estão os itens *informações* (7) e *convites* (2), que são elementos que passam mensagens e, contextualmente, podem também ser transmitidos por meio dos itens que compõem o *cluster*, ou seja, podem ser enviados por *carta*, por exemplo. O exemplar *telefonemas* (4), também é um tipo de comunicação usado para passar mensagens, bem como *cartas* ou *e-mails*. No exemplo 247, o cientista recebeu *cartas* e *telefonemas* de pessoas, a seguir também veremos um exemplo com *telefonemas*, *cartas* e *e-mails*. Assim, entendemos a proximidade dos três exemplares elencados e as categorias.

(250) <p>: Deparamo-nos aqui com **uma enxurrada de informações** contraditórias e conturbadas decisões, pois no exemplar 87/2 temos informado periodicidade semestral. (CORPUS BRASILEIRO)

(251) <p>: Com a proximidade do 30º aniversário da morte do guerrilheiro, um dos líderes do grupo que tomou o poder em Cuba em 1º de janeiro de 1959 e instaurou o regime comunista na ilha, a família recebe **uma enxurrada de convites** para participar de homenagens. (CORPUS BRASILEIRO)

(252) <p>: Recebo **uma enxurrada de telefonemas**, de cartas e de e-mails perguntando sobre a declaração do Presidente da República, que considera a China uma economia de mercado. (CORPUS BRASILEIRO)

Ainda ao redor da categoria ENVIOS, encontramos *livros* (5), *notícias* (4), *artigos* (3) e *publicações* (2). *Livros* se aproxima mais do exemplar *carta* e de *informações*, já que estes exemplares podem fazer parte de livros. Enquanto *notícias*, *artigos* e *publicações* – ligados entre si – se aproximam mais do exemplar *mensagens* e *informações*, justamente por entendermos que os três possuem no *frame* de seu significado passar uma mensagem. Percebemos, ainda, uma ligação entre *publicações* e *livros*.

(253) <p>: O senador do Tennessee que propôs a lei e que adora aparecer recebeu **uma enxurrada de livros** de receitas em tom humorístico e dicas de como melhor realçar o sabor de um cozido de guaxinim. (CORPUS BRASILEIRO)

(254) <p>: Diariamente os jovens e a população em geral recebem **uma enxurrada de notícias**, pelos vários meios de comunicações, divulgando a crise econômica e social que o Brasil atravessa. (CORPUS BRASILEIRO)

(255) <p>: O desempenho da delegação brasileira nos Jogos rendeu **uma enxurrada de artigos** curiosos. (CORPUS BRASILEIRO)

(256) <p>: 4 No final do século houve **uma enxurrada de publicações** póstumas, pois muitos escritores famosos escreveram diários que encontraram um enorme número de leitores interessados nos detalhes sobre suas vidas. (CORPUS BRASILEIRO)

Além disso, interpretamos, também, que *gols* (3) é próximo de notícias e artigos, já que matérias esportivas descrevem as partidas de futebol e os gols.

(257) <p>: Houve **uma enxurrada de gols**: Hungria 8 x 3 Alemanha Ocidental, Inglaterra 4 x 4 Bélgica, Áustria 7 x 5 Suíça. (CORPUS BRASILEIRO)

Projetos (5) é um exemplar que pode ter múltiplas relações, já que muitas coisas partem de um projeto, em nossa rede o colocamos perto de *livros* por acreditar que este pressupõe um projeto de escrita prévio. O lexema *Oscars* (2) está próximo de projetos por ser um prêmio que contempla, de certa forma, melhores projetos, em forma de filmes e documentários.

(258) <p>: **Uma enxurrada de projetos** é aprovada, mas não têm sintonia com os anseios centrais da sociedade. (CORPUS BRASILEIRO)

(259) <p>: E, por fim, ao fazer, em 1992, segundo suas próprias declarações, «o último dos westerns, «Os Imperdoáveis», que lhe valeu **uma enxurrada de Oscars**. (CORPUS BRASILEIRO)

Por fim, entendemos que há uma categoria GENTE, formada pelos lexemas *gente* (2), *loiras* (2) e *hippies* (2), que estão unidos pelo fato de que são humanos. O exemplar *gente* se liga a categoria TRABALHO, a *projetos*, *notícias* e *artigos*. Além disso, há *links* de sentido entre a categoria e o lexema *preconceitos* (2), já que preconceitos são cometidos por seres humanos.

(260) <p>: Então, foi simplesmente **uma enxurrada de gente** que foi para lá. (CORPUS BRASILEIRO)

(261) <p>: Um dia, desapropriaram a «Vila Sésamo» e **uma enxurrada de loiras**, morenas e ruivas com cara de namorada de pai divorciado entrou em cena para vender brinquedos, discos, iogurtes e viagens à Disney. (CORPUS BRASILEIRO)

(262) <p>: Joe Cocker em show histórico Woodstock 69 Local -- Uma fazenda na cidade de Bethel, em Nova York (o festival 'tava programado para a cidade de Woodstock, também no Estado de Nova York, daí o nome, mas seus moradores conseguiram o cancelamento alegando que **uma enxurrada de hippies** destruiria o local)

Para esta microconstrução postulamos que a categoria de maior importância é JUSTIÇA, que se relaciona, de maneira próxima, a outras duas: FINANCEIRO e TRABALHO. JUSTIÇA também estabelece *links* simbólicos com vários outros lexemas, o que contribuiu para nossa interpretação; além de ser a categoria mais ampla, isto é, com mais exemplares com relações de sentido entre si. Entendemos que seus principais exemplares são os lexemas com maior frequência: *ações* e *processos*. A categoria FINANCEIRO também possui um exemplar muito frequente que é *dólares*, que assim como os anteriores,

provavelmente, são responsáveis pelo recrutamento de vários novos itens por analogia aos seus significados. Na próxima seção, procuraremos, então, entender o que a análise da força colostrucional tem a nos dizer sobre a atração dos exemplares, de modo que a partir dela possamos interpretar qual a relevância das categorias percebidas e como exemplares e categorias podem contribuir para o sentido perfilado pela microconstrução *uma enxurrada de N2*.

4.3.2. A análise colostrucional de uma enxurrada de N2

A seguir veremos as forças de atração entre os exemplares e a microconstrução.

Palavras	Frequência no corpus	Frequência na construção	Frequência esperada	Confiança	Força Colostrucional
1. <i>Ações</i> •	219177	48	0.1	0	109.61
2. <i>Dólares</i> •	43365	25	0.02	0	67.69
3. <i>Denúncias</i>	32230	13	0.02	0	33.50
4. <i>Processos</i> •	144240	14	0.07	0	27.38
5. <i>Pedidos</i>	23888	8	0.01	0	20.21
6. <i>Cartas</i> •	27117	8	0.01	0	19.77
7. <i>Acusações</i>	20737	7	0.01	0	17.79
8. <i>E-mails</i> •	3669	5	0	0	15.89
9. <i>Críticas</i> •	49215	7	0.02	0	15.16
10. <i>Reclamações</i> •	9901	5	0	0	13.74
11. <i>Demissões</i> •	10684	5	0.01	0	13.57
12. <i>Investimentos</i>	86297	7	0.04	0	13.46
13. <i>Protestos</i> •	12083	5	0.01	0	13.31
14. <i>Produtos</i>	187956	8	0.09	0	13.07
15. <i>Mensagens</i> •	19417	5	0.01	0	12.28
16. <i>Telefonemas</i>	5060	4	0	0	11.87
17. <i>Informações</i>	238321	7	0.11	0	10.40
18. <i>Medidas</i> •	146993	6	0.07	0	9.84
19. <i>Dinheiro</i> •	166772	6	0.08	0	9.52
20. <i>Livros</i>	83807	5	0.04	0	9.11
21. <i>Importações</i>	27532	4	0.01	0	8.93
22. <i>Notícias</i>	32419	4	0.02	0	8.65
23. <i>Contestações</i> •	164	2	0	0.01	8.53
24. <i>Projetos</i>	134255	5	0.06	0	8.10
25. <i>Mandados</i> •	314	2	0	0.01	7.96
26. <i>Recursos</i> •	323381	6	0.15	0	7.82
27. <i>Besteiras</i>	566	2	0	0	7.45
28. <i>Inaugurações</i>	1156	2	0	0	6.83
29. <i>Portarias</i> •	2782	2	0	0	6.06
30. <i>Liminares</i>	4367	0	0	0	5.67

Tabela 6: A análise colostrucional de uma enxurrada de N2

LEGENDA: categoria JUSTIÇA •
 categoria FINANCEIRO •
 categoria TRABALHO •
 categoria CRÍTICAS •
 categoria ENVIOS •

Na seção anterior, observamos que a microconstrução *uma enxurrada de N2* possui 466 *tokens* e 227 *types*. Nesta seção, assim como foi feito anteriormente, vamos observar as forças colostrucionais obtidas e interpretar como isso pode se relacionar com a imagem conceptual perfilada pela microconstrução que discutiremos aqui, entender, portanto como são construídas as relações simbólicas entre nossos exemplares. Começamos a nossa investigação pensando qual o sentido expresso pelo nome *enxurrada*. Uma enxurrada é uma grande quantidade de água que corre em fluxo, normalmente causada por uma forte chuva, e que, em muitos casos, provoca vários estragos em virtude de tamanha violência. O desafio de análise foi, então, interpretar qual o sentido que uma microconstrução com o nome enxurrada constrói e qual a relação estabelecida entre ela e seus lexemas, o que não é evidente ao olharmos a tabela em um primeiro momento.

Ao interpretarmos os resultados obtidos na análise, é possível perceber que a maior força colostrucional é do exemplar mais forte *ações*, que foi de número 109.61, seguida por *dólares* (67.69) e *processos* (27.38), lexemas que são integrados na rede semântica. Além dos itens *ações*, *dólares* e *processos*, ainda observamos que *medidas* (9.84), *contestações* (8.53), *mandados* (7.96), *portarias* (6.06) e *liminares* (5.67), que representam a categoria JUSTIÇA e *recursos*, *investimentos* e *dinheiro*, da categoria FINANCEIRO, são bastante atraídas para a construção. Após a análise qualitativa dos dados, interpretamos que os sentidos construídos nos dados dos exemplares mais atraídos para o *slot* da microconstrução estabelecem coerência com o nome quantificador *enxurrada* nos contextos encontrados. Vejamos alguns exemplos a seguir:

(263) <p>: A reclamação foi geral e a Telebrás ficou ameaçada de ***sofrer uma enxurrada de ações*** judiciais por parte dos assinantes. (CORPUS BRASILEIRO)

- (264) <p>: Causa e efeitos Depois de levar a CPI do Narcotráfico ao Amapá, o governador João Capiberibe (PSB) passou a *sofrer* **uma enxurrada de processos**, além da ameaça de impeachment. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (265) <p>: Blat *teme* ainda **uma enxurrada de acusações**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (266) <p>: *Temendo* **uma enxurrada de ações** judiciais, que contestariam o princípio de que uma lei não retroage a não ser em benefício do cidadão, o Ministério da Justiça decidiu recomendar que a pontuação só passe a valer agora.

Nos exemplos acima, além dos exemplares *ações*, *processos* e *acusações* – de força colostrucional (17.79) – podemos ver os verbos *sofrer* e *temer*. As ideias construídas nos contextos observados indicam que, nesses casos, a *enxurrada* é interpretada como algo destruidor, que traz consequências muito ruins, por isso acreditamos que a combinação entre os verbos destacados e a microconstrução não é aleatória. No primeiro dado, há, ainda, a presença da palavra *ameaçada*, ou seja, *uma enxurrada de ações* representa uma ameaça nesse contexto. Os dados com *temer* também demonstram a construção do sentido ligado ao medo ou receio. Percebemos, assim, que o NQ está influenciando na forma como entendemos estes lexemas e seria a motivação por trás das escolhas verbais.

Sabemos que uma *enxurrada* causada por uma tempestade pode provocar muitos acontecimentos. Entendemos, então, que “enxurrada” pode perfilar o sentido de causa, isto é, o motivo para algo acontecer. Esse motivo é entendido como agitador o suficiente para provocar uma ou mais situações, o que acomoda os lexemas que instanciam a microconstrução com o sentido do nome quantificador *enxurrada*, mas que nem sempre serão interpretadas como ruins (como vimos nos primeiros exemplos); por isso, a microconstrução em foco, nesta seção, parece perfilar também o sentido de origem de certos “movimentos” ocorridos. A seguir vemos dados em que situações ocorreram devido aos efeitos de *uma enxurrada de* um exemplar, como no caso de importações (8.93):

- (267) <p>: Hoje, o Brasil amarga um «rombo» monstruoso na balança comercial, *por causa* da **enxurrada de importações**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (268) <p>: Desde o processo eleitoral estamos engaiolados *por causa* da **enxurrada de medidas** provisórias editadas pelo Executivo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(269) <p>: No Banco Central, já se prevê uma nova disparada da dívida interna (de R\$ 138 bilhões em abril), *em razão* da **enxurrada de dólares** que chega ao Brasil atraída pelos rendimentos financeiros. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(270) <p>: *Depois* de uma **enxurrada de** acusações de corrupção promovida pelo deputado contra o grupo de Solari, este realizou uma série de mudanças em sua equipe de governo, sendo uma delas a saída de Moncho da Direção. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(271) <p>: O principal motivo são as fortes reservas cambiais, que crescem a cada dia com **a enxurrada de dólares** que entram no país. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Nos exemplos acima, é possível perceber que determinadas situações ocorrem em consequência dos construtos encontrados, expressões como *por causa*, *em razão* e *depois* podem ser vistas nos exemplos.

Em outros contextos, percebemos que a microconstrução não é o motivo, mas sim a consequência de situações ocorridas. Veremos alguns dados abaixo.

(272) <p>: As mudanças na Previdência e as declarações de FHC e do ministro Paulo Renato (Educação) de que haverá maior cobrança de eficiência das universidades federais 'tão provocando **uma enxurrada de pedidos** de aposentadorias de professores. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(273) <p>: A coluna que escrevi sobre o «No Code», último disco do Pearl Jam, provocou **uma enxurrada de cartas**, a maioria escritas por meninas que cultuam Eddie Vedder, cantor da banda. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(274) <p>: O grande mal que a reforma trará para o serviço público essencial não está sendo levado em conta, pois, ao não garantir direitos e não estabelecer regra de transição, além de tornar definitivo o que era transitório da Emenda Constitucional nº 20/98, vai provocar **uma enxurrada de demissões**, desestruturando setores importantes do Judiciário (*CORPUS BRASILEIRO*)

- (275) <p>: Corte de apelação da Itália, ao revogar uma condenação por estupro, provocando **uma enxurrada de protestos** no mundo inteiro» Eu aqui, a menos que alguém atire em mim ou tente me assassinar. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (276) <p>: Segundo Pinheiro Neto, um imposto muito baixo pode *provocar* **uma nova enxurrada de importações**, semelhante à ocorrida em 94. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (277) <p>: Agora, ainda vamos transferir poderes de dentro para fora, provocando **uma enxurrada de projetos** que serão alvo de forte pressão externa e que impedirão que propostas de parlamentares sejam apreciadas em primeiro lugar. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (278) <p>: A combinação desses fatores deverá *provocar* **uma enxurrada de recursos** externos, valorizando mais a taxa de câmbio. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Nos dados anteriores, vimos *pedidos* (20.21), *cartas* (19.77), *demissões* (13.57), *protestos* (13.31), *importações* (8.93), *projetos* (8.10) e *recursos* (7.82) em contextos com o uso da palavra *provocar* e conjugações antes da microconstrução que está em foco. Sendo assim, entendemos que certos fatores podem causar uma *enxurrada* de um nome, de modo que ela agora passe a ser uma consequência, da mesma forma que ela é, literalmente, a consequência de um temporal. Abaixo temos mais alguns exemplos:

- (279) <p>: Evidentemente, as declarações irresponsáveis do Relator *ensejaram* **uma enxurrada de denúncias** anônimas contra o Prefeito. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (280) <p>: O anúncio de que duas novas drogas, angiostatina e endostatinapodem eliminar vários tipos de câncer em ratos sem efeitos colaterais *causou* **uma enxurrada de telefonemas** para o Instituto Nacional do Câncer dos EUA (NCI). (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (281) <p>: Essa discussão *gerou* **uma enxurrada de livros**, dos EUA à Austrália, debatendo um novo modelo de educação masculina, que propõe mais atenção e compreensão com os garotos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(282) <p>: O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, insiste na versão de que o governo pretende manter o poder de compra dos salários, sem ganhos (incompatíveis com qualquer plano de estabilização, na opinião do ministro), mas também sem perdas, até porque estas poderiam *levar* a **uma enxurrada de contestações** judiciais. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(283) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira *causaram* **uma enxurrada de besteiras** na mídia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(284) <p>: Fermento eleitoral Em 96, o investimento feito pelo então prefeito Maia (de R\$ 1,2 bilhão) *resultou* em **uma enxurrada de inaugurações**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Acima, podemos ver os exemplares *denúncias* (33.50), *telefonemas* (11.87), *livros* (9.11), *contestações* (8.53), *besteiras* (7.45) e *inaugurações* (6.83) em períodos com o uso de mais verbos que fomentam a ideia da microconstrução como uma consequência: *ensejaram*, *causou*, *gerou*, *levar*, *causaram* e *resultou*. A seguir podemos ver um dado com a expressão literal “*a consequência de*”.

(285) <p>: A *consequência* das restrições impostas pela Previdência *foi* **uma enxurrada de ações** na Justiça, todas reclamando direito adquirido. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Acreditamos que os sentidos de causa e consequência estão atrelados ao movimento que é típico de uma *enxurrada*, o que muitas vezes ocorre de forma repentina e inesperada. O *construal* de movimento pode ser encontrado em alguns exemplos como veremos a seguir:

(286) <p>: Em suma, **uma enxurrada de investimentos** tem *chegado* ao país. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(287) <p>: E aí, *virá* **uma enxurrada de mandados** de segurança iguais, de cada um dos implicados. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(288) <p>: Qual não foi a surpresa de todos quando **uma enxurrada de portarias** do INAMPS *adentrou* os gabinetes dos gestores públicos em janeiro de 1991. (CORPUS BRASILEIRO)

Nos exemplos, conseguimos ver três verbos que indicam movimento: *chegado*, *virá* e *adentrou*; nos dados há, então, os exemplares *investimentos*, *mandados* e *portarias*, que chegarão em grande quantidade, porém de forma abrupta e indicando uma movimentação, seja na economia, ou na justiça. Abaixo temos mais alguns casos:

(289) <p>: *Entrada* de dólares bate novo recorde. As expectativas de queda na taxa de juros na reunião do Conselho de Política Monetária (Copom) hoje *trouxe* nova **enxurrada de dólares** ao país, ontem. (CORPUS BRASILEIRO)

(290) <p>: Enfim, a **enxurrada de produtos** importados que *invadiu* a corte em poucos anos, as notícias sobre o avanço sistemático de linhas de trem que encurtavam cada vez mais as distâncias entre os vários pontos do globo, e as medidas «modernizadoras» encampadas por D. Pedro, tudo concorria para preconizar um grande futuro para o Império brasileiro. (CORPUS BRASILEIRO)

Nos exemplos anteriores, vemos o substantivo *entrada* e os verbos *trouxe* e *invadiu*, que também demonstram o sentido de movimentação. O exemplar *produtos* teve força colostrucional de (13.07).

O nome *enxurrada*, ligado ao conceito de movimento, traz consigo a ideia de arrastar coisas ou pessoas. Diante do entendimento de que o NQ é uma “ameaça” ou promovedor de situações ruins, observamos dados em que há o sentido de enfrentamento ao perigo, nesses casos, entendemos que há a semântica de situação de risco ou problema. Verveckken e Delbecque (2018) entendem que o NQ (*enxurrada*) pode ser devastador e provocar vítimas, bem como ser utilizado em situações ruins. Em seguida temos alguns dados:

(291) <p>: No momento, os laboratórios ligados à Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica defendem-se de **uma enxurrada de acusações**, que compreendem desde formação de cartel, passam pelo superfaturamento de insumos e pelas falsificações e chegam ao boicote aos medicamentos genéricos. (CORPUS BRASILEIRO)

- (292) <p>: O CFO e a Fifa vêm *enfrentado* há meses **uma enxurrada de críticas**, que vão da política de distribuição de ingressos ao policiamento excessivo programado, ou mesmo à adequação da venda de canivetes com o logotipo da Copa. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (293) <p>: **Uma enxurrada de mensagens** *atacaram* a atitude «ditatorial» do supermoderador. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (294) <p>: O governo centralizou o comando da privatização de Furnas em Rodolpho Tourinho (Minas e Energia) para não ter de *enfrentar* **uma enxurrada de liminares** espalhadas pelo país. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (295) <p>: A Argentina, após ter firmado uma série de acordos bilaterais de investimentos com diversos países na década de 1990, prevendo o mecanismo de solução de controvérsia investidor-Estado do CIRDI, tem sido *alvo* de **uma enxurrada de reclamações** no âmbito deste Centro por descumprimento contratual ou expropriação de direitos e propriedades de estrangeiros sem o pagamento de compensação. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Entendemos que nesses construtos há o significado de se deparar com a *enxurrada*, logo é preciso enfrentá-la. Vemos então o verbo *atacaram* e *enfrentar*, além de, no último dado, percebermos que a *Argentina* é o *alvo* de *uma enxurrada de reclamações*. Além dos exemplares *acusações* e *liminares*, temos, nos exemplos acima, *reclamações* (13.74), *mensagens* (12.28) e *críticas* (15.16). Também percebemos a construção do conceito de movimento em dados com o verbo *receber*. Este verbo indica a ação de transferência, a qual evoca o *frame* de movimento, em nossos construtos é possível enxergar essa conceptualização com os nomes *e-mails* (15.89), *telefonemas* (11.87) e *informações* (10.40).

- (296) <p>: Desde que foi escolhida como vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen. considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil. , ela tem recebido **uma enxurrada de e-mails** com elogios, cumprimentos e pedidos de autógrafos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(297) <p>: A TV inglesa BBC recebeu **uma enxurrada de telefonemas** de pais alarmados, dizendo que Keith, no vídeo de «Firestarter», estava assustando seus filhos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(298) <p>: Luiz Fernando de Francisco d'Ávila (Rio de Janeiro, RJ) Concorrência» Nos últimos tempos todo o povo brasileiro tem recebido **uma enxurrada de informações** e elogios a Curitiba e aos governantes d'as cidade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Finalmente, encontramos certos contextos em que vemos indícios da percepção do falante acerca da liquidez do nome *enxurrada*. A seguir veremos os verbos *afogar*, *despejar*, *arrastado* e *jorrar*, que são pistas de que o falante entende a *enxurrada* como água.

(299) <p>: Na obra em questão, Stoll critica a pedagogia norte-americana pelo endeusamento da Informática e indaga sobre o que seria mais eficiente: *despejar uma enxurrada de informações* sobre os alunos ou desenvolver neles a sensibilidade necessária para poder interpretá-las? (*CORPUS BRASILEIRO*)

(300) <p>: Vargas é arrastado em **uma enxurrada de denúncias** de corrupção e ligações criminosas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(301) <p>: Com esse ou com pretextos semelhantes, o governo *afoga* o Congresso **numa enxurrada de medidas** provisórias. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(302) <p>: 2) a CPI dos Bancos virou CPI do Banco Central, e há quem tente empurrar as investigações cada vez mais para perto do centro do poder; 3) acuado pelos seus aliados e pela **enxurrada de péssimas notícias** que *jorra* da CPI, o governo não consegue se defender, muito menos atacar; 4) se o governo se machuca, o PMDB e o PFL sobrevivem, mas o PSDB corre sérios riscos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Concluimos, então, que a microconstrução *uma enxurrada de N2* se combina preferencialmente com as categorias JUSTIÇA e FINANCEIRO, que tiverem vários

exemplares entre as maiores forças colostrucionais, como vimos. A atração desses itens para a construção vai ao encontro do trabalho de Tavares (2018), que postula que nomes como *enxurrada*, os quais ela entende evocar clima, se combinam mais com nomes (N2) que indicam Ações_políticas, Dinheiro e Texto. A consequência costuma estar relacionada a contextos que envolvem política e mercado financeiro, o que também é coerente com o sentido do NQ, já que a *enxurrada* também é uma consequência de uma tempestade forte. Segundo ela, isto pode ser explicado por ter um *corpus* jornalístico entre os *corpora* analisados.

O mesmo resultado aparece em nossos dados, que também possui um *corpus* jornalístico, porém, esta ideia é refutada neste trabalho por ter sido realizada uma análise colostrucional, que se baseia nas frequências dos itens no *slot* da construção e nos *corpora*, sendo assim, embora um item como *dinheiro* e *ações* seja muito frequente em jornais, a alta força colostrucional não pode explicada por isso, pois a frequência no *slot* da microconstrução é muito maior que a frequência esperada; logo isto afasta a hipótese de que esses itens instanciem ao acaso *uma enxurrada de N2*. Entendemos, ainda, que as outras microconstruções também poderiam ser combinadas com os nomes que preferencialmente apareceram no slot da *enxurrada*, como *ações*, por exemplo, entretanto isto não ocorreu.

Acreditamos, assim, que o corpus jornalístico não é a única explicação. Na verdade, nomes como *ações* e *processos*, ou *dinheiro* e *dólares* favorecem a ideia de *enxurrada*, que possui sentidos que são desdobramentos do conceito de movimento, como, por exemplo, o de causa e consequência, tal como o de enfrentamento à ameaça, por isso observamos tantos exemplos com o verbo provocar ou locuções adverbiais que indiquem causa e consequência. Esses conceitos são conceptualizados em diferentes contextos observados, de modo que promovam uma grande integração e vários *links* simbólicos entre as categorias encontradas. As autoras Verwekken e Delbecque (2018) também já tinham identificado que o NQ *enxurrada* provoca uma reação, ou *uma enxurrada* é provocada por uma causa identificável. Desta forma, os nomes encontrados favorecem a literalidade do nome quantificador na microconstrução e são responsáveis por ajudar na conceptualização da ideia de movimento evocado por ele.

4.4. A microconstrução uma chuva de N2

A seguir apresentaremos a frequência dos itens que instanciam o *slot* desta microconstrução.

4.4.1. A frequência dos itens no *slot* de uma chuva de N2

Palavras	Frequência no slot da construção
1. <i>Críticas</i>	9
2. <i>Pétalas</i>	9
3. <i>Balas</i>	6
4. <i>Papel</i>	6
5. <i>Pedras</i>	5
6. <i>Gols</i>	5
7. <i>Ovos</i>	5
8. <i>Fogos</i>	5
9. <i>Protestos</i>	4
10. <i>Flores</i>	4
11. <i>Liminares</i>	3
12. <i>Ataques</i>	2
13. <i>Flechas</i>	2
14. <i>Farpas</i>	2
15. <i>Elogios</i>	2
16. <i>Moedas</i>	2
17. <i>Objetos</i>	2
18. <i>Cartas</i>	2
19. <i>Denúncias</i>	2
20. <i>Processos</i>	2
21. <i>Bandeiras</i>	2
22. <i>Doações</i>	1
23. <i>Sal grosso</i>	1
24. <i>Purpurina</i>	1
25. <i>Preservativos</i>	1
26. <i>Camisinhas</i>	1
27. <i>Bombas</i>	1
28. <i>Ideias</i>	1

Palavras	Frequência no slot da construção
29. <i>Tijolos</i>	1
30. <i>Cuspes</i>	1
31. <i>Roteiros</i>	1
32. <i>Bordoadas</i>	1
33. <i>Punhaladas</i>	1
34. <i>Bofetadas</i>	1
35. <i>Moedinhas</i>	1
36. <i>Impropérios</i>	1
37. <i>Confete</i>	1
38. <i>Batata frita</i>	1
39. <i>Hambúrgueres</i>	1
40. <i>Tomates</i>	1
41. <i>Nomes</i>	1
42. <i>Escândalos</i>	1
43. <i>E-mails</i>	1
44. <i>Correspondência</i>	1
45. <i>Ilações</i>	1
46. <i>Interferências</i>	1
47. <i>Telefonemas</i>	1
48. <i>Mangas</i>	1
49. <i>Bananas</i>	1
50. <i>Sucessos</i>	1
51. <i>Pensamentos</i>	1
52. <i>Promessas</i>	1
53. <i>Doces</i>	1
54. <i>Habeas Corpus</i>	1
55. <i>Tocos</i>	1

Tabela 7: A frequência dos itens no slot de uma chuva de N2

Coletamos os dados da microconstrução *uma chuva de N2* no *corpus* escolhido. Foram encontrados 143 *tokens* e identificamos 76 *types*. Como nas outras seções, nas tabelas acima, apresentamos os 55 tipos de exemplares mais frequentes. Os *types* mais frequente foram *críticas* e *pétalas*, que apareceram 9 vezes no *corpus*. O número de ocorrências encontradas logo nos chamou a atenção, já que, diferentemente, das outras microconstruções, *uma chuva de N2* possui bem menos dados, além disso, *críticas*, que possui mais ocorrências, também não tem uma frequência muito alta. Esta microconstrução, assim como ocorre com *uma montanha de N2*, não possui tantos dados e muitos daqueles que foram encontrados apareceram apenas 1 vez, porém a microconstrução com *montanha* ainda apresenta mais tipos de exemplares e número de ocorrências do que aquela que está em foco nesta seção.

Nesta microconstrução, assim como nas duas últimas, não percebemos tantas ligações como vimos na primeira, com o NQ *monte*, e as categorias não são tão integradas. Nossa constatação, contudo, não influencia em nossa análise semântica dos dados, pois nosso objetivo aqui é pontuar as relações simbólicas que, possivelmente, existem entre os lexemas; sabendo, entretanto, que elas não se restringem àquelas que estamos propondo. Desta forma, o número de dados em nada prejudica a nossa proposta acerca das categorias dos dados que instanciam a microconstrução. Sendo assim, para *uma chuva de N2* entendemos que existem as seguintes categorias: AGRESSÕES, COMIDA, JUSTIÇA, PEDAÇOS e ENVIOS. Abaixo, poderemos ver a ilustração da rede semântica da microconstrução.

Uma chuva de N2

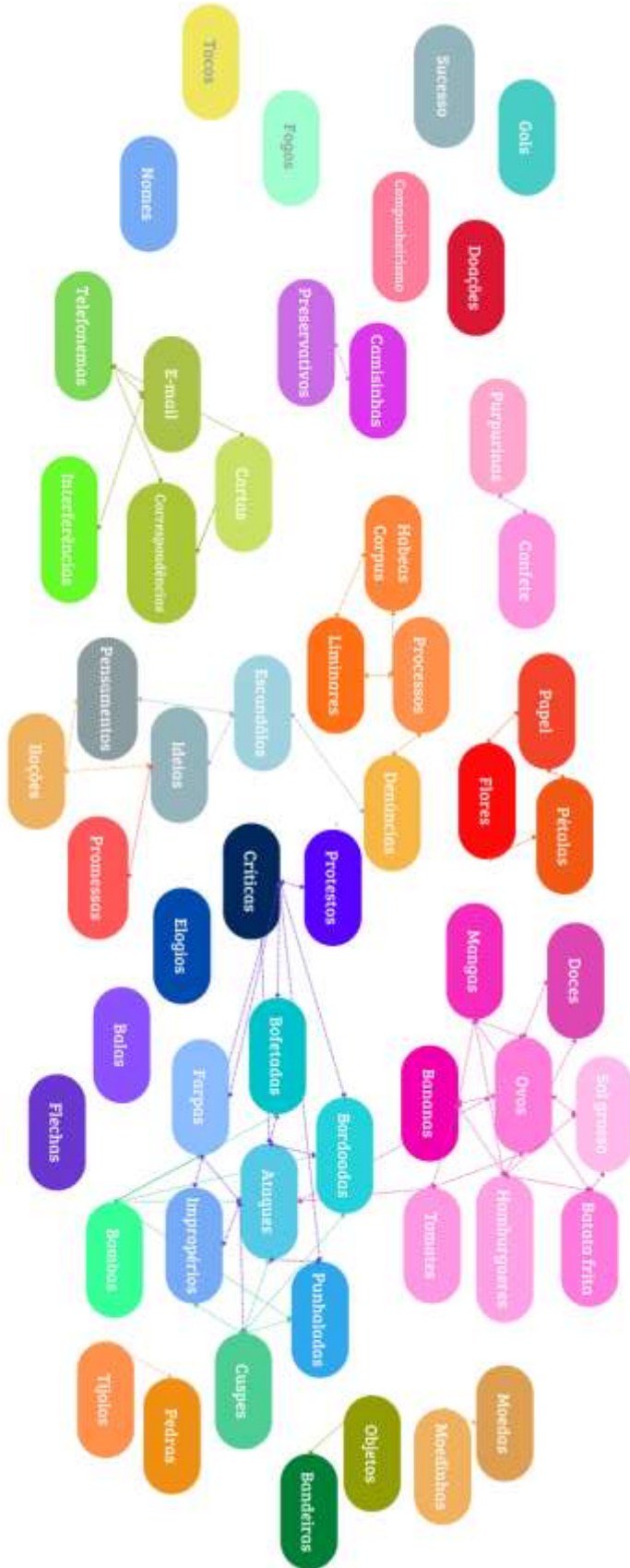


Figura 15: Rede semântica de uma chuva de N2

A primeira categoria que iremos comentar é COMIDA. A categoria é formada pelos lexemas *ovos* (5), *tomates* (1), *batata frita* (1), *hambúrgueres* (1), *sal grosso* (1), *doces* (1), *mangas* (1) e *bananas* (1). A seguir podemos ver alguns exemplos:

(303) <p>: Dias atrás, Esperidião Amin levou **uma chuva de ovos** na região, que é dominada pelo MST. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(304) <p>: Se as ameaças se concretizarem, o ator norte-americano Brad Pitt vai enfrentar nesta segunda-feira **uma chuva de tomates**, ovos e pedras ao som dos bombos das torcidas de La Plata, Argentina. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(305) <p>: E um menino foi agredido por um bando de mauricinhos com **uma chuva de batata frita** Pringle's, quando beijava seu namorado, num canto. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(306) <p>: O Ocidente balançou com a queda das torres, mas a fome do capital reorganizou tudo, os membros mutilados cresceram de volta, **uma chuva de hambúrgueres** pacificou o Islã e se refez a utopia mercantil. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(307) <p>: O Brasil tá precisando de **uma chuva de sal grosso**! (*CORPUS BRASILEIRO*)

(308) <p>: O presidente Mohamad Khatami subia no palanque e era saudado com **uma chuva de doces** e cartas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(309) <p>: Começou a jogar pedras na direção da árvore, mas recebeu de volta **uma chuva de mangas** que os bichos lhe atiraram. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(310) <p>: Toda vez que se aproximava do alambrado que separa os torcedores do campo, o nigeriano, naturalizado polonês Emmanuel Olisabade era recebido por **uma chuva de bananas**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Os membros dessa categoria estão aproximados, semanticamente, porque todos são comidas e, por isso, estabelecem ligações semânticas entre si. No caso de *sal grosso*²⁰, entendemos que é, na verdade, um tempero, todavia, temperos estão presentes nas comidas. Nos exemplos, há em comum o fato de os alimentos terem sido arremessados. Os exemplares *ovos* e *tomates* são mais próximos, pois conseguimos perceber que eles costumam ser usados como uma demonstração de desaprovação. Sendo assim, arremessos de comida podem ser interpretados como um tipo de crítica ou protesto em forma de agressão; por este motivo, na rede, esses elementos estão ligados a categoria AGRESSÕES e a *críticas* e *protestos*. Nos exemplos, alimentos são jogados em outras pessoas a fim de mostrar o descontentamento, ou até racismo, caso do último exemplo.

A próxima categoria que discutiremos é ENVIOS, como já vimos anteriormente, os membros dessa categoria se unem porque transmitem uma mensagem; é possível observar, novamente, os itens *cartas* (2), *e-mails* (1) e, pela primeira vez, *correspondências* (1), que possui significado bastante próximo ao primeiro item.

(311) <p>: O pior é que tal «erro político» deu margem a **uma chuva de cartas** nas quais aparece nitidamente a ética «prêt- à porter» que o país começa perigosamente a adotar. (CORPUS BRASILEIRO)

(312) <p>: **Uma chuva de e-mails** pediu errata na legenda da foto da semana passada: quem acompanhava Lukas Ridgeston era Johan Paulik (que quase veio ao Brasil, diga-se de passagem). (CORPUS BRASILEIRO)

(313) <p>: A morte de Ayrton Senna provocou **uma chuva de correspondências** via computador em escolas de São Paulo que participam de redes internacionais. (CORPUS BRASILEIRO)

Em *links* com a categoria ENVIOS, encontramos os lexemas *interferências* (1) e *telefonemas* (1). *Interferências* se aproxima de ENVIOS, pois, muitas vezes estas são realizadas mediante algum dos meios de comunicação da categoria, como *carta* ou *e-mails*; além disso, em alguma medida, uma interferência é uma forma de passar uma mensagem – assim como fazem os lexemas da categoria – e de ação em prol de uma *ideia* ou *pensamento*,

²⁰ Neste construto podemos discutir se há, de fato, um exemplo de uso quantificador, já que esta pode ser outra construção da língua portuguesa.

o que também o aproxima desses lexemas na rede. *Telefonemas*, assim como os membros da categoria, é um tipo de meio de comunicação, há, neste caso, o mesmo *link* de sentido com o grupo visto na seção anterior. Vemos os exemplos a seguir:

(314) <p>: Na adolescência, brigando contra **uma chuva de interferências**, ouvia as notícias no serviço brasileiro da BBC de Londres, tentava aprender inglês com a «Voz da América» (*CORPUS BRASILEIRO*)

(315) <p>: Além de registrar 13 pontos de audiência com a transmissão da final de Roland Garros, na Rede Manchete, a classificação de Gustavo Kuerten para as semifinais rendeu à Koch Tavares, empresa que detém os direitos do torneio na TV brasileira, **uma chuva de telefonemas** de anunciantes interessados em patrocinar o evento na emissora. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Também vizinhos à categoria ENVIOS, vemos *ideias* (1) e *pensamentos* (1). As ideias fazem parte do pensamento, o que estabelece entre eles uma clara ligação. Os dois estão perto da categoria ENVIOS, porque, em nossa visão, eles são elementos prévios para se começar uma comunicação; por isso os dois exemplares também se conectam à *telefonemas*, assim como à *interferências*, destacado no parágrafo anterior.

(316) <p>: importante que essa anotação seja feita com **uma «chuva de idéias»** sobre como melhorar as cuidado, apontando os pontos mais importantes, situações consideradas prioridade (ao final de cada do debate, explicando por que o grupo atribuiu dimensão, há um espaço para anotar essas idéias). (*CORPUS BRASILEIRO*)

(317) <p>: Hoje, estamos diante de **uma chuva de pensamentos** dispersos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Pode-se observar, também, que os itens *ilações* (1) e *promessas* (1) estão perto de *pensamentos* e *ideias*. Interpretamos desta maneira porque entendemos que estes são pressupostos para que haja os primeiros. São nomes que estão ligados a ações da mente. Vejamos:

(318) <p>: Lula afirmou que respeita a decisão, mas, se fosse ele o presidente, não faria comissão nenhuma, porque a denúncia de Venceslau «é **uma chuva de ilações**». (*CORPUS BRASILEIRO*)

(319) <p>: Na reta final da campanha para a eleição de domingo, os partidos espanhóis despejam **uma chuva de promessas** sobre os eleitores. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Falaremos, agora, sobre a categoria JUSTICA, na qual encontramos *liminares* (3), *processos* (2) e *habeas corpus* (1). Os itens da categoria se relacionam entre si, pois todos estão ligados ao judiciário. Perto desta categoria, ainda, encontramos *denúncias* (2); anteriormente, dissemos que o exemplar, em muitos momentos, se torna *processos*, o que exemplifica a aproximação dos elementos na rede e demonstra como esses elementos podem ser a porta de entrada para outro com sentido relacionado. Em seguida veremos os dados.

(320) <p>: O BNDES está montando um gigantesco esquema para enfrentar **uma chuva de liminares** em várias regiões do país. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(321) <p>: A história rendeu **uma chuva de processos** atingindo a CBS e Welles. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(322) <p>: o processo está impedido de ir a julgamento na primeira instância por **uma chuva de habeas corpus** impetrados pelos advogados dos réus no TRF (Tribunal Regional Federal) do Rio. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(323) <p>: O PSOE, ainda no poder, está acossado por **uma chuva de denúncias** que vão de corrupção até escuta clandestina praticada pelo serviço secreto. (*CORPUS BRASILEIRO*)

No exemplo acima, vemos que há *uma chuva de denúncias*, dentre as quais estão denúncias de corrupção, por isso, o exemplar *escândalos* (1) se relaciona à *denúncias* na rede, pois estas frequentemente se tornam escândalos, principalmente em casos de corrupção.

(324) <p>: Mas, nos quatro meses subsequentes, houve **uma chuva de escândalos** que molhou muito mais a oposição do que o governo, ainda que este esteja sob suspeição no maior deles, a da compra de votos exatamente para aprovar a reeleição. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Encontram-se fora de categorias na rede os itens *críticas* (9), *protestos* (4) e *elogios*. Contudo, esses elementos se ligam a alguns membros das categorias COMIDAS e AGRESSÕES e aos lexemas *objetos* e *bandeiras*. Antes, nesta pesquisa, dissemos que *protestos* está ligado a *críticas*, porque estas são necessárias para fundamentar protestos. Além disso, observamos que *elogios* se liga a *críticas* por uma relação semântica com base na oposição que existe entre os itens.

(325) <p>: A decisão provocou **uma chuva de protestos** e de ações judiciais. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(326) <p>: Os ministros latino-americanos receberam **uma chuva de elogios** de Camdessus, que chegou a dizer, em tom jocoso, que Pedro Malan seria um candidato a receber uma condecoração do FMI se a entidade distribuísse comendas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(327) <p>: Finalmente, na temporada que se encerrou na última segunda-feira, Gil foi campeão sem antes deixar de ouvir **uma chuva de críticas** pela manobra tida como precipitada pouco depois da largada em Surfer's Paradise. (*CORPUS BRASILEIRO*)

AGRESSÕES é o *cluster* que estabelece mais relações na microconstrução, este grupo é primordial para o entendimento das relações estabelecidas. O agrupamento é formado por *ataques* (2), *farpas* (2), *bordoadas* (1), *punhaladas* (1), *bofetadas* (1) e *impropérios* (1). Os itens do grupo possuem em comum o fato de ser algum tipo de ataque, isto é, um tipo de agressão, que pode ser física, como vemos com os exemplares *bofetadas*, *punhaladas* e *bordoadas*, ou com palavras, que é o caso de *farpas* e *impropérios*. As críticas se ligam ao grupo por, em muitos contextos, fundamentarem insultos.

- (328) <p>: Por não transigir de escalar dois -- e não mais -- atacantes, o técnico é vítima de **uma chuva de ataques**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (329) <p>: As filmagens continuaram, mas sob **uma chuva de farpas**, principalmente da parte de Stone, que reclamava da falta de cavalheirismo de Baldwin (e de seu mau hálito). (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (330) <p>: Mas ele e seu amigo, um garoto de sorriso malicioso chamado Johnny Petit, me encontraram após a aula um dia e me acertaram **uma chuva de bordoadas**. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (331) <p>: Marion morre em um chuveiro, alvo de **uma chuva de punhaladas**, no tão sinistro quanto decadente Bates Motel. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (332) <p>: E foi debaixo de **uma chuva de bofetadas** e pontapés que acabou de amarrar a roupa. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (333) <p>: O terceto rebentou de novo e **uma chuva de impropérios** e de maldições caiu sobre mim. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Balas (6) e *flechas* (2) e *bombas* (1) se relacionam com a categoria AGRESSÕES devido aos dois também se configurarem como um tipo de agressão, o que pode ser inferido pelos contextos observados. Pelo mesmo motivo, entendemos que *cuspes* (1) se liga à categoria.

- (334) <p>: Os PMs faziam o patrulhamento de rotina e, ao abordarem um indivíduo suspeito, foram recebidos com **uma chuva de balas** disparadas por traficantes», afirmou. (*CORPUS BRASILEIRO*)
- (335) <p>: Quatro fileiras de zebras se repetem ao infinito, saltando entre **uma chuva de flechas** voadoras. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(336) <p>: O embaixador esteve em Porto Alegre em sigilo, na noite em que se articulou o início do parlamentarismo, com o Palácio Piratini preparando-se para receber **uma chuva de bombas**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(337) <p>: Ela conta que foi atingida por **uma chuva de cuspes** e xingamentos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Nos exemplos acima, é possível perceber diferentes tipos de ataques, o primeiro por projéteis de armas de fogo, no segundo exemplo, há um ataque por flechas e no terceiro são agressões verbais, o que identificamos pelo contexto. Já no último exemplo, consideramos que o ato de cuspir é um tipo de ataque, inclusive, também há a palavra xingamentos, que é uma agressão verbal, logo o contexto total ratifica este pensamento.

Pedras (5) e tijolos (1) se ligam na rede por serem materiais firmes, que servem para construção. Nos exemplos abaixo, perceberemos que há a ação de jogar os materiais, e, além disso, pedras e tijolos (possivelmente restos deles) são usados como formas de agressão realizadas por esse ato de arremessar; por conta disso, também, colocamos os itens próximos ao *cluster* AGRESSÕES.

(338) <p>: **Uma chuva de tijolos**, ladrilhos e foguetes ocorrida na metade do segundo tempo do jogo entre Rosario Central e Boca Juniors, no sábado, provocou o encerramento antecipado da partida, aos 22 minutos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(339) <p>: Um dia, **uma chuva de pedras** e tijolos saudou uma ambulância que levava homens e mulheres doentes encontrados nas ruas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Estabelecemos um *link* entre *objetos* (2) e *bandeiras* (2), apesar de *objetos* ser um item com potencial para estabelecer muitas ligações semânticas, nesta microconstrução, não tivemos muitos lexemas que podem ser entendidos como objetos, como é o caso de bandeiras, portanto só observamos essa ligação. Mais uma vez, temos casos de arremessos de elementos nos contextos observados, como forma de agressão e protesto, e por esse motivo, são mais dois itens com *links* com AGRESSÕES.

(340) <p>: A polícia entrou em campo para proteger o juiz, mas teve de escoltar Pena, que saiu xingado e sob **uma chuva de objetos** arremessados pela torcida. (CORPUS BRASILEIRO)

(341) <p>: Após jogar sob vaias, pedidos por Romário e até **uma chuva de bandeiras** brasileiras, o técnico brasileiro disse que «tava esperando uma reação pior» (CORPUS BRASILEIRO)

A última categoria encontrada é PEDAÇOS, que possui os exemplares *papel* (6), *pétalas* (9) e *flores* (4). A *chuva de papel* ou de *pétalas* são construções que possuem um grau de rotinização de seus elementos maior do que vemos em outros dados. Acreditamos que esses exemplares possuem um processo de lexicalização precedente ao da quantificação. No *corpus*, há uma maior incidência de dados com a adição dos modificadores *picado* após *papel* (uma chuva de papel *picado*) e *de rosas* após *pétalas* (uma chuva de pétalas *de rosas*). Esses dados possuem um significado mais específico, em que até há uma inferência de quantidade, contudo a relação com a metáfora a partir do movimento de cima para baixo inerente à chuva parece ser, de fato, mais expressiva.

Desta forma, *chuva de papel picado* e *chuva de pétalas de rosa* parecem ser construções lexicais que designam um ato de jogar papel ou pétalas, que é comum em certos contextos do cotidiano. Porém, em nossa rede semântica trabalhamos com esses dados, pois acreditamos que eles são relevantes para entendermos certas relações, como por exemplo *chuva de flores*, que não parece ser uma lexicalização, e que, provavelmente, por analogia a *pétalas de rosa* aparece nos dados. Voltaremos a falar sobre isso na seção sobre a análise colostrucional. Abaixo podemos ver alguns exemplos de dados desta categoria:

(342) <p>: Na tarde quente do dia 5 de dezembro de 1928, à hora em que as repartições públicas encerravam o expediente e pouco antes do comércio fechar as portas, a Avenida Rio Branco foi inundada por **uma chuva de papel** picado. (CORPUS BRASILEIRO)

(343) <p>: **Uma chuva de pétalas** de rosa e uma queima de fogos de artifício encerraram, este ano, o casamento de Itu. (CORPUS BRASILEIRO)

(344) <p>: À noite ocorreu o banquete no Clube Montes Claros com a adesão de representantes de todas as classes sociais... o prefeito subiu as escadarias do club sob **uma chuva de flores** atiradas pelas alunas do Ginásio Municipal. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Comentaremos, agora, sobre alguns itens que não consideramos ser uma categoria, mas que possuem certa aproximação, são eles: *purpurina* (1) e *confete* (1). Ambos são elementos coloridos, que são usados, por exemplo, em festas e carnavais, e que possuem em comum o fato de serem partículas pequenas que parecem ter unidade, mas se dividem em várias partes, assemelhando-se, de certa maneira, a pingos de chuva.

(345) <p>: O gran finale veio sob **uma chuva de purpurina**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(346) <p>: O velejador norte-americano Paul Cayard, capitão do barco sueco EF Language, recebe **uma chuva de confete** ao chegar na primeira colocação na 15 (*CORPUS BRASILEIRO*)

Percebemos, ainda, a relação entre os itens *camisinhas* (1) e *preservativos* (1), que nos contextos observados são sinônimos; tal como ocorre com *moedas* (2) e *moedinhas* (1), porém, neste caso, temos a relação de diminutivo. Por este motivo, inegavelmente, há relações entre eles na rede.

(347) <p>: Desfile santista vai ter chuva de camisinhas. O desfile das oito principais escolas de samba de Santos (SP) será acompanhado por **uma chuva de milhares de camisinhas**. Os preservativos serão lançados sobre o público por meio de rojões. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(348) <p>: No fim, Jô perguntou ao auditório quantas pessoas tinham camisinha na carteira e fez **uma «chuva de preservativos»**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Não podemos deixar de comentar sobre os itens que parecem não ter tido relações entre os elementos observados, que são *gols* (5), *doações* (1), *sucessos* (1), *fogos* (5), *roteiros* (1), *tocos* (1) e *nomes* (1). Todavia, como já comentamos, as relações aqui somente dão conta

dos 55 types mais frequentes encontrados no *corpus* analisado, não excluindo, assim, as relações semânticas que os exemplares certamente possuem em nosso constructicon.

(349) <p>: Se o Serginho colocar hoje o Santos lá no ataque, poderemos ter novamente **uma chuva de gols** na cidade. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(350) <p>: **Uma chuva de doações** de 70 mil fiéis permitiu que a organização readmitisse 270 funcionários em abril último.

(351) <p>: O repertório foi gravado em São Francisco no ano passado e traz **uma chuva de sucessos** que transformam o disco numa 'pécie de «greatest hits» ao vivo, com uma faixa inédita, \ «Man Overboard. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(352) <p>: Em troca, ele ensina a Bill como acabar com seus inimigos, e até deixa que ele faça um belo discurso de saída em sua festa de aniversário, antes de conduzi-lo, em meio a **uma chuva de fogos** de artifício. tudo por um grande final para um mundo que, francamente, não pode ser melhor do qual ele se despede. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(353) <p>: Em tempo espaço hollywoodianos, o que aconteceu foi **uma chuva de roteiros** sobre o tema quando, em 1997, a Pathfinder pousou por lá. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(354) <p>: Na defesa, intimidaram o oponente com **uma chuva de tocos** (bloqueios), 5,2 por jogo, 24 % a mais do que um time inteiro consegue em média por partida (4,2). (*CORPUS BRASILEIRO*)

(355) <p>: Houve **uma chuva de nomes** de técnicos oferecidos por empresários. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Esta análise nos revelou que a categoria AGRESSÕES se mostrou bem forte na rede, pois além de se seus membros indicarem violências verbais e físicas, vários outros elementos que se ligaram a categoria também se configuraram como um tipo de ataque. Em boa parte dos dados, identificamos que houve arremessos de elementos, o que se configura como um

ataque, isto é, uma agressão que ocorre por conta de um descontentamento e também por conta de *críticas* ou *protestos*. É bom frisar que, embora, *críticas* não sejam ataques, muitas vezes elas podem gerá-los, assim como podem também causar *protestos*. Desta forma, este exemplar, que é muito frequente, tem seu sentido associado à categoria e, com base na sua frequência, pode ter sido fonte para a analogia e os recrutamentos desses exemplares. Na próxima seção, vamos procurar investigar se, nessas relações, realmente existe força de atração para a microconstrução para assim entendermos quais as preferências colocacionais de *uma chuva de N2*.

4.2.1. A análise colostrucional de uma chuva de N2

A seguir veremos as forças de atração entre os exemplares e a microconstrução.

Palavras	Frequência no corpus	Frequência na construção	Frequência esperada	Confiança	Força Colostrucional
1. <i>Criticas</i>	49215	9	0.01	0	25.4
2. <i>Balas</i>	6649	6	0	0	21.27
3. <i>Fogos</i>	1566	5	0	0	20.55
4. <i>Pedras</i>	12768	5	0	0	16
5. <i>Ovos •</i>	25205	5	0	0	14.52
6. <i>Gols</i>	46627	5	0.01	0	13.18
7. <i>Protestos</i>	12083	4	0	0	12.6
8. <i>Liminares •</i>	4367	3	0	0	10.52
9. <i>Purpurina</i>	357	2	0	0	8.97
10. <i>Farpas •</i>	840	2	0	0	8.22
11. <i>Flechas</i>	1415	2	0	0	7.77
12. <i>Elogios</i>	7459	2	0	0	6.32
13. <i>Bandeiras</i>	8466	2	0	0	6.21
14. <i>Moedas</i>	10509	2	0	0	6.03
15. <i>Cuspes</i>	16	1	0	0.06	5.68
16. <i>Groselhas</i>	34	1	0	0.03	5.35
17. <i>Ataques •</i>	23088	2	0	0	5.34
18. <i>Cartas •</i>	27117	2	0	0	5.2
19. <i>Denúncias</i>	32230	2	0	0	5.05
20. <i>Bordoadas •</i>	88	1	0	0.01	4.94
21. <i>Punhaladas •</i>	88	1	0	0.01	4.94
22. <i>Bofetadas •</i>	99	1	0	0.01	4.89
23. <i>Moedinhas</i>	110	1	0	0.01	4.84
24. <i>Impropérios •</i>	199	1	0	0.01	4.58
25. <i>Objetos</i>	56499	2	0.01	0	4.57
26. <i>Sal grosso •</i>	242	1	0	0	4.5
27. <i>Confete</i>	261	1	0	0.02	4.47
28. <i>Tocos</i>	335	1	0	0.01	4.36
29. <i>Bombas</i>	356	1	0	0.01	4.37
30. <i>Batata frita</i>	375	1	0	0.01	4.31

Tabela 8: A análise colostrucional de uma chuva de N2

LEGENDA: categoria AGRESSÕES •

categoria COMIDA •

categoria JUSTIÇA •

categoria ENVIOS •

Como já foi dito, no *Corpus Brasileiro*, foram encontradas 143 ocorrências de *uma chuva de N2*, dentre as quais identificamos 76 types. Salientamos que o único dado que não apareceu na primeira seção foi *groselhas*, pois embora o item tenha aparecido apenas 1 vez instanciando a microconstrução, ele apareceu menos no *corpus* gerando, assim, uma força colostrucional maior. Na primeira seção, falamos sobre as construções *uma chuva de papel* e *uma chuva de pétalas*. Entendemos que, na língua, estão disponíveis lexicalizações como *chuva de papel*, *chuva de papel picado*, *chuva de pétalas* e *chuva de pétalas de rosas*²¹ e por isso, decidimos não aproveitar esses dados para a nossa análise colostrucional, por entendermos que esses não são dados quantificadores. Um exemplo disso é que durante um tempo foi possível comercializar chuvas de pétalas de rosa, contratava-se o serviço de helicópteros para fazer a *chuva*.

Mesmo que haja uma inferência de quantidade presente nos casos discutidos, o nome *chuva* não atua como um nome quantificador, mas, somente, como base para a metáfora do movimento descendente que pétalas e papéis fazem durante o momento da queda. Nesses dados, há o entendimento dos falantes de que as pétalas ou papéis caem do alto como uma *chuva*, pois possuem verticalidade. Nos outros dados, embora o nome *chuva* – assim como os outros nomes quantificadores – se “acomode” com os sentidos de suas instanciações para perfilar o sentido da construção, não há contextos em que se interpretem uma ideia de *chuva* mais literal. Nós veremos a seguir que nos exemplos existe o sentido de estar sob algum lexema, ser atingido por ele, mas não podemos dizer que temos, por exemplo, uma *chuva* composta de *cuspes*, ou *críticas*, como veremos adiante.

O exemplar *críticas* obteve a maior força colostrucional (25.40) e se mostrou o item mais atraído para a microconstrução. O segundo lexema mais atraído foi *balas* (21.27). É interessante perceber que os exemplares mais atraídos para a microconstrução indicaram em seus contextos que as pessoas estão por baixo de uma “chuva”, não literal, dos lexemas. Podemos ver alguns exemplos a seguir:

²¹ Em nossa análise colostrucional, não consideramos uma chuva de papel, uma chuva de pétalas e uma chuva de flores.

(356) <p>: Bastou a seleção pré-olímpica perder para o México e **uma chuva de críticas** *desabou* sobre as cabeças de Zagallo e seus garotos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(357) <p>: A qualquer movimento caía sobre nós **uma chuva de balas**», disse Rhame. (*CORPUS BRASILEIRO*)

No primeiro exemplo, a palavra *desabou* indica que quando há *uma chuva de críticas* sobre alguém é como se a pessoa estivesse sendo coberta e ficasse imersa por ela. No caso das balas, entendemos que a trajetória de projéteis é de cima para baixo muitas vezes, o que explica por que as pessoas se sentem embaixo delas. Podemos ver mais casos a seguir:

(358) <p>: **Uma chuva de farpas** *caiu* nas últimas semanas *sobre* a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), que reúne 80 associações e é a mais importante organização do gênero no país. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(359) <p>: Em outubro do ano passado, *sob* **uma chuva de denúncias** de irregularidades, foi afastado do cargo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(360) <p>: E foi *debaixo* de **uma chuva de bofetadas** e pontapés que acabou de amarrar a roupa. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(361) <p>: O terceto rebentou de novo e **uma chuva de impropérios** e de maldições *caiu* sobre mim. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Semelhante ao que vimos com *críticas*, os contextos de *farpas* (8.22), *denúncias* (5.05), *bofetadas* (4.89) e *impropérios* (4.58) também demonstraram o sentido de estar por baixo da *chuva*. No exemplo com *farpas*, temos a expressão *caiu sobre*, portanto a ABGLT, neste caso, foi imersa pela *chuva de farpas*. No segundo, o item *sob* sugere que alguém está submerso de *denúncias*. No contexto de *bofetadas*, entendemos que devido à quantidade de tapas, ocorre a interpretação de que a pessoa foi coberta por eles. Já a *chuva de impropérios* *caiu* sobre o falante.

Abaixo, temos um exemplo de *ataques* (5.34) feitos pelo alto; de fato, neste contexto, os alvos estão, literalmente, embaixo dos ataques, porém, neste dado temos o sentido de grande quantidade.

(362) <p>: O país não tinha fortes aliados e, no ano de 1940, enfrentou a ameaça da invasão alemã sob **uma chuva de ataques** aéreos. (CORPUS BRASILEIRO)

De acordo com o exemplo acima e outros construtos encontrados, postulamos, então, que nos contextos dos dados existe a semântica de um referente ser interpretado como um alvo da microconstrução *uma chuva de N2*. Isto nos leva a pensar sobre o sentido do nome quantificador *chuva*. Em nosso país, frequentemente, somos atingidos por fortes chuvas que causam bastantes estragos e, inegavelmente, em muitos momentos, nós somos vítimas delas. Além disso, ainda há a questão do movimento, já que de cima para baixo, a *chuva* acerta os alvos que estão abaixo dela. Brodbeck (2010) fala que o domínio-alvo da metáfora da quantificação com o nome *chuva* é quantidade massiva de entidades que se deslocam em direção a um alvo. Desta forma, podemos ver a seguir exemplos que expressam por meio de itens lexicais este entendimento.

(363) <p>: Mas ele e seu amigo, um garoto de sorriso malicioso chamado Johnny Petit, me encontraram após a aula um dia e me *acertaram* **uma chuva de bordoadas**. (CORPUS BRASILEIRO)

(364) <p>: Marion morre em um chuveiro, *alvo* de **uma chuva de punhaladas**, no tão sinistro quanto decadente Bates Motel. (CORPUS BRASILEIRO)

(365) <p>: Ela conta que foi atingida por **uma chuva de cuspes** e xingamentos. (CORPUS BRASILEIRO)

Acima, podem-se ver as palavras *alvo*, *acertaram* e *atingida* que corroboram para a visão de que os referentes são vítimas da microconstrução com *chuva*; nos exemplos, vimos que *bordoadas* (4.94), *punhaladas* (4.94) e *cuspes* (5.68) acertaram os alvos. Evidenciou-se, assim, que os exemplares da categoria AGRESSÕES e aqueles que estabelecem relações com o grupo favorecem o sentido de um referente estar debaixo e ser atingido por uma *chuva* de um nome. Outros lexemas também têm seus sentidos construídos com a ideia de que estão

embaixo de uma *chuva* de algum exemplar. A seguir podemos ver os exemplos de *purpurina* (8.97), *cartas* (5.20), e *moedinhas* (4.84). Vemos nos dados o uso de *despenca* e *sob* para falar de uma *chuva de cartas, purpurina e moedinhas*.

(366) <p>: Nada disso, trata-se de **uma chuva de cartas** que *despenca* sobre este colunista. (CORPUS BRASILEIRO)

(367) <p>: O gran finale veio *sob* **uma chuva de purpurina**. (CORPUS BRASILEIRO)

(368) <p>: Ele vai acabar tocando acordeom na rua do Ouvidor, pedindo esmola, *sob* **uma chuva de moedinhas** do Real. (CORPUS BRASILEIRO)

A fonte do processo de metáfora que dá origem a microconstrução com *chuva* está na experiência da *chuva* estar acima de nossas cabeças, é possível interpretar isto em tipos diferentes de dados, como podemos ver no construto selecionado a seguir, em que se entende que os *fogos* (20.55) explodem acima do *porto*.

(369) <p>: Contra o céu escuro e chuvoso, **uma chuva de fogos** artificiais sobre o porto de Copenhague marcou ontem às 19h15 (15h15 em Brasília) a abertura do Fórum-95. (CORPUS BRASILEIRO)

A seguir falaremos sobre os exemplares *pedras* (16.00), *ovos* (14.52), *bandeiras* (6.21), *groselhas* (5.35), *objetos* (4.57) e *batata frita* (4.31), que também foram atraídos para a construção. Antes, porém, vejamos os exemplos:

(370) <p>: *Sob* **uma chuva de pedras atiradas** por palestinos, a polícia de Israel começou ontem a deixar Jericó. (CORPUS BRASILEIRO)

(371) <p>: Ontem, Asprilla completou 30 anos e foi surpreendido com **uma chuva de ovos** e farinha pelos colegas. (CORPUS BRASILEIRO)

(372) <p>: No seu reencontro com a torcida de São Paulo após quase sete anos, a seleção brasileira deixou o Morumbi ontem à noite vaiada e *sob* **uma chuva de**

bandeiras do país, mesmo tendo derrotado o Equador por 3 a 2, de virada, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(373) <p>: A entrada dos soldados franceses em cena foi saudada com **uma chuva de groselhas** no palco, *atiradas* por vendedores em roupas da era elisabetana «infiltrados» na platéia de vestidos longos e fraques. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(374) <p>: A banda entrou no palco *debaixo* de algumas vaias e **uma chuva de objetos** variados. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(375) <p>: E um menino foi *agredido* por um bando de mauricinhos com **uma chuva de batata frita** Pringle's, quando beijava seu namorado, num canto. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Percebemos que, nos contextos encontrados, esses dados são arremessados, e o seu movimento descendente se acomoda, perfeitamente, ao sentido de *chuva*. Duas coisas permaneceram nestes exemplos: o sentido de ser coberto pela *chuva* (vemos palavras como *sob* e *debaixo*, o que indica que o sentido discutido acima permanece) e a *chuva* representar uma agressão. Logo, se forem avaliados como uma grande quantidade, nomes que podem ser jogados e servir como forma de agredir ou de acertar poderão ser quantificados por *uma chuva de N2*.

Ao investigarmos os dados, percebemos que esta microconstrução, da mesma forma que ocorre com *enxurrada*, pode ser entendida como uma consequência, de modo que algo a tenha provocado, por exemplo, *protestos* (12.60) ou *gols* (13.18)

(376) <p>: A decisão da Telebrás de pagar em dinheiro e não em ações *provocou* **uma chuva de protestos** e de ações judiciais contra a Telebrás e suas subsidiárias. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(377) <p>: Tá bom: foi um espetáculo interessante, um jogo disputado «ma non troppo», o que acabou *provocando* **uma chuva de gols**. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Além deste sentido, de forma análoga a microconstrução anterior, uma *chuva* também é uma ameaça, e por isso, também percebemos que *uma chuva de N2* precisa ser enfrentada em certas situações. O exemplar *liminares* teve força colostrucional de (10.52)

(378) <p>: O BNDES está montando um gigantesco esquema para *enfrentar **uma chuva de liminares*** em várias regiões do país. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Outra semelhança entre as microconstruções com *enxurrada* e *chuva* é que esta também possui em seus contextos o verbo *receber*, que possui em seu *frame* a ideia de movimento inerente à ação de transferência, no entanto, no caso de *chuva*, o movimento é construído a partir da ideia do movimento de cima para baixo. A seguir podemos ver alguns exemplos:

(379) <p>: Os ministros latino-americanos *receberam **uma chuva de elogios*** de Camdessus, que chegou a dizer, em tom jocoso, que Pedro Malan seria um candidato a receber uma condecoração do FMI se a entidade distribuísse comendas. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(380) <p>: O treinador foi *recebido com **uma chuva de moedas*** quando entrava em campo na partida em que seu time foi derrotado por 2 a 1. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(381) <p>: O embaixador esteve em Porto Alegre em sigilo, na noite em que se articulou o início do parlamentarismo, com o Palácio Piratini preparando-se para *receber **uma chuva de bombas***. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(382) <p>: O velejador norte-americano Paul Cayard, capitão do barco sueco EF Language, *recebe **uma chuva de confete*** ao chegar na primeira colocação na 15. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Acima podemos ver os exemplares *elogios* (6.32), *moedas* (6.03), *bombas* (4.33) e *confete* (4.47).

Os itens *sal* (4.50), *tocos* (4.36) e *ilações* (4.20) são dados quantificadores da microconstrução em que não percebemos pistas textuais sobre como o NQ influencia na

imagem conceptual do construto, contudo, entendemos que *chuva*, implicitamente, perfila o sentido construído na construção quantificadora. Na seção anterior vimos os únicos dados encontrados de cada um.

Nesta microconstrução tivemos poucos dados e as frequências se mostraram bem parecidas, com isso postular quais exemplares eram mais importantes se tornou mais desafiador. A análise colostrucional confirmou que o exemplar *críticas* é o exemplar mais atraído para a microconstrução. Entendemos que o lexema deve colaborar bastante para o sentido da microconstrução, pois *críticas* são entendidas com ações diretamente direcionadas a um alvo, logo esse sentido proporciona a entrada de diversos lexemas que também podem atingir um alvo, como observamos com as comidas, que são arremessadas. Além disso, entendemos que ataques físicas ou verbais também alcançam alvos em potencial, ou seja, agressões atingem suas vítimas. Desta forma, entendemos que esta microconstrução é usada para contextos em que existem “vítimas”, literalmente ou não, que são vistas como alvos. A microconstrução constrói um sentido, em boa parte dos contextos, de ser algo, potencialmente, ruim, como um agressor.

Percebemos que devido ao fato de a *chuva* ter um movimento de cima para baixo há nos dados o sentido de estar debaixo da *chuva* de algum nome, com isso entendemos que os contextos indicam que existe a sensação de inundação, ficar submerso, por exemplo, por *uma chuva de críticas*. Este exemplar favoreceu as ligações simbólicas com os exemplares da categoria AGRESSÕES, bem como, aqueles que com ele mantêm relação por analogia ao seu sentido. Entretanto, não só esses elementos indicaram esse sentido, como vimos, por exemplo, com *cartas*. Além disso, como já era indicado na primeira seção, muitos dados “formaram” uma *chuva* porque foram arremessados, o que indica que a trajetória de movimento para baixo é mesmo o sentido mais forte construído pela microconstrução. Todavia, este movimento é diferente daquele construído com *enxurrada*, já que neste a verticalidade não está presente.

4.5. Os sentidos perfilados pelas microconstruções

Nesta última seção, temos como objetivo discutir um pouco mais sobre o sentido de cada microconstrução e fazer uma análise comparativa dos exemplares que estiveram entre as maiores forças colostrucionais das microconstruções a fim de investigar as possíveis semelhanças e diferenças que podem existir na construção de seus contextos. Comparando as tabelas de força colostrucional, encontramos 12 exemplares que se repetem entre as forças

colostrucionais nas microconstrução estudadas, a saber: *dinheiro*, *dólares*, *recursos*, *livros*, *gols*, *mensagens*, *besteiras*, *denúncias*, *protestos*, *cartas*, *críticas* e *liminares*. Apresentaremos a seguir a tabela com esses exemplares e demonstraremos para quais microconstruções eles foram atraídos.

Palavras	Um monte de N2	Uma montanha de N2	Uma enxurrada de N2	Uma chuva de N2
1. <i>Dinheiro</i>	x	x	x	
2. <i>Dólares</i>		x	x	
3. <i>Recursos</i>		x	x	
4. <i>Livros</i>	x		x	
5. <i>Gols</i>		x		x
6. <i>Mensagens</i>		x	x	
7. <i>Besteiras</i>	x		x	
8. <i>Denúncias</i>			x	x
9. <i>Protestos</i>			x	x
10. <i>Cartas</i>			x	x
11. <i>Críticas</i>			x	x
12. <i>Liminares</i>			x	x

Tabela 9: Exemplares em comum entre as microconstruções

Ao olharmos a tabela, percebemos que a microconstrução *um monte de N2* é aquela que menos teve exemplares repetidos. Como vimos na primeira seção, esta microconstrução é bastante ampla em sua cobertura, porém evidenciou-se que uma de suas preferências é quantificar pessoas. Podemos perceber que referentes humanos não foram frequentes nas outras microconstruções, nem apareceram entre as maiores forças colostrucionais, o que atribuímos ao fato de a preferência de *um monte de N2* pela quantificação de indivíduos restringir o surgimento dessa categoria em outras microconstruções quantificadoras, o que é um argumento para o entendimento de que elas não ocupam os mesmos contextos na língua.

Um monte de N2 também demonstrou ter em seus sentidos uma nuance negativa, no sentido de que a grande quantidade de um exemplar é vista como algo ruim ou exagero, o que muito provavelmente se relaciona com o fato dela ter uma categoria AVALIAÇÃO NEGATIVA, que quantifica muito referentes que indicam coisas vistas como ruins, como

besteiras, bobagens, asneiras etc. Também podemos perceber que não houve nas microconstruções com *montanha*, *enxurrada* e *chuva* uma categoria que representasse lexemas com esta avaliação negativa, como vimos acontecer naquela com o *monte*. Nos dados percebemos somente *besteiras* entre as maiores forças colostrucionais instanciando a construção com *enxurrada*. Contudo as construções de sentido são diferentes, veja abaixo:

(383) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira causaram **uma enxurrada de besteiras** na mídia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(384) <p>: Segundo Paupério, o caso «tá nas manchetes» até hoje porque integrantes do governo federal foram à imprensa «dizer **um monte de besteiras**» contra os rapazes, com o intuito de desviar a opinião pública da marcha dos sem-terra, que chegava a Brasília naquele dia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Enquanto no primeiro exemplo, além da quantificação existe o sentido perfilado de movimentação e a ideia de consequência que causa a chegada de muitas *besteiras* na mídia. No segundo, o tom se torna mais crítico e avaliação ruim sobre o fato é o mais evidente. O nome *monte* contribui menos para o sentido dos dados. Os contextos nos permitiram interpretar que nos dados de *enxurrada* os sentidos de causa e consequência pela movimentação são bastantes presentes. Abaixo vemos que *uma enxurrada de livros* foi gerada pela discussão, enquanto no exemplo com *monte* há um toque de crítica pela compra dos livros de candomblé. Vejamos os dados:

(385) <p>: Essa discussão gerou **uma enxurrada de livros**, dos EUA à Austrália, debatendo um novo modelo de educação masculina, que propõe mais atenção e compreensão com os garotos. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(386) <p>: Muitos dizem que se deixarmos a escolha com as bibliotecárias da Bahia, por exemplo, elas iriam comprar **um monte de livros** de candomblé. (*CORPUS BRASILEIRO*)

A microconstrução com *enxurrada* produz em seus dados o conceito de movimento que é inerente ao nome *enxurrada* e que, em muitos casos, estão ligados aos efeitos de causa e consequência gerados por ela. Desta forma, ela selecionou elementos que favoreçam esta

interpretação, como nomes ligados a dinheiro e justiça, em que estão presentes estas ideias (por exemplo, a entrada e saída de capital, ou as consequências e causas de uma ação judicial). A maior parte dos lexemas de JUSTIÇA não apareceram dentre as maiores forças colostrucionais de outras microconstruções, exceto por *liminares* que também apareceu com *chuva*. Alguns lexemas com semântica próxima ao da categoria JUSTIÇA, como *denúncias* e *processos* também apareceram na microconstrução com *chuva*.

Uma chuva de N2 possui diversos lexemas que são alvos em potencial, devido ao fato de a *chuva* ter um movimento para baixo, há nos dados o sentido de estar debaixo dela, isto é, ser atingido por ela. Este sentido favorece exemplares que possam ser arremessados em coisas ou pessoas, como forma de agressão, por este motivo seus lexemas não apareceriam facilmente com outras microconstruções. A microconstrução constrói um sentido, em boa parte dos contextos, de ser algo, potencialmente, ruim e perigoso. O sentido de ser uma ameaça criado por *uma chuva de N2* também é visto em alguns contextos de *uma enxurrada de N2*, contudo ele é mais latente na primeira.

Chuva e *enxurrada* se mostraram um pouco parecidas na ideia de que ambas perfilam o sentido de movimento, porém este é construído de maneiras diferentes. Enquanto *chuva* demonstra em seus dados a ideia de verticalidade que atinge um alvo, *enxurrada* implica em uma movimentação que indica entrada/chegada. Os exemplos a seguir com *denúncias* ilustram esta discussão, já que no primeiro vemos que se *recebe* uma enxurrada de denúncias, enquanto no segundo *denúncias* estão “caindo” sobre um alvo, que se encontra debaixo dela.

(387) <p>: e Srs. Deputados, toda vez que viajamos pelo interior do Estado recebemos **uma enxurrada de denúncias** contra Prefeitos ligados ao carlismo. (CORPUS BRASILEIRO)

(388) <p>: Em outubro do ano passado, *sob* **uma chuva de denúncias** de irregularidades, foi afastado do cargo. (CORPUS BRASILEIRO)

Cartas e *críticas* foram lexemas que apareceram entre os mais frequentes das duas microconstruções. *Críticas* no trabalho das autoras Verveckken e Delbecque (2018) foi o item mais frequente com *uma enxurrada de*. Em nosso trabalho, esse exemplar se mostrou mais atraído para *uma chuva de*, tendo a maior força de atração para esta microconstrução. O *construal* de movimento das duas microconstruções favorecem no recrutamento dos lexemas em questão, que são itens que podem ser “recebidos”; o primeiro, literalmente, e o segundo

em um contexto mais metafórico. Porém o verbo *receber* implica a ideia de movimento por transferência, o que explica a preferência por estas microconstruções.

Os exemplares *mensagens*, *dólares* e *recursos* instanciaram as microconstruções com *montanha* e *enxurrada*. *Uma montanha de N2* constrói o sentido de acumulação, que pode ser literal, no caso de papéis, por exemplo, ou virtual, como no caso de dívidas. O fato é que os contextos mostraram que os falantes avaliavam estar por baixo de uma *montanha* composta por algum lexema, isto é, é como se as coisas se acumulassem e soterrassem os personagens dos contextos analisados. Também foi relevante perceber que a microconstrução se mostrou bem diferente de *um monte de N2*, não foram recrutados referentes humanos, nem os referentes *coisas/coisa* e *gente*, exemplares fortes da microconstrução com *monte*. A seguir veremos dois exemplos:

(389) <p>: A recente onda de megafusões de bancos nos Estados Unidos está criando instituições que administrarão **uma montanha de recursos** desproporcional em relação ao *tamanho* do mercado brasileiro. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(390) <p>: É em janeiro que a Bolsa de Valores de São Paulo poderia *receber* **uma enxurrada de recursos** externos dos fundos internacionais se as avaliações sobre o futuro do Brasil fossem otimistas (*CORPUS BRASILEIRO*)

O primeiro induz a interpretação de acumulação, já que compara o “tamanho” da quantidade de recursos ao tamanho do mercado brasileiro e a avalia como desproporcional. O segundo, da mesma forma vista antes, provoca a ideia de movimentação. O exemplar *gols* instancia *uma montanha de N2* e *uma chuva de N2* e as mesmas interpretações discutidas antes permanecem:

(391) <p>: E, então, o que se vê é esse Palmeiras *somando* nas últimas rodadas **uma montanha de gols**, que sábado atingiu o paroxismo: 6 a 3. resultado que já coloca seu ataque lá no topo da artilharia. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(392) <p>: Se o Serginho colocar hoje o Santos lá no ataque, poderemos ter novamente **uma chuva de gols** na cidade (*CORPUS BRASILEIRO*)

No exemplo (390), o verbo somando indica que os gols do Palmeiras estão sendo *acumulados* em *uma montanha de gols*, enquanto no exemplo (391), a cidade parece que será novamente *atingida* por *uma chuva de gols*.

Dinheiro foi o exemplar que mais repetiu entre as microconstruções, já que apareceu nas microconstruções *um monte de dinheiro*, *uma montanha de dinheiro* e *uma chuva de dinheiro*. Da mesma forma que vimos com os outros exemplares, ele também apresentou diferenças em seu *construal*. Com *montanha*, ele foi o item mais recrutado, pois ele, assim como papel, favorece a interpretação de acúmulo e pilha, ligando-a mais facilmente a *montanha*. O mesmo sentido provavelmente foi atribuído nos primeiros usos de *um monte de N2*, entretanto, atualmente, não vemos a noção de acúmulo, somente a de quantificação; percebe-se, ainda, o tom de crítica, típico desta microconstrução. Já em *uma enxurrada de dinheiro*, mais uma vez observamos a ideia de entrada/movimentação do *dinheiro*.

(393) <p>: Dá a impressão de que o governo *arrecadou **uma montanha de dinheiro*** em 1995 (R\$ 316 bilhões, 42,8 % a mais), gastando quantias relativamente insignificantes na área social (*CORPUS BRASILEIRO*)

(394) <p>: Tem hora para levar essas coisas a sério, seríssimo, e tem hora para ir gastar **um monte de dinheiro** em *bobagem*, danem-se os pobres do mundo. (*CORPUS BRASILEIRO*)

(395) <p>: No dia anterior, houve uma **enxurrada de** dinheiro estrangeiro no mercado com a *entrada* de US\$ 400 milhões. (*CORPUS BRASILEIRO*)

Percebemos, acima, o uso das palavras *arrecadou* e *entrada* que permitem a interpretação de acumulação e movimentação – demasiadamente discutidas – bem como a nuance de criticidade em *um monte de dinheiro*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos, extensamente, as preferências colocacionais entre as microconstruções e entendemos que elas não são plenamente intercambiáveis na língua. Mesmo quando recrutam os mesmos lexemas, o que ocorre em poucos casos, constroem sentidos que interpretamos diferentemente. Sendo assim, procuramos demonstrar como os nomes quantificadores podem influenciar no tipo de item que instancia o seu *slot*, tal como a contribuição que ele fornece para o perfilamento das imagens conceptuais evocadas por cada microconstrução, que, como debatemos, foi bem diferente nos dados analisados.

Inicialmente, pensamos quais microconstruções poderiam ser analisadas e entendemos que muitos nomes no PB poderiam ser selecionados como um nome quantificador, isto é, um nome que pode ser um quantificador em potencial. Desta forma, optamos pela microconstrução com o nome *montanha* (*uma montanha de N2*), a fim de identificarmos se os nomes *monte* e *montanha*, tão próximos em seus significados literais recrutariam itens parecidos e se comportariam de modo semelhante. Posteriormente, decidimos que seria interessante pesquisar sobre as microconstruções quantificadoras *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2*, já que acreditávamos que os itens lexicais *enxurrada* e *chuva* teriam em comum a ideia de movimento na construção. Contudo, não identificamos muitas semelhanças nos sentidos construídos entre as microconstruções, embora haja algumas afinidades entre os nomes quantificadores, logo esta suposição não se confirmou na análise de dados.

A microconstrução *um monte de N2* é a mais variada dentre as microconstruções estudadas e recruta o maior número de exemplares, bem como os mais variados, o que proporciona uma cobertura maior de itens. Observamos que o NQ *monte* é o menos transparente, de maneira que os dados reflitam bem menos a influência desse nome quantificador. Uma de suas categorias mais fortes é AVALIAÇÃO NEGATIVA (*um monte de besteiras*), a qual indica que o falante faz uma avaliação ruim ou que não seja positiva; essa categoria possui muitos lexemas altamente atraídos para a microconstrução. Este sentido perpassa outros dados coletados e foi encontrado em muitos contextos, como em “*me disse um monte de coisas horríveis*” (CORPUS BRASILEIRO).

As relações simbólicas presentes na rede da microconstrução *um monte de N2* mostraram que a categoria HUMANOS (como vemos em *um monte de gente*, *um monte de crianças*) é a que mais possui ligações entre os exemplares e com as outras categorias. Por conta disso, entendemos que ela é mais relevante para as relações de sentido estabelecidas, já que por meio dela muitos usos parecem ter sido permitidos via analogia e ligações simbólicas.

Vale, ainda, destacar que os exemplares *gente*, *coisas* e *coisa* tiveram forças de atração infinitas para a microconstrução; acreditamos que eles se possam se configurar como *chunks* em nossa cognição por serem altamente reforçados pelas suas frequências.

Na microconstrução *uma montanha de N2* não foi observada uma categoria tão relevante e com múltiplas relações na rede semântica, mas podemos observar um exemplar forte, que é prototípico em sua categoria, *dinheiro*. Este exemplar, que possui a maior força colostrucional, é provavelmente um ímã para que outros exemplares sejam recrutados para a rede semântica da microconstrução, o que acreditamos ser a explicação para a alta frequência de um lexema como *dívidas*, que não é concreto e empilhável, mas que nos contextos encontrados, nesta pesquisa, indicavam ser dívidas de *dinheiro*. Os lexemas *dinheiro* e *papéis* parecem estabelecer mais relações semânticas entre os dados encontrados, o que nos faz acreditar que estes sejam mais centrais para a definição do sentido da construção, o que pôde ser confirmado a partir da análise de suas forças colostrucionais.

Entendemos que existe uma preferência colocacional da microconstrução por itens que mantenham o sentido de pilha; entretanto, este empilhamento nem sempre será construído de forma real, muitas vezes, o nome *montanha* culminará em uma ideia, na verdade, de amontoamento ou acúmulo virtual, que se intensificará quando o falante se sentir encoberto pelo item a ser quantificado, por exemplo, estou soterrado em *uma montanha de dívidas*. Esta avaliação subjetiva favorece o uso da microconstrução quantificadora com *montanha*. Isto nos faz acreditar que o falante perceba mais o nome quantificador nessa microconstrução do que naquela com o *monte*, estabelecendo, assim, uma acomodação maior de sentido entre o NQ e os itens angariados.

Para a microconstrução *uma enxurrada de N2* postulamos que a categoria de maior importância é JUSTIÇA, que se relaciona, de maneira próxima, a outras duas: FINANCEIRO e TRABALHO. Alguns membros dessa categoria são os exemplares com alta força de atração para a microconstrução: *ações* e *processos*, *dinheiro* e *dólares*, que favorecem a ideia de *enxurrada*, já que possuem sentidos que são desdobramentos do conceito de movimento, como, por exemplo, o de causa e consequência, tal como o de enfrentamento a uma ameaça; por isso observamos tantos exemplos com o verbo provocar ou locuções adverbiais que indicam causa e consequência – como “*provocando uma enxurrada de projetos*” (CORPUS BRASILEIRO) – além do sentido de enfrentar uma *enxurrada* (ameaça) – “*enfrentar uma enxurrada de liminares*” (CORPUS BRASILEIRO).

Sabemos que uma *enxurrada* causada por uma tempestade pode provocar muitos acontecimentos. Entendemos, então, que “*enxurrada*” pode perfilar o sentido de causa, isto é,

o motivo para algo acontecer, ou uma consequência, da mesma forma que ela é, literalmente, a consequência de um temporal. Desta forma, os nomes encontrados favorecem a literalidade do nome quantificador na microconstrução e são responsáveis por ajudar na conceptualização da ideia de movimento evocado por ele. Acreditamos que os sentidos de causa e consequência estão atrelados ao movimento que é típico de uma *enxurrada*, o que muitas vezes ocorre de forma repentina e inesperada, por isso entendemos que o *construal* de movimento pode ser encontrado em alguns exemplos.

Em *uma chuva de N2* não percebemos tantas ligações simbólicas como vimos na rede das outras microconstruções, nem categorias tão integradas. O exemplar mais atraído para a microconstrução foi *críticas*. Entendemos que o lexema é importante para o sentido da construção, pois *críticas* são direcionadas a um alvo, por isso o exemplar é a fonte para a entrada de diversos lexemas que também podem atingir um alvo, como observamos com outros exemplares que designam comidas que são arremessadas. Além disso, entendemos que ataques físicos ou verbais também alcançam alvos em potencial, ou seja, agressões atingem suas vítimas. Desta forma, entendemos que esta microconstrução é usada para contextos em que existem “vítimas”, literalmente ou não, que são vistas como alvos. A microconstrução constrói um sentido, em boa parte dos contextos, de ser algo, potencialmente, ruim, como um agressor. Percebemos, ainda, que devido ao fato de a *chuva* ter um movimento de cima para baixo há nos dados o sentido de estar debaixo da chuva de algum nome, com isso entendemos que os contextos indicam que existe a sensação de inundação, ficar submerso, por exemplo, por *uma chuva de críticas*.

Acreditamos que isso explica a força da categoria AGRESSÕES na rede, pois além de se seus membros indicarem violências verbais e físicas, vários outros elementos que tiveram ligações simbólicas com a categoria também se configuram como um tipo de ataque. Embora *críticas* não sejam ataques, muitas vezes elas podem gerá-los. Desta forma, esse exemplar, que é muito frequente, tem seu sentido associado à categoria e, com base na sua frequência, pode ter sido fonte para a analogia e os recrutamentos dos exemplares do *cluster*. Muitos dados “formaram” uma *chuva* porque foram arremessados, o que indica que a trajetória de movimento para baixo é mesmo o sentido mais forte construído pela microconstrução. Todavia, este movimento é diferente daquele construído com *enxurrada*, pois há a inferência de verticalidade, o que não ocorre em *uma enxurrada de N2*.

Em nossas hipóteses, postulamos que as microconstruções quantificadoras atrairiam diferentes tipos de exemplares, e que as forças de atração iriam variar, de acordo com cada microconstrução (a). Confirmamos, assim, que as microconstruções quantificadoras atraem

diferentes tipos de exemplares, bem como obtiveram diferentes forças de atração entre eles. Evidenciou-se, também, conforme a segunda hipótese (b) que o nome quantificador (*monte*, *montanha*, *enxurrada* ou *chuva*) influencia na combinação com um N2, o que parece afetar, como consequência, a escolha do falante por uma ou outra microconstrução.

Atestamos, com base na terceira hipótese (c), que as construções binominais quantificadoras possuem diferentes preferências colocacionais e seus sentidos são construídos diferentemente, por conta de cada nome quantificador. Mesmo em casos que exemplares iguais foram recrutados, o *construal* se mostrou diferente. Concluimos que cada microconstrução possui particularidades e sentidos próprios além da quantificação, permeando, assim, diferentes nichos na rede de construções binominais quantificadoras.

Acerca da hipótese (d) de que cada microconstrução apresenta particularidades e sentidos próprios além da quantificação, entendemos que, de fato, elas permeiam diferentes nichos na rede de microconstruções binominais quantificadoras. O grau de composicionalidade se mostrou diferente entre elas, pois a transparência do nome quantificador *monte* é menor do que outros estudados, o que estabelece diferentes relações de sentido entre as microconstruções e os referentes que aparecem em seus *slots*. Entendemos, assim, que as microconstruções estão em processos diferentes de construcionalização.

Um monte de N2 é uma microconstrução consolidada na língua, ampla e muito idiomática, refletindo, assim, apenas resquícios do significado literal do *monte*, como a ideia de acúmulo ou contiguidade. *Uma enxurrada de N2* parece estar em um processo um pouco mais avançado como construção gramatical do que as outras duas restantes, pois possui maior número de *types* e mais ocorrências, o que demonstra que está em processo de expansão semântica. *Uma montanha de N2* e *uma chuva de N2* são um pouco mais transparentes em seus contextos para os falantes, de modo que o nome quantificador parece influenciar mais no recrutamento de um N2. A produtividade de *uma chuva de N2* é ainda menor que a vista em *uma montanha de N2*.

Bybee (2010) postula que o modelo de exemplares está diretamente associado à produtividade, já que quanto maior o número de exemplares instanciando a construção, mais produtiva ela é e mais fortalecida na memória ela se torna, além de cada vez ser mais provável que um novo item seja mapeado por analogia a um item da nuvem de exemplares. Desta forma, entendemos que a análise de frequência foi muito importante neste trabalho. Com base em nossos dados, podemos postular as relações simbólicas de sentido, propostas por Diessel (2019), entre os exemplares das microconstruções quantificadoras e assim sugerir categorias que possam existir em nossa cognição e que emergem devido a nossa memória enriquecida e

experiência com os exemplares, alocados em categorias por semelhanças e por processo analógico.

A análise colostrucional possui três métodos distintos, aqui aplicamos a análise colexêmica, que calcula a força de atração entre nomes que instanciem um *slot* aberto e sua construção. Este tipo de análise corroborou algumas das percepções que tivemos na análise de frequência e trouxe entendimentos novos acerca das microconstruções, como por exemplo, a importância que um item ou uma categoria pode ter para o sentido expresso por elas, o que, possivelmente, colabora para o recrutamento de mais exemplares que se “encaixem” na imagem conceptual por elas construída.

A análise colostrucional também nos traz pistas sobre possíveis *chunks*, isto é, um indicativo de que esses exemplares altamente reforçados – devido a sua alta frequência – são rotinizados na mente humana e acessados de forma mais automática do que outros, as chamadas relações sequenciais de Diessel (2019). A alta atração desses exemplares para uma microconstrução o confirmam como elementos-chave para os seus sentidos e baseados neles muitos elementos serão recrutados.

Diessel (2019) entende que a estrutura linguística é representada em diferentes níveis de esquematicidade, que são relacionadas por relações taxonômicas e de herança; como dissemos, as microconstruções quantificadoras se ligam a uma construção mais geral e esquemática Um(a) N1 de N2. O surgimento de esquemas construtivos envolve categorização e analogia, que são influenciadas pela similaridade e frequências de tipo e ocorrência. Portanto, entendemos que diferentes nomes quantificadores podem instanciar o espaço do nome 1 e não somente aquelas que escolhemos estudar nesta pesquisa, sendo assim, não se esgotam, neste trabalho, as microconstruções quantificadoras. Acerca da construção de quantidade no PB ainda há muito a ser dito, contudo esperamos ter dado uma contribuição sobre os sentidos por elas postulados. Dito isso, registramos que pretendemos desenvolver mais estudos sobre as microconstruções debatidas, como por exemplo, entender um pouco mais sobre nossas habilidades cognitivas e o processamento mental de microconstruções binominais quantificadoras.

Na literatura muito se discute sobre quais seriam as vantagens de fazer uma análise colostrucional frente a uma análise de frequência simples. Neste trabalho, tivemos o objetivo de discutir as preferências colocacionais das microconstruções quantificadoras e para isso utilizamos as duas análises, a fim de entender qual delas acrescentaria mais à pesquisa. Fazer

uma análise de frequência foi importante para a percepção da gradiência da construção, já que observamos dados mais periféricos e o alcance das construções, sendo possível, assim formular a ilustração da rede de cada microconstrução. Entretanto, ao longo dos capítulos, concluímos que a análise estatística forneceu mais embasamento para as nossas discussões, já que as forças de atração trouxeram mais evidências das preferências de nossas microconstruções. Alonso e Leite de Oliveira (no prelo) postulam que

A análise colostrucional é vantajosa em relação à análise de frequência bruta, uma vez que uma frequência bruta alta de um lexema em um *slot* de uma dada construção pode se dever a fatores adversos que, por vezes, tangenciam os resultados, como, por exemplo, ao fato de que aquele lexema é extremamente frequente no *corpus* como um todo, de modo que sua recorrência no *slot* de uma dada construção pode ser tomada como um epifenômeno. Dessa forma, considerar a força de atração, como já demonstrado anteriormente, oferece um olhar privilegiado e mais acurado acerca das motivações que levam dois ou mais lexemas a coocorrerem dentro de uma mesma construção. (ALONSO E LEITE DE OLIVEIRA, no prelo)

A análise colostrucional se baseia no entendimento de que as construções e suas instâncias se atraem com base em motivações da ordem do significado. Porém, entendemos, nesta pesquisa, que a análise qualitativa dos dados é fundamental para a melhor interpretação dos dados e afastar a possibilidade de falseamento dos resultados. Esperamos, assim, mediante a nossa análise ter demonstrado os sentidos construídos por cada microconstrução quantificadora, suas preferências colocacionais e suas restrições, já que elas ocupam diferentes lugares na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, K. S. B. *Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: Uma abordagem baseada no uso*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

ALONSO, K. S. B.; LEITE DE OLIVEIRA, D. *Análise Colostrucional*. No prelo.

ALONSO, K. S. B.; LEITE DE OLIVEIRA, D. FUMAUX; N. C. A. Construções binominais quantitativas em perspectiva distintiva: uma análise colostrucional. *Odisseia*, Natal, RN, v. 4, n. esp., p. 173-193, jul.-dez. 2019.

ALONSO, K. S. B.; LEITE DE OLIVEIRA, D. FUMAUX; N. C. A.; NASCIMENTO, G. F.; SILVA, T. M. Quantifying binominal constructions in portuguese and russian: the case of um monte de NP and kucha NPgen. *Working. Papers. Linguistics* 21(1): 75-101, Florianópolis, jan./jul., 2020.

BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004. 410 p.

BERBER SARDINHA, T; MOREIRA FILHO, J.; ALAMBERT, E. *Corpus Brasileiro*. São Paulo: CEPRIL, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP, 2010

BOYLAND, J. T. *Usage-based models of language*. In: *Experimental and Quantitative Linguistics*, David Eddington (ed.), 351–419. Munich: Lincom, 2013.

BRODBECK, R. C. M. S. *Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

BYBEE, J and HOPPER, P. (eds.), *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representation. In Thomas Hoffman and Graeme Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013 p. 49-69.

CASTILHO, C. M. M. *Quantificadores Indefinidos*. In: CASTILHO, A. T., ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (Org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Vol II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford University Press on Demand, 2001.

DIESSEL, H. *The grammar network: how language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.

DIESSEL, H. "A Dynamic Network Approach to the Study of Syntax." *Frontiers in psychology* vol. 11 604853. 23 Nov. 2020.

FEITOSA, H. A., NASCIMENTO, M. C., ALFONSO, A. B. *Teoria dos conjuntos: sobre a fundamentação matemática e a construção de conjuntos numéricos*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011

FILLMORE, C. (1985). *Frames and the semantics of understanding*. *Quaderni di Semantica*, 6, 222-254.

FILLMORE, C. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (1988), pp. 35-55.

FILLMORE, C. J., KAY, P., & O'CONNOR, M. C. (1988). *Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Letalone*. *Language*, 64, 501-538.

FUMAUX, N. C. A. *Construcionalização de 'um monte de SN': uma abordagem centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

FUMAUX, N. C.; ALONSO, K; CEZARIO, M. M. *Construcionalização de um monte de N: uma abordagem centrada no uso*. *Espírito Santo: Revista Percursos Linguísticos*, v. 7, n.14, p. 139-158, 2017.

CUNHA, M. A. da; COSTA, M. A. & CEZARIO, M. M. *Pressupostos teóricos fundamentais*. In CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG A.; CASENHISER, D. *English Constructions. Handbook of English Linguistics*. In April McMahon and Bas Aarts (eds.) Blackwell Publishers, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GRIES, S. T. *Coll.analysis 3.5.: a script for R to compute perform collostructional analyses*, 2014.

GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. *Extending collostructional analysis: a corpus-based perspective on 'alternations'*. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 97-129, 2004.

HILPERT, M. *Collostructional analysis. Measuring associations between constructions and lexical elements*. In: GLYNN, D.; ROBINSON, J. A. (ed.) *Corpus Methods for Semantics*.

Quantitative studies in polysemy and synonymy. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

KAY, P. *Construction grammar. Words and the Grammar of Context*. (CSLI Lecture Notes 40, pp. 123-132). Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 1997.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. 2v.

LANGACKER, R. *A view of linguistic semantics*. In B. Rudzka-Ostyn (Ed.), *Topics in Cognitive Linguistics* (pp. 49-90). Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LANGACKER, R. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Mouton de Gruyter, 1990.

LEONETTI, M. *Los determinantes*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174.

MONTAGUE, R. *The proper treatment of quantification in ordinary English*. In Patrick Suppes, Julius Moravcsik & Jaakko Hintikka (eds.), *Approaches to Natural Language*. Dordrecht. pp. 221-242, 1973.

NASCIMENTO, G. de F. *Construções binominais quantificadoras da língua russa: uma abordagem baseada no uso*, 2018. Dissertação (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

PIERREHUMBERT, J. *Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast*. In J. Bybee (Ed.) & P. Hopper, *Frequency and the emergence of linguistic structure* (pp. 137–157). John Benjamins Publishing Company, 2001.

PINHEIRO, D. *Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso*. In: Patrícia Teles Alvaro; Lilian Ferrari. (Org.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. 1ed. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016, v. , p. 20-41.

PINHEIRO, D; ALONSO, K. *30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou)*. LINGUÍSTICA (RIO DE JANEIRO), v. 14, p. 6-29, 2018.

TAVARES, S. T. *Requisitos para a modelagem de padrões de cunhagem e construções semi-produtivas no constructicon da Framenet Brasil com foco no fomento ao desenvolvimento de trabalhos automáticos*. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

TAVARES, S. T. *A Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes polilexêmicos: Uma estrutura produtiva de quantificação no Português do Brasil*. Revista Gatilho, Juiz de Fora, V.16, p.(1-13), 2019.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard, 2003a.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English*. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219–250.

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

SANTOS, D. DOS, TAVARES, T. S., COSTA, ÉLIDA R., SOUZA, F. B. O. E, & SAMPAIO, T. F. (2018). As construções de quantificação indefinida no Português do Brasil. *Principia: Caminhos Da Iniciação Científica*, 17, 173–179..

STEFANOWITSCH, A., & GRIES, S. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8(2), 209–243, 2003.

STEFANOWITSCH, A., & GRIES, S. Covarying collexemes. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, 1(1), 1–43. 2005.

VERVECKKEN, K.; DELBECQUE, N. *Un montón de maneras de conceptualizar la cantidad: la persistencia conceptual en los cuantificadores binominales*. *Bulletin Hispanique*, 2018.

WITTGENSTEIN, L. *Gramática Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2003.